

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
HISTÓRIA

Sofia Vendramini Andrade

**Marly Vianna: a trajetória política de uma militante comunista no início dos anos 1960  
no Rio de Janeiro**

Florianópolis  
2021

Sofia Vendramini Andrade

**Marly Vianna: a trajetória política de uma militante comunista no início dos anos 1960  
no Rio de Janeiro**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em  
História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito  
para a obtenção do título de Bacharel e Licenciada em  
História

Orientador: Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado.

Coorientadora: Profa. Dra. Bernadete Wrublevski Aued.

Florianópolis  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Andrade, Sofia

Marly Vianna: a trajetória política de uma militante comunista no início dos anos 1960 no Rio de Janeiro / Sofia Andrade ; orientador, Paulo Pinheiro Machado, coorientador, Alex Degan, 2021.  
105 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. História. 2. Marly Vianna. 3. Trajetória política. 4. Movimento estudantil. 5. PCB. I. Pinheiro Machado, Paulo. II. Degan, Alex. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dois dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e um, às nove horas e trinta minutos, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Paulo Pinheiro Machado, Orientador e Presidente, pela Professora Bernadete Wrublewski Aued, Co-orientadora a Professora Edna Garcia Maciel Fiod, Titular da Banca, e pela Professora Lígia Regina Klein, Titular, designados(as) pela Portaria nº 43/2021/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Sofia Vendramini Andrade**, subordinado ao título: "**Marly Vianna: A trajetória política de uma militante comunista no início dos anos 1960 no Rio de Janeiro**". Aberta a Sessão pelo Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a candidata foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido do Professor Paulo Pinheiro Machado e da Professora Bernadete Wrublewski Aued, a nota final 10, da Professora Edna Garcia Maciel Fiod, a nota final 10 e da Professora Lígia Regina Klein, a nota final 10; sendo aprovada com a **nota final 10**. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia nove de dezembro de dois mil e vinte e um. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.  
Florianópolis, 2 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.a Bernadete W. Aued



Documento assinado digitalmente

Paulo Pinheiro Machado

Data: 02/12/2021 12:23:04-0300

CPF: 415.676.840-68

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Paulo Pinheiro Machado

Prof.a Edna Garcia Maciel Fiod

Prof.a Lígia Regina Klein



Documento assinado digitalmente

Sofia Vendramini Andrade

Data: 06/12/2021 10:26:33-0300

CPF: 096.581.379-70

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Candidata Sofia Vendramini de Andrade



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Atestado**

Atesto que a acadêmica **Sofia Vendramini Andrade**, matrícula 17250365, entregou a versão final de seu TCC cujo título é “Marly Vianna: a trajetória política de uma militante comunista no início dos anos 1960 no Rio de Janeiro”, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 9 de dezembro de 2021.



Documento assinado digitalmente  
Paulo Pinheiro Machado  
Data: 09/12/2021 09:57:32-0300  
CPF: 415.676.840-68  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Professor Orientador

## AGRADECIMENTOS

Sempre gostei de ler agradecimentos, aqueles que vão além da formalidade, pois evidenciam que nenhuma pesquisa é feita individualmente, é fruto do conhecimento acumulado e do trabalho de muitos pesquisadores, mas também da orientação cuidadosa e do apoio de pessoas muito especiais, esse trabalho não teria sido possível sem essas pessoas.

Agradeço a todos os professores que contribuíram com a minha formação, que encaram diariamente o desafio de lecionar num país que desvaloriza essa profissão, ataca a autonomia docente e precariza o seu trabalho. Agradeço em especial àqueles que me estimularam a pensar criticamente acerca da realidade.

Sem a participação no movimento estudantil, esse trabalho não teria se realizado, ainda que, também por conta do meu envolvimento nele, o trabalho tenha se alongado mais do que o esperado. Meu interesse em estudar o período da vida de Marly no qual ela participou do movimento estudantil advém da minha atuação neste e da vontade de estudar sua ação em um outro momento histórico. Agradeço aos companheiros que me mostraram que a formação não se encerra na sala de aula e que experienciar a universidade pública significa também lutar por ela.

Aos camaradas da União da Juventude Comunista e do Partido Comunista Brasileiro, agradeço por toda a formação política e prática, com vocês aprendi que por mais detestáveis que sejam nossos tempos há o porvir, o ser e o dever ser. A militância me mostrou a importância do ser coletivo e a responsabilidade que dele advém, me deu, parafraseando Neruda, a fraternidade para o que não conheço, me ensinou a ver a unidade e a diferença dos seres humanos, me fez indestrutível porque junto de vocês camaradas, não termino em mim mesma.

Agradeço ao meu pai Márcio que primeiramente me deu a ideia para o tema desse trabalho e fico muito feliz que acatei. Mesmo longe se fez perto com mensagens de apoio e força. Pai, você me fez ver a ciência como uma maneira de pensar, como uma vela no escuro, me ensinou a olhar com curiosidade a vida e a questionar por que as coisas são como são. Agradeço à minha irmã que sempre me apoiou e acreditou na minha capacidade, mesmo quando duvidei. Júlia, você é exemplo de ternura e coragem. E agradeço à minha mãe Célia que foi a grande responsável pelo desenvolvimento de meus valores éticos de solidariedade e inconformismo que carregou. Mãe, não consigo colocar em palavras o quanto você me ajudou em todo esse processo do TCC, sua confiança em mim, os puxões de orelha, as correções e o acolhimento tornaram esse trabalho possível.

Às minhas amigas Júlia, Eduarda, Brenda e Débora que, entre lamentos e afagos, me fizeram sentir acolhida e abraçada. A vida com vocês é mais leve e vale a pena ser vivida.

À minha coorientadora e camarada Bernadete que me emprestou diversos livros, corrigiu com atenção e cuidado o trabalho e, para além disso, me motivou a escrever. O seu incentivo foi essencial para a conclusão desse trabalho.

Ao meu orientador e professor Paulo que desde o primeiro momento em que conversamos aceitou prontamente me orientar e assumiu junto comigo a proposta de TCC, contribuindo para que ela se tornasse viável.

Para finalizar, agradeço imensamente à Marly, a quem tenho enorme admiração, ternura e afeto. Obrigada pela possibilidade de conhecer e poder escrever sobre parte de sua trajetória.

Temos um esplêndido passado pela frente.  
Para os navegantes com sede de vento a memória é um porto de partida.

*Eduardo Galeano*

Tem os que passam  
e tudo se passa  
com passos já passados

tem os que partem  
da pedra ao vidro  
deixam tudo partido

e tem, ainda bem,  
os que deixam  
a vaga impressão  
de ter ficado

*Alice Ruiz S*

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a trajetória político-partidária da historiadora Marly de Almeida Gomes Vianna, iniciada na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual UFRJ, no Rio de Janeiro. O objetivo do trabalho é analisar as múltiplas determinações na formação de uma mulher militante comunista no início dos anos 1960 no Brasil, dando ênfase à participação no movimento estudantil universitário da época e no partido político. A pesquisa está compreendida no campo de estudos da História Política e pretende orientar-se pelo materialismo histórico-dialético. Faz uso da história oral por meio da realização de entrevistas, as quais foram complementadas pela análise de documentos e publicações, consulta a documentos e jornal do PCB e matérias em jornais de circulação nacional e local da época. A partir da contextualização histórica do período delimitado para a análise (1961 a 1963), foi possível situar o ingresso de Marly Vianna no movimento estudantil e no PCB. Foram abordados diversos elementos objetivos e subjetivos responsáveis pela constituição de uma militante comunista, portanto centrais no processo de formação da consciência e organização política. Eles se referem à conjuntura nacional e internacional, ao contexto do movimento estudantil no período, especialmente na Faculdade de Filosofia, à atuação do PCB e dos comunistas, bem como as amizades marcantes. Todos estes aspectos se inter-relacionam com a personalidade da militante e sua abertura para o engajamento social e político.

**Palavras-chave:** Marly Vianna. Trajetória política. Movimento estudantil. PCB.

## ABSTRACT

This work has as its object of study the political-party trajectory of historian Marly de Almeida Gomes Vianna, initiated at the at the National Faculty of Philosophy of the University of Brazil, currently UFRJ, in Rio de Janeiro. The objective of the work is to analyze the multiple determinations in the formation of a militant communist woman in the beginning of the 1960s in Brazil, emphasizing the participation in the university student movement of the time and in the political party. The research is comprised in the field of Political History studies and intends to be guided by historical-dialectical materialism. It uses the oral history through interviews, which were complemented by the analysis of documents and publications, consultation of documents and PCB newspaper and articles in national and local newspapers at the time. From the historical contextualization of the period defined for the analysis (1961 to 1963), it was possible to place the entry of Marly Vianna in the student movement and in the PCB. Several objective and subjective elements responsible for the constitution of a communist militant were approached, therefore central in the process of formation of conscience and political organization. They refer to the national and international situation, the context of the student movement at the time, especially at the Faculty of Philosophy, the role of the PCB and the communists, as well as the remarkable friendships. All these aspects are interrelated with the activist's personality and her openness to social and political engagement.

**Keywords:** Marly Vianna. Political trajectory. Student movement. PCB

## SUMÁRIO

|            |   |           |
|------------|---|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>15</b> |
| <b>2</b>   | <b>DAS MINAS GERAIS AO RIO DE JANEIRO: O INÍCIO DE UMA<br/>TRAJETÓRIA POLÍTICA NOS ANOS 1960.....</b>         | <b>24</b> |
| <b>2.1</b> | <b>O início das mudanças.....</b>   | <b>31</b> |
| <b>2.2</b> | <b>Os anos 1960 e a participação nas eleições.....</b>  | <b>33</b> |
| <b>2.3</b> | <b>A entrada na universidade e no PCB.....</b>  | <b>38</b> |
| <b>2.4</b> | <b>A participação no movimento estudantil - uma comunista estudante ou uma<br/>estudante comunista? .....</b> | <b>44</b> |
| <b>2.5</b> | <b>O anticomunismo .....</b>  | <b>50</b> |
| <b>2.6</b> | <b>“Só com vestibular que o Lacerda pode entrar! E se passar!”.....</b>                                       | <b>54</b> |
| <b>3</b>   | <b>O FORMAR-SE DE UMA MILITANTE COMUNISTA.....</b>  | <b>57</b> |
| <b>3.1</b> | <b>“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida” .....</b>                           | <b>62</b> |
| <b>3.2</b> | <b>Uma escolha entre possibilidades .....</b>   | <b>64</b> |
| <b>3.3</b> | <b>A consciência implica organização política .....</b>   | <b>66</b> |
| <b>4</b>   | <b>CONCLUSÃO.....</b>   | <b>69</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>72</b> |
|            | <b>APÊNDICE.....</b>  | <b>78</b> |
|            | <b>ANEXOS.....</b>  | <b>78</b> |



## 1 INTRODUÇÃO

*Vós, que vireis na crista da maré  
em que nos afogamos  
pensai  
quando falardes em nossas fraquezas  
também no tempo sombrio  
a que escapastes.  
Vínhamos nós então mudando de país mais  
do que de sapatos,  
em meio às lutas de classe, desesperados,  
enquanto apenas injustiça havia e revolta  
nenhuma.  
Entretanto sabíamos:  
também o ódio à baixeza  
endurece as feições,  
também a raiva contra a injustiça  
torna mais rouca a voz. Ah, e nós  
que pretendíamos preparar o terreno para  
a amizade,  
nem bons amigos nós mesmos pudemos ser.  
Mas vós, quando chegar a ocasião  
de ser o homem um amigo para o homem,  
pensai em nós  
com simpatia.  
Bertolt Brecht, Aos que vão nascer*

Essa poesia de Brecht diz muito sobre o nosso tempo, tempo sombrio em que as lutas do passado são soterradas pela ideia de um “eterno presente”, que atribui a esse período particular da história, a sociedade capitalista, um caráter absoluto, que nos impede de visualizar um projeto de futuro. Tal perspectiva, de orientação pós-moderna, abandona a teoria marxista e o questionamento ao sistema capitalista. O mundo social se transforma em pura imagem e representação, perde-se de vista a tentativa de buscar compreender as bases sob as quais se estrutura a sociedade. No campo da História é extremamente danoso, pois coloca em questão a possibilidade do conhecimento objetivo, ao compreender a História como mera representação, supervalorizando uma narrativa relativista e fragmentada. (CARDOSO, 1999 e KOHAN, 2007)

Este trabalho insere-se numa tradição da História que compreende o sujeito social em seu movimento e ação, como produto e produtor da história, conforme desenvolvido por Marx e Engels (2007) e Thompson (1981). Busca estabelecer uma relação dialética entre uma trajetória singular e o contexto social, político e cultural que a engendra, neste caso, o meio universitário e partidário de 1961 a 1963 no Rio de Janeiro. É nesse período que se constitui o

início da trajetória político-partidária de Marly de Almeida Gomes Vianna, num contexto de efervescência das lutas estudantis e operárias que anunciavam mudanças, brutalmente interrompidas pelo golpe militar de 1964.

A trajetória de militância político-partidária de Marly motiva-me a realizar esse trabalho. Ela ingressa na faculdade aos 24 anos, já casada e com três filhos, para cursar História. Logo que entra na universidade (1961) passa a militar no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Tem uma militância intensa no movimento estudantil na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ), com alto grau de politização e intensa mobilização estudantil.

Com o golpe militar de 1964, Marly deixa a universidade e passa a viver clandestinamente, conta que no dia do golpe, "quando soube que o Lacerda estava preparando uma invasão à universidade, eu fui pra UNE para mandar que todo mundo fosse para o CACO que era perto do ministério da guerra"<sup>1</sup>. No dia 1 de abril de 1964, a sede da UNE é incendiada e depredada pelos golpistas (ver Anexo 1). Segue com seu trabalho como professora numa escola primária e, em seguida, trabalho por curto tempo no consulado da URSS no Brasil até março de 1965.

Em fins de junho de 1965, é uma das organizadoras da primeira grande manifestação contra a Ditadura Militar, uma vaia ao Castelo Branco (então presidente do Brasil) na aula inaugural do Fundão (campus da atual UFRJ). Castelo Branco, acompanhado do ministro da Educação - Raimundo Moniz Aragão, o ministro da Fazenda - Octávio Gouvêa de Bulhões, os ministros das Casas Civil e Militar - Luís Viana Filho e Ernesto Geisel e o embaixador dos EUA - Lincoln Gordon, entre outras autoridades, é vaiado por cerca de 150 estudantes. Cinco estudantes são presos imediatamente no local pela Polícia do Exército (ver Anexo 2).

No dia 15 de março haveria a inauguração do Fundão, com a presença do Castelo Branco. Então, nós organizamos a primeira grande manifestação contra a ditadura (...) organizamos assim: primeiro, todo mundo ia de luto e mordaza e dividimos as outras tarefas: a Química ia fazer fedor. Espalhávamos as ampolas pelo chão, como ampola de injeção, quebra fácil, e quando aquilo estourava, era um fedor, não tinha quem aguentasse. A Química ficou encarregada de fazer o fedor. Nós fizemos finanças, compramos um macaco que custou trinta contos naquela época e o macaco ficou por conta da Medicina. Fizemos uma faixa de presidente, o macaco ia ser largado lá com a faixa quando o Castello Branco entrasse. Só que aconteceu com o macaco o que às

---

<sup>1</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.

vezes acontece com as pessoas, quanto mais tranquilizante tomava, mais agitado ficava (risos) e o macaco fugiu."<sup>2</sup>

Em junho estava em São Paulo e ao passar por uma banca de jornal vê seu retrato na primeira página do jornal "O Globo" (ver Anexo 3). Recebe de seu irmão um aviso: "a polícia está lá na porta e o Gazaneo mandou avisar que soube que agora a situação é séria, pra você sumir". Marly é obrigada a partir para a clandestinidade e fica sem poder ver os filhos. Vai para Moscou estudar no Instituto de Ciências Sociais por dois anos (1965-1967).

Cheguei a Moscou em julho de 1965. Sem conhecer a língua... Foi no Instituto de Ciências Sociais. Tínhamos aulas de Filosofia, Língua Russa, História do Partido Comunista da União Soviética, Teoria e Tática do Movimento Operário Internacional, depois de um ano você tinha o que eles chamavam de prática, você passava quinze dias numa das quinze repúblicas soviéticas autônomas.<sup>3</sup>

Ao fim desse período, retorna ao Brasil e à militância clandestina. A partir de 1968, com a promulgação do AI 5, Marly vive situações arriscadas, na iminência de ser descoberta e presa, passa a viver quinze dias em São Paulo e outros quinze no Rio de Janeiro, transitando pela rodovia Presidente Dutra entre a noite e a madrugada. Em 1971, a pedido de Orlando Bonfim Junior (membro do Comitê Central, da Comissão Executiva e responsável pelo Jornal do Partido "Voz Operária"), Marly aceita a tarefa de transportar e guardar em um local seguro o Arquivo do Astrojildo Pereira, um dos fundadores do PCB. Correndo grandes riscos, Marly, com a ajuda de camaradas e amigos, guarda o arquivo por dois anos, durante os quais ela organiza o acervo, descobrindo documentos preciosos da memória operária do país.<sup>4</sup> (ver Anexo 4)

Em 1974 desaparecem sete militantes do Comitê Central do Partido (mais tarde se descobre que foram assassinados) e a segurança de Marly e do Arquivo corre perigo. Uma operação é feita para transferir o Arquivo de Astrojildo Pereira para o Rio de Janeiro, onde fica sob a guarda de Zuleide Faria de Melo, também militante do PCB. Em novembro de 1974, Marly vai fazer um curso de dois meses sobre *O Capital* de Karl Marx, em Moscou, mas acaba

---

<sup>2</sup> Trechos da entrevista realizada por Angela Roberti e Erica Sarmiento à Marly na Universidade Salgado de Oliveira em Niterói, em maio de 2017, intitulada: "Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras".

<sup>3</sup> Trechos da entrevista realizada por Angela Roberti e Erica Sarmiento à Marly na Universidade Salgado de Oliveira em Niterói, em maio de 2017, intitulada: "Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras".

<sup>4</sup> As informações a respeito da preservação do arquivo Astrojildo Pereira estão disponíveis no livro organizado por Maria Ciavatta (2015).

voltando ao Brasil apenas em 1979 com a anistia, devido à orientação do Partido para que ficasse no exílio tendo em vista o aumento da perseguição ao PCB.

Em Moscou recebe um recado do delegado torturador Fleury, por meio de algum militante que havia sido solto: “Manda um recado para o Givaldo, para o Sales e pra Marly, para eles, se tiverem coragem, voltem para o Brasil”, aí o Givaldo [Pereira de Siqueira] disse assim...: “Se alguém puder mande um recado a Fleury, se ele tiver coragem que ele venha a Moscou”.<sup>5</sup>

No período em que fica em Moscou sem poder retornar, Marly conta que estava

totalmente em função do Brasil, repito, nunca me senti exilada, era um parêntese da minha vida, esperando para voltar para o Brasil a qualquer momento. (...) Eu era funcionária do Partido. Se eu tivesse [um trabalho civil], como o caso de muita gente, procurar um trabalho “civil” e me estabelecer, talvez fosse diferente, você procura se ligar. Eu não, estava lá morando provisoriamente, nunca me senti pertencente a nenhum desses lugares, nem à Moscou, nem à França, nem à Espanha.<sup>6</sup>

Marly vive na França de 1978 a abril de 1979. Ela compõe o secretariado do Comitê Central do Partido entre 1976 e 1979. Em janeiro de 1979, em reunião do Comitê Central em Praga, pede afastamento dos órgãos de direção do Partido. Em 1980, já de volta ao Brasil, retoma e conclui seu curso em História pela UFRJ (1981), 20 anos depois.

Marly prossegue com a carreira acadêmica fazendo mestrado em Economia Agrária na Universidade Federal de Campina Grande/ Paraíba (1985) e doutorado em História Social na Universidade de São Paulo (1990). É professora aposentada da Universidade Federal de São Carlos, onde foi diretora do Arquivo de História Contemporânea e diretora-presidente da Fundação Pró-Memória de São Carlos. Atuou até 2020 no programa de pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Pesquisa principalmente a História do Brasil República, com foco nos seguintes temas: partidos políticos, movimentos sociais, tenentismo, pensamento de esquerda no Brasil: história do Partido Comunista Brasileiro, socialismo e anarquismo. É membro e colaboradora do IAP - Instituto Astrojildo Pereira. Entre as dezenas de artigos que escreveu, bem como organização de livros, livros em

---

<sup>5</sup> Trechos da entrevista realizada por Angela Roberti e Erica Sarmiento à Marly na Universidade Salgado de Oliveira em Niterói, em maio de 2017, intitulada: “Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras”.

<sup>6</sup> Trechos da entrevista realizada por Angela Roberti e Erica Sarmiento à Marly na Universidade Salgado de Oliveira em Niterói, em maio de 2017, intitulada: “Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras”.

coautoria, capítulos de livros, trabalhos em eventos, textos em jornais e revistas, entre outras publicações, destaca-se seus livros autorais: *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*, em sua terceira edição, publicado pela Expressão Popular (2007 e 2011) e pela Companhia das Letras (1992); *Política e rebelião nos anos 30*, também na terceira edição e publicado pela Editora Moderna (1995 e 2002); *Pão, terra e liberdade: memória do movimento comunista de 1935*, publicado pela Editora da UFSCar, em 1995.

Por que a Marly? Lembro do dia em que perguntei a ela se poderia escrever sobre sua trajetória política. Eu estava em sua casa no Rio de Janeiro e ela mostrava-me seus livros que não cabiam em um só cômodo, estavam até na lavanderia. Eu a acompanhava esperando o momento, bastante ansiosa e insegura, para fazer o pedido. Ela ficou surpresa, não entendendo o motivo do interesse pela sua trajetória em particular, mas dispôs-se a ser entrevistada e, de forma muito generosa, aceitou compartilhar sua história comigo. Modifico a pergunta inicial, por que não a Marly?

Uma pessoa que “viveu dentro do mundo, que não apenas o olhou de longe, mas de dentro dele, que sentiu e viveu seus problemas, que pensou, escreveu e sobretudo, agiu, pois é a ação que marca uma vida.” (BASBAUM, 1976, p.14). Sua militância política foi no PCB, partido com uma história, como diz Astrojildo Pereira, um dos fundadores do partido, "rica em ensinamentos (inclusive em seus aspectos negativos), e que é parte integrante da história política e social do país a partir de 1922." (PEREIRA, 2012, p.30). Por meio da trajetória de uma militante é possível se aproximar de um determinado contexto histórico, seus impasses, contradições e as esperanças dos sujeitos que atuam sobre ele, no caso deste trabalho, os comunistas organizados no PCB.

Ao escrever sobre a trajetória de Marly, fui advertida para manter um distanciamento crítico e aparentemente esse alerta é comum. Ronaldo Aguiar ouviu o mesmo ao escrever a biografia de Manoel Bomfim. Pergunto, é possível escrever sobre a trajetória de alguém que não desperta algum sentimento, seja de ódio, amor, desprezo, indiferença? Segundo Aguiar (2000, p.19), "o que realmente vale numa biografia é o respeito político e intelectual que o biógrafo deve ter pelo biografado. Existindo tal respeito, o biógrafo jamais transforma o seu "herói" num santo ou num demônio, acima da sua humana condição".

É pertinente adicionar que irei abordar a trajetória de uma mulher militante - num período em que as lideranças eram predominantemente masculinas - que esteve à frente de ações de grande radicalidade, as quais colocaram em risco sua própria vida. Escolhi escrever sobre a Marly por ela ser historiadora e possuir uma visão crítica e histórica acerca do período

em que viveu. Afinal, o trabalho de lembrar não é reviver o passado, mas re-fazer, refletir a partir do agora aquilo que passou. Em uma palestra nos 90 anos do PCB, Marly inicia sua fala perguntando: “Por que nós acumulamos derrotas? (...) Por que, se nós temos toda a razão, não conseguimos chegar ao coração das massas? Onde está o nosso erro?” (VIANNA, 2012). Penso que a melhor história seja aquela escrita por aqueles que perderam algo, pois estes têm maior necessidade de compreender o ocorrido para, a partir da reflexão sobre os erros e equívocos, avançar na ação (HOBSBAWM, 2013). A autocrítica está sempre presente em suas análises sobre a história do PCB, bem como a simpatia por aqueles que lutaram. Afinal, como diz Marx (1973, p. 29), no Prefácio do livro *Contribuição para a Crítica da Economia Política*: “Assim como não se julga um indivíduo pela ideia que ele faz de si próprio, não se poderá julgar uma tal época de transformação pela sua consciência de si, é preciso, pelo contrário, explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção.” Ou seja, analisar os sujeitos a partir do seu contexto histórico.

O objetivo geral deste trabalho foi analisar as múltiplas determinações na formação de uma mulher militante comunista no início dos anos 1960 no Brasil, dando ênfase à ação política dos comunistas no meio universitário da época. Os objetivos específicos da pesquisa foram: compreender o contexto histórico do início dos anos 1960 no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, que marcam o início do engajamento político de Marly; e identificar os elementos que contribuem para a sua participação política no movimento estudantil e no partido político.

Tais objetivos são desenvolvidos nos dois capítulos que compõem este trabalho. No primeiro capítulo contextualizamos a participação de Marly no movimento estudantil e seu ingresso no PCB, no início dos anos 1960 no Rio de Janeiro, abordando os elementos sociais, culturais e políticos daquele período. Também são apresentados alguns antecedentes, referentes ao contexto de nascimento de Marly, sua família, seus amigos e sua entrada no Instituto de Educação e na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil.

No segundo capítulo nos aproximamos daquilo que constitui uma militante comunista. São abordados diversos elementos objetivos e subjetivos que foram considerados, no decorrer da pesquisa, centrais no processo de formação da consciência e da organização política de Marly. Eles se referem à conjuntura nacional e internacional, ao contexto do movimento estudantil no período, especialmente na Faculdade de Filosofia, à atuação do PCB e dos

comunistas que cruzam o caminho de Marly, bem como as amizades marcantes. Todos estes aspectos se inter-relacionam com a personalidade da militante e sua abertura para o engajamento social e político.

Essa pesquisa está compreendida no campo de estudos da História Política e pretende orientar-se pelo materialismo histórico-dialético, método desenvolvido por Marx e Engels no século XIX para a compreensão e transformação da realidade. As categorias fundamentais do método nos auxiliam a uma maior aproximação com o real. O materialismo histórico-dialético concebe a história como um processo em constante movimento que se dá através da ação de homens e mulheres enquanto seres sociais.

Para a realização do meu TCC trabalhei com a história oral. O valor fundamental de um depoimento oral não reside tanto na produção de informações novas e substantivas. Na verdade, quase sempre ocorre uma convergência básica com os dados e as interpretações contidas nos documentos escritos. (GOMES; FLAKSMAN; STOTZ, 1988). As fontes orais "contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez". (PORTELLI, 1997, p.7). Um dos aspectos que distingue a história oral das demais fontes históricas é sua capacidade de abrir novas perspectivas em relação ao passado e rever dados e interpretações já estabelecidas.

Os documentos orais produzidos por meio de entrevistas são o "resultado de um relacionamento" (PORTELLI, 1997) que exigem do pesquisador um nível de envolvimento distinto. Ele participa do processo de construção do documento-relato na medida em que traz questões e reage a elas e dá ao testemunho sua forma. (GOMES; FLAKSMAN; STOTZ, 1988).<sup>7</sup> Se é verdade que os documentos escritos constituem também uma representação do fato real, não estando assim livres de subjetividade, as fontes orais são também variáveis e parciais, portanto é necessário que junto delas sejam combinadas outras fontes.

Realizei duas entrevistas<sup>8</sup> com a Marly Vianna a respeito de sua vida e militância político-partidária, com foco nos anos de 1961 a 1963, período abordado nesse trabalho. Para compreender o seu processo de constituição enquanto uma militante comunista, busquei

---

<sup>7</sup> Uma outra questão essencial que o método de Marx e Engels nos ajuda a compreender é o caráter histórico e social da pesquisa, como coloca José Paulo Netto: "o sujeito está implicado no objeto. Por isso mesmo, a pesquisa - e a teoria que dela resulta - da sociedade exclui qualquer pretensão de neutralidade" (NETTO, 2011, p.23). Isso não exclui a possibilidade de haver objetividade na pesquisa.

<sup>8</sup> As entrevistas foram realizadas de forma remota, em virtude da pandemia da Covid-19 e a decorrente necessidade de isolamento. Foram realizadas nos dias 4 de junho e 29 de setembro de 2021.

conhecer os antecedentes do seu ingresso na universidade. Além das entrevistas, utilizei documentos e publicações que tratam de sua trajetória (duas entrevistas transcritas e entrevistas em vídeo, além da entrevista de Marly para o livro organizado por Maria Ciavatta sobre a preservação do acervo histórico Astrogildo Pereira). Foram consultados documentos do PCB (resoluções partidárias referentes ao recorte temporal do projeto) e matérias em jornais de circulação nacional (O Globo), local (Correio da Manhã, do Rio de Janeiro) e o jornal Novos Rumos do PCB. Todo o material (entrevistas e documentos) foi analisado à luz do referencial teórico deste trabalho e com base na literatura historiográfica sobre o período analisado.

A categoria *trajetória de militante* apresenta-se neste projeto em correspondência com seu objetivo principal, a análise da trajetória da militante comunista Marly Vianna e sua atuação no PCB. Compreende-se que a trajetória é um processo que expressa um determinado trajeto dentro de uma possibilidade de bifurcações, o que nos leva a questionar: por que o sujeito é impelido a seguir um ou outro caminho? Sendo assim, o trajeto precisa ser qualificado dentro de um determinado contexto histórico. E dentro deste contexto, identificar quais condições sociais e políticas conduziram a Marly a fazer um determinado percurso. Assim como Lencina (2011, p. 22), em sua dissertação de mestrado sobre o *Camarada Aldo Pedro Dittrich: trajetória profissional, política e repressão (1950-1964)*, pretende-se apreender as experiências vividas como “expressões da tensão entre as suas escolhas individuais e as determinações sociais.”

Por se tratar de uma trajetória de militância, reconhece-se, de acordo com Kofes (2001, p. 14), que não será “possível escapar inteiramente de uma das regras da narração, ou seja, da seleção que os agentes fazem do que é ou não contado”. Além disso, a autora (p. 124) alerta que seria “uma ilusão ignorar no trato biográfico a mediação de sua narração”, pois o narrador, ou autor, é também personagem e, como tal, “projeta experiências, ações, acontecimentos e tece sua identidade. Ao tecer o enredo, constitui a si mesmo”. Deste modo, não somos apenas os ouvintes dos depoimentos, também os descrevemos, não há, portanto, neutralidade na pesquisa.

Ao escrever uma trajetória, deve-se ter o cuidado para não a apresentar como algo linear, livre de contradições, incertezas e incoerências. Levi (2006, p. 169) nos alerta em relação a isso dizendo que nós "como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado (...) contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas."

Nossa sabedoria enquanto historiadores não consiste em compreender melhor o período passado em relação àqueles que o vivenciaram, mas perceber que “a passagem do tempo propiciou a arma final dos historiadores, a retrovisão” (HOBSBAWM, 2013, p.323). Retrovisão necessária para enfrentar o momento atual e o devir.

A conjuntura atual nos impõe diversos desafios para a organização da classe e para produzir uma nova forma histórica de vida em sociedade, a qual implica uma ciência objetiva, fundada na prática social e histórica. Os desafios não são novos, advém da contradição entre capital e trabalho, ainda que novas questões se apresentem, como por exemplo, as formas atuais de expropriação dos meios de subsistência, dos direitos sociais, a exploração dos trabalhadores que ganha novas formas, a disponibilidade cada vez maior de uma massa de trabalhadores que se desloca para diferentes lugares e setores em busca de trabalho, a degradação ambiental que coloca em risco a própria humanidade. O Brasil está entre os países mais violentos do mundo, o que se evidencia nas violências contra os povos originários, negros e população das periferias, mulheres, ambientalistas, sindicalistas e defensores de direitos humanos.

A burguesia ganhou a luta de classes no século XX e segue ganhando no século XXI, mas não sem enormes obstáculos e enfrentamentos. A partir da segunda metade dos anos 1980, a contrarrevolução neoliberal se impôs sobre o mundo com o fim da União Soviética e a vitória do capitalismo foi avassaladora. Um famoso ditado popular africano afirma que enquanto os leões não tiverem historiadores, a história das caças vai continuar glorificando os caçadores. Um dos principais espólios nessa guerra foi que os caçadores escreveram a história desse século e da modernidade burguesa no geral, expropriando as classes trabalhadoras também de sua história. Penso que refletir sobre a trajetória de Marly, a atuação do movimento estudantil no início dos anos 1960 e a luta dos comunistas contribui para escrever essa história. Sua trajetória aponta para a necessidade da organização, da ação coletiva, da radicalidade e da imaginação política para superar esse nosso tempo de feições endurecidas diante da barbárie, do arbítrio e do avanço da extrema direita. Apresento abaixo as palavras de Marly Vianna, na apresentação do livro do Astrojildo Pereira, sobre a necessidade da organização partidária e do projeto histórico dos comunistas.

Levantam-se hoje questões a respeito da validade do socialismo, do comunismo, do pensamento de Marx, da organização partidária leninista, ao mesmo tempo em que uma ofensiva imperialista sem limites parece indicar que chegamos à barbárie. O livro de Astrojildo não só nos ajuda a refletir sobre tais questões - a partir da análise crítica da formação de um partido comunista, o PCB - como indica que o comunismo continua a ser um caminho válido para a humanidade. (VIANNA, 2012, p.17)

## 2 DAS MINAS GERAIS AO RIO DE JANEIRO: O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA POLÍTICA NOS ANOS 1960

*Minas não é palavra montanhosa  
É palavra abissal  
Minas é dentro e fundo  
As montanhas escondem o que é Minas.  
No alto mais celeste, subterrânea,  
é galeria vertical varando o ferro  
para chegar ninguém sabe onde.  
Ninguém sabe Minas.  
A pedra  
o buriti  
a carranca  
o nevoeiro  
o raio  
selam a verdade primeira,  
sepultada em eras geológicas de sonho.  
Só mineiros sabem.  
E não dizem nem a si mesmos o  
irrevelável segredo  
chamado Minas.*

*Carlos Drummond de Andrade, A palavra Minas.*

É nas terras das Minas Gerais que nasce, em 1937, Marly de Almeida Gomes Vianna, na cidade de São João del Rei. Terra, como diz Drummond, "de gente que, de humilde, era orgulhosa e fazia da crosta mineral um solo humano em seu despojamento"<sup>9</sup>, palavras que descrevem a personalidade de Marly, uma mulher de muita humildade e ao mesmo tempo ousadia.

Marly nasce num contexto em que a luta de classes se acirra. No ano de 1937 é instaurado o golpe de Estado que garante a continuidade de Getúlio Vargas na presidência da República, cancelando as eleições que estavam previstas para ocorrer em janeiro do ano seguinte e outorgando uma nova Constituição. O golpe do Estado Novo resulta de uma intensa campanha anticomunista, de repressão, censura e restrição da participação política. Ainda em 1937, o governo realiza antecipadamente cerimônias de rememoração das vítimas do aparelho do Estado na revolta de novembro de 1935. Alguns dias depois, realiza-se uma reunião da alta

---

<sup>9</sup> Carlos Drummond de Andrade, *Prece de mineiro no Rio*.

cúpula militar do país em que é apresentado o Plano Cohen, documento forjado pelo capitão Olímpio Mourão Filho<sup>10</sup>, então chefe do serviço secreto da Ação Integralista Brasileira – AIB, que relata a preparação de uma nova ofensiva comunista.<sup>11</sup> O documento é divulgado, alcançando grande repercussão na imprensa e serve como justificativa para que o governo peça ao Congresso o retorno do estado de guerra (já utilizado em 1936) que tem como desfecho o golpe de Estado<sup>12</sup>.

A propósito da Revolta de novembro de 1935 (ver Anexos 5 e 6), Marly realiza a sua tese de doutorado em 1990, publicada em livro<sup>13</sup>, sobre esse importante acontecimento na história do Brasil, que ocorre antes de seu nascimento, embora tenha importância tanto para o contexto político em que ela nasce quanto para a memória e a experiência de luta da classe trabalhadora e do Partido Comunista Brasileiro (PCB), no qual ela irá militar.

Na sua tese de doutorado, Marly debate e contrapõe ideias difundidas acerca da insurreição, como se ela fosse resultado de uma decisão da Internacional Comunista (IC) e, portanto, uma transposição da estratégia da IC para o Brasil; a de que o levante é o principal responsável pela instalação do Estado Novo, marcado pela prisão de Luiz Carlos Prestes<sup>14</sup> e a deportação de Olga Benário; ou de que os levantes ocorridos no Rio Grande do Norte, Recife e Rio de Janeiro tivessem tido as mesmas motivações, entre outros elementos, os quais

---

<sup>10</sup> Olímpio Mourão Filho (1900-1972), oficial do Exército e integralista, um dos militares que levantou as tropas em Minas Gerais, seguiu para o Rio de Janeiro e derrubou o governo do presidente João Goulart. (CARVALHO, 2012, p.151)

<sup>11</sup> Participaram dessa reunião, entre outros, o general Eurico Dutra, ministro da Guerra, o general Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército (EME) e Filinto Müller, chefe de Polícia do Distrito Federal. Nenhum dos presentes questionou a veracidade do documento. "O plano previa a mobilização dos trabalhadores para a realização de uma greve geral, o incêndio de prédios públicos, a promoção de manifestações populares que terminariam em saques e depredações e até a eliminação física das autoridades civis e militares que se opusessem à insurreição". Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo/PlanoCohen>. Acesso em: 23/08/21.

<sup>12</sup> O Congresso Nacional é fechado e são extintos todos os partidos políticos no Brasil, pelo Decreto-lei nº 37 de 2 de dezembro de 1937.

<sup>13</sup> A tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social na USP, em 1990, foi publicada na forma de livro: VIANNA, Marly. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. A segunda e terceira edições foram publicadas pela Editora Expressão Popular, em 2011 e 2013. Na sua pesquisa, Marly encontrou uma extensa e valiosa documentação, tendo selecionado uma parte dos documentos contendo cartas, manifestos, letras de músicas revolucionárias e artigos de jornais, a qual foi organizada de forma temática e cronológica e publicada no livro: VIANNA, Marly (Org.). *Pão, terra e liberdade: memória do movimento comunista de 1935*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Carlos: UFSCar, 1995.

<sup>14</sup> Luiz Carlos Prestes (1898-1992), militar e político brasileiro, fica conhecido como "Cavaleiro da esperança", ativo participante do movimento tenentista de 1922, dá nome à famosa coluna que durante dois anos percorre extensas regiões do Brasil. No início dos anos 1930, adere ao comunismo, é membro do PCB desde 1934 até 1980 (quando rompe com o Partido por considerar sua posição oportunista e direitista), sendo eleito secretário geral em 1943. É responsável por liderar a insurreição antifascista de novembro de 1935 no Rio de Janeiro. É preso com sua companheira Olga Benário, passa dez anos na prisão até a anistia de abril de 1945. (CARVALHO, 2012, p. 112)

evidenciam a avassaladora propaganda anticomunista na época no Brasil. Em contraposição, Vianna conclui:

Os movimentos armados de novembro de 1935 foram fatos históricos tipicamente nacionais, que eclodiram a partir de situações gestadas e desenvolvidas no contexto da sociedade brasileira da época, baseados nas tradições das lutas populares e na significativa participação de setores e lideranças políticas oriundas das camadas médias urbanas, principalmente os militares. (VIANNA, 1992, p. 303)

Entre as motivações que levaram aos levantes, Vianna (1992, p. 303) elenca: o forte espírito tenentista e a tradição de movimentos militares, reunidos em torno de Luiz Carlos Prestes; a mobilização popular contra o integralismo; as oposições estaduais a Getúlio Vargas; as lutas políticas locais; e a profunda insatisfação dos militares subalternos pela redução dos efetivos do Exército.

O pai de Marly, Pedro Romeiro Vianna, aspirante da escola de Realengo em 1935, torna-se oficial do Exército. Em função disso, a família viaja muito, até os seus 10 anos de idade passam por diversas cidades brasileiras, a cada ano a Marly faz aniversário num estado diferente. Em 1948 mudam-se para o Rio de Janeiro. A vida da família é modesta, cada filho tem um par de sapatos, uniforme e uma roupa para sair, visto que naquela época os militares ganhavam muito pouco. Não tinham televisão em casa e, segundo Marly, isso foi bom, porque deu a ela e seus irmãos mais novos o hábito de leitura. Não era usual o debate político dentro de casa, muito pelo contrário, quando seu pai queria conversar com sua mãe, Ezilda de Almeida Gomes Vianna, sobre algo relacionado à política, era de noite e sem a presença dos filhos.

Seu avô materno era integralista, usava na lapela um *bottom* com o sigma do integralismo, mas não falava mal dos comunistas, era de um viés do integralismo nacionalista e anti-estadunidense<sup>15</sup>. Em conversas do avô com Leandro Konder<sup>16</sup>, dizia que "a única diferença entre o integralismo e o comunismo é a religião, que vocês não aceitam e nós aceitamos"<sup>17</sup>. Marly conta que uma vez seu avô a leva junto com sua irmã a uma reunião

---

<sup>15</sup> Diz Marly em entrevista concedida à autora: "Não era uma visão nazifascista. Até porque naquela época, no início dos anos 1930, não se tinha a ideia do nazismo como se tem hoje. O nazismo não foi o que influenciou o Plínio Salgado, era do fascismo italiano que ele era entusiasta". Em 1938 seu avô é preso e agredido em Minas Gerais após um levante integralista do qual não teve participação. Plínio Salgado, fundador do integralismo, escreve: "(...) Não devemos transplantar para o Brasil nem o comunismo nem o fascismo, nem outros sistemas exóticos. Nós temos que criar uma autonomia autarquizante do país e desenvolver o sentimento nacional." Ouvindo esse discurso de sentimento nacional compreende-se porque Vinicius de Moraes, Abdias do Nascimento, Don Elder Câmara, entre muitos outros, entraram na AIB. Fonte: Antonio Rago na *live*: <https://www.youtube.com/watch?v=KlyWkLPpXGQ>

<sup>16</sup> Refere-se ao filósofo Leandro Konder (1936-2014)

<sup>17</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.

integralista festiva. As duas deviam ter uns 13/14 anos e não paravam de rir das músicas que eram cantadas pelas mulheres. Seu avô fica furioso e diz que nunca mais as levaria.

Falar sobre seu pai é pertinente, visto que seu envolvimento político influencia os posicionamentos de Marly. Seu pai era muito amigo de alguns oficiais ligados à Getúlio Vargas, e um deles convidou-o em 1951/1952 para comandar a Polícia Militar no Estado do Rio de Janeiro (naquela época era um oficial do Exército que comandava a Polícia Militar). Devido a alguns problemas com personalidades locais pede para sair e passa a trabalhar no Ministério da Guerra, na seção de recrutamento, que é considerado um lugar de castigo<sup>18</sup>. Marly simpatiza com Getúlio. Quando pequena, aos cinco anos de idade, em Belém do Pará, participa da Parada da Raça de 1942<sup>19</sup> e recebe pequenos livros sobre a vida de Getúlio, distribuídos à época, pintando-o como grande herói.

Não é propósito deste trabalho debruçar-se sobre toda a complexa conjuntura do que se convencionou chamar de Era Vargas, mas recuperar traços gerais do clima político, da atuação do PCB e das transformações da época em que Marly cresce. Com a "Revolução" de 1930, a partir de uma política protecionista, desenvolvem-se as bases industriais do país. O governo de Vargas expressa a consolidação dos interesses da burguesia industrial nacional, os quais entram em choque com o sistema de dominação oligárquico, ainda que as bases da propriedade da terra e os privilégios das oligarquias financeiras, comerciais e exportadoras tenham se mantido. Na era Vargas o país vive transformações importantes, com concessões à classe trabalhadora, ainda que, por serem implementadas pela classe dominante, são parciais e incompletas, mas necessárias para a modernização requerida pelo desenvolvimento capitalista. As conquistas da classe trabalhadora entre os anos de 1931 e 1934 são fruto de um contexto de greves e manifestações de rua que levam o movimento operário à centralidade da cena política, um conjunto de leis de proteção ao trabalho, limitação da jornada de trabalho para 8 horas, regulamentação do trabalho feminino e infantil, licença maternidade, horas extras, férias,

---

<sup>18</sup> Nelson Werneck Sodré também trabalhou lá. (informação retirada de Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.)

<sup>19</sup> A instituição do dia 4 de setembro como "Dia da Raça" teve início em 1939, no governo de Getúlio Vargas. Essa data tinha como intuito comemorar a diversidade racial por meio de um discurso moralista, acompanhado de uma forte influência positivista. Baseado na ideia racista de uma "democracia racial", com o propósito de amenizar os conflitos entre "raças". Entre as décadas de 1930 e 1940, Vargas criou várias medidas para dar cabo ao "branqueamento" do país, imaginando que em apenas três gerações o país estaria com uma população mestiça e branca, com o mínimo ou quase nenhum negro (ROCHA FILHO, 2014).

repouso semanal remunerado, pensões e aposentadoria, criação da Justiça do Trabalho, entre outros.<sup>20</sup>

Próximo do fim do Estado Novo (1945), sob a justificativa do "esforço de guerra", Vargas suspende temporariamente benefícios da legislação trabalhista, que juntamente com a inflação, resultam numa diminuição dos salários e empobrecimento dos trabalhadores assalariados. Ainda assim, a figura carismática de Vargas recebe apoio de grande parcela dos trabalhadores, segundo Ferreira (2003), por temerem que com a saída de Vargas os benefícios da legislação social conquistados fossem perdidos.<sup>21</sup>

O Partido Comunista do Brasil (na época), em agosto de 1943, na Conferência da Mantiqueira, num contexto de guerra contra o nazifascismo, define pela linha política da União Nacional em torno do governo de Getúlio Vargas, com “apoio irrestrito à política de guerra e ao governo que a realiza” (CARONE, p.51), por compreender que se tratava de uma guerra de preservação da liberdade dos povos contra a ameaça fascista.

Em 1945, com a Segunda Guerra Mundial encaminhando-se para o fim, o Estado Novo de Getúlio Vargas se enfraquece e cede às pressões pela anistia ampla aos presos políticos, é reconquistada a liberdade de imprensa, a livre associação política e se estabelece data para as eleições gerais. Em 29 de outubro de 1945, Vargas é deposto por meio de golpe militar articulado pela UDN<sup>22</sup> e o poder é entregue ao presidente do Supremo Tribunal Federal, o ministro José Linhares, com um ministério de maioria udenista.

Nesse período o PCB alcança grande expressão. Com a anistia, retorna à legalidade e nas eleições de dezembro de 1945 elege 14 deputados<sup>23</sup> e Prestes para senador pelo Distrito

---

<sup>20</sup> Não por coincidência, em 1944, massas de trabalhadores colocam-se em defesa de Vargas e da sua continuidade no governo, no movimento chamado "Queremismo". (FERREIRA, 2003)

<sup>21</sup> Segundo Ferreira (2003, p. 29), o "mito" de Vargas não foi, portanto, criado e sustentado apenas pela propaganda política veiculada pelo Estado, mas pelas realizações que beneficiaram em termos materiais e simbólicos a vida da população. "Os trabalhadores se sentiam reconhecidos politicamente e valorizados socialmente". Ao passo que castrou o movimento operário independente, controlando os sindicatos através do Estado. Simpatizante do nazifascismo quando foi conveniente (até a iminente derrota das forças do eixo na Segunda Guerra Mundial), combate a democracia liberal e persegue os comunistas. (VIANNA, 1992)

<sup>22</sup> Em abril de 1945 é criada a União Democrática Nacional - UDN, fazendo oposição constante à Getúlio Vargas e ao getulismo. Embora tenha surgido como uma frente, a UDN organizou-se em partido político nacional, participando de todas as eleições, majoritárias e proporcionais, até 1965. Seu principal adversário das urnas era o Partido Social Democrático (PSD), de representação majoritária no Congresso. Tem participação ativa no golpe contra João Goulart. Como os demais partidos, a UDN é extinta pelo Ato Institucional nº 2 de 1965. A grande maioria de seus parlamentares ingressou na Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido do governo à época. (CPDOC, Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-democratica-nacional-udn> Acesso em: 23/08/21)

<sup>23</sup> Entre os deputados federais eleitos estão Gregório Bezerra (PE), Carlos Marighella (BA) e Jorge Amado (BA). (VINHAS,1982)

Federal e deputado federal por Pernambuco, Rio Grande do Sul e Distrito Federal, o mais votado parlamentar do país até então. O partido lança Yeddo Fiuza, ex-prefeito de Petrópolis – RJ, como candidato próprio à presidência da república, mesmo sendo um nome pouco conhecido obtém 10% do total de votos. Vence as eleições Eurico Gaspar Dutra, com o apoio de Getúlio Vargas. A bancada comunista tem importante atuação na Assembleia Constituinte, defendendo todas as proposições mais avançadas e que davam à Constituinte um caráter democrático. Luta em defesa da autonomia sindical, pelo direito à greve sem restrições, voto aos analfabetos, pela reforma agrária, entre outros. (VINHAS, 1982)

Os comunistas aproveitam esse momento para ocupar o espaço político, milhares de comícios e debates públicos são realizados. No estádio Vasco da Gama – mais conhecido como São Januário - no Rio de Janeiro, Prestes<sup>24</sup> discursa para cerca de 100 mil pessoas (ver Anexo 7). O poeta Pablo Neruda que estava presente no comício escreve uma poesia do acontecimento:

Hoy pido un gran silencio de volcanes y ríos.  
 Un gran silencio pido de tierras y varones.  
 Pido silencio a América de la nieve a la pampa.  
 Silencio: La Palabra al Capitán del Pueblo.  
 Silencio: Que el Brasil hablará por su boca.<sup>25</sup>

Nas eleições de 1947 para as Assembleias Legislativas Estaduais e Câmaras Municipais, o PCB segue com grande expressão elegendo 46 deputados em quinze estados e dezoito vereadores no Distrito Federal (ver Anexo 8). O crescimento de números de filiados no partido atinge 200.000 inscritos no ano de 1947. (VINHAS, 1982). No entanto, o período de legalidade dura pouco, o PCB tem seu registro e seus parlamentares cassados em maio de 1947 e janeiro de 1948, respectivamente. Muitos militantes e dirigentes passam para a clandestinidade.

Em 1950, após as perseguições que sofre no governo Dutra, o PCB radicaliza sua linha política no *Manifesto de agosto*, rompendo com o governo e com a política de união nacional defendida durante a Segunda Guerra. Caracteriza o governo como de “traição nacional” que deveria ser combatido por meio de uma revolução agrária e anti-imperialista, com o recurso da luta armada se necessário. Apesar dessa mudança tática, o partido mantém sua compreensão de que o capital estrangeiro e o latifúndio constituem-se nos grandes obstáculos ao

---

<sup>24</sup> Prestes, preso desde março de 1936, é solto com a anistia em 1945 e ocupa o cargo de secretário-geral do partido.

<sup>25</sup> Referência: Tarde, Salvador, 23 maio de 1945. Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). Setor: Periódicos Raros. Acervo: Jornais.

desenvolvimento brasileiro e, portanto, mantém sua estratégia de que a primeira etapa da revolução brasileira é democrático-burguesa (ou seja, agrária e anti-imperialista).

Os comunistas engajam-se nas lutas e campanhas pelo monopólio estatal do petróleo e da energia elétrica, contra a carestia, pelo congelamento dos preços, contra o racionamento de energia elétrica, pela proteção à indústria e à agricultura, pela expulsão das empresas norte-americanas. Em 1953, milhares de donas-de-casa saem às ruas de São Paulo erguendo placas vazias para protestar contra o governo estadual e do presidente Getúlio Vargas (a marcha ficou conhecida como Marcha da Placa Vazia). A campanha *O petróleo é nosso* tem importante participação dos estudantes liderados pela UNE e diretórios acadêmicos. Em outubro de 1953, conquista-se a lei, sancionada por Vargas, que cria a Petrobrás e reserva o monopólio da pesquisa, refinação do petróleo brasileiro e estrangeiro e o transporte marítimo do petróleo e seus derivados. (ROEDEL et al, 2002)

Na formatura de Marly no ginásio, em 1953, ela faz campanha para Ângelo Mendes de Moraes como paraninfo, em oposição ao jornalista e político Carlos Lacerda<sup>26</sup>, visto que Lacerda já iniciara sua campanha de combate à Getúlio. Quando Getúlio se suicida em 1954, Marly tem 17 anos, lembra que quando ouve a notícia do suicídio corre para a Praça da Bandeira para participar das manifestações a favor do presidente, mas lá nada estava acontecendo porque a manifestação era no centro da cidade, voltando para casa muito frustrada.

A eleição de 1955 é a primeira que Marly vota, aos 18 anos de idade. Mesmo sendo simpatizante de Getúlio e seu pai apoiador de Juscelino, Marly vota em Juarez Távora<sup>27</sup> e

---

<sup>26</sup> Lacerda tem uma história contraditória em relação aos seus posicionamentos políticos. Participou da Aliança Nacional Libertadora (ANL), organização fundada em 1935. Mas em 1939 se distancia da esquerda e em janeiro de 1947 é eleito vereador pelo Distrito Federal na legenda da União Democrática Nacional (UDN). Nesse mesmo ano funda a Tribuna da Imprensa que viria a fazer oposição à Getúlio, representando as principais propostas da UDN. Em agosto de 1953, Lacerda funda no Rio de Janeiro o Clube da Lanterna, que reunia parlamentares, principalmente udenistas, no combate ao governo Vargas. Em 1954 ocorre o famoso atentado da Rua Tonelero. Lacerda lança um editorial no seu jornal incitando as forças armadas a exigirem a renúncia de Vargas. Com a confirmação do envolvimento da guarda pessoal de Vargas no atentado, a oposição intensifica sua campanha que começa a generalizar-se nos meios militares. Isolado politicamente e na iminência de ser deposto, Vargas comete suicídio.

A respeito dos acontecimentos de 1955, Lacerda foi um dos responsáveis pela defesa da interdição da posse dos candidatos eleitos, Juscelino Kubitschek e João Goulart, pedindo intervenção dos militares. Em 1964, Lacerda apoia a candidatura do general Castelo Branco à presidência da República. No entanto, decepção-se com os rumos da ditadura e em setembro de 1966 defende a construção de uma Frente Ampla, sendo seu principal articulador junto de Juscelino Kubitschek e João Goulart. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/carlos\\_lacerda](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/carlos_lacerda) Acesso em 05/06/21.

<sup>27</sup> Juarez Távora, da mesma forma que Lacerda, tem uma biografia controversa. Participa da Coluna Prestes, desempenhando papel de destaque até ser preso no início de 1926. Com a revolução de 1930, assume o posto de comandante militar do movimento no Nordeste. Durante a Segunda Guerra Mundial toma parte na organização da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em 1945 volta às atividades políticas filiando-se à UDN, no ano seguinte

Milton Campos<sup>28</sup>, visto que Juscelino foi apoiado pelos comunistas e Marly conta que naquela época tinha pavor do comunismo.<sup>29</sup> Isso é influência de sua avó, que contava histórias horróricas, sendo uma delas a de que na Rússia os comunistas pegavam as freiras, cortavam seus seios e as deixavam morrer sangrando.

O pai de Marly, no seu trabalho no Ministério da Guerra, liga-se ao marechal Henrique Teixeira Lott e participa da intervenção militar de 11 de novembro de 1955, a qual assegura a posse de Juscelino e seu vice, João Goulart.<sup>30</sup>

## 2.1 O INÍCIO DAS MUDANÇAS

*Cambia lo superficial  
Cambia también lo profundo  
Cambia el modo de pensar  
Cambia todo en este mundo*

*Mercedes Sosa*

Os horizontes de Marly vão se ampliando com a sua entrada no Instituto de Educação em 1950 para fazer o curso normal (habilitação para o magistério). Só havia mulheres no Instituto naquela época, o que contribui para que o pai de Marly permita a ela e sua irmã lá estudarem. No Instituto, ela faz amizade com o professor de metodologia da ciência, Edgar

---

atinge a patente de general. Defende a participação do capital estrangeiro na exploração do petróleo, entrando em conflito com os setores nacionalistas das Forças Armadas. Em 1952 assume a direção da Escola Superior de Guerra (ESG) e em 1954 é eleito vice-presidente do Clube Militar, apoiando o movimento que exigia a renúncia de Vargas. É candidato a presidente da República pela UDN nas eleições de 1955. Em 1962, elege-se deputado federal pelo estado da Guanabara na legenda do Partido Democrata Cristão (PDC). Atua na oposição ao governo do presidente João Goulart, e apoia o golpe militar, sendo Ministro da Viação e Obras Públicas até março de 1967. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/juarez\\_tavora](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/juarez_tavora). Acesso em 05/06/21.

<sup>28</sup> Milton Campos é um dos fundadores da União Democrática Nacional (UDN), em 1955 assume a presidência do partido. Foi deputado federal constituinte por Minas Gerais, governador e senador pelo mesmo estado. Em 1955 é candidato udenista à vice-presidência da República, compondo a chapa com o general Juarez Távora. Dois anos depois volta a concorrer à vice-presidência da República, sendo novamente derrotado por João Goulart. Participa ativamente das articulações que levaram ao golpe militar de 1964. Logo após o golpe é nomeado ministro da Justiça pelo presidente Castelo Branco. Filia-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido criado após a instalação do bipartidarismo e base de apoio ao regime militar. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/milton-soares-campos> Acesso em: 05/06/21.

<sup>29</sup> O suicídio de Vargas em 1954 provoca grande comoção popular e aproxima o PCB do PTB que modifica sua posição de defesa do voto em branco e passa a apoiar Juscelino Kubitschek e João Goulart nas eleições de 1955, em troca da legalização do partido. Os votos comunistas são essenciais para a derrota da chapa udenista. (VINHAS, 1982).

<sup>30</sup> João Goulart (1919-1976), político gaúcho, é ministro do trabalho do segundo governo Vargas, vice-presidente da República nos governos Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros. Com a renúncia de Jânio, assume a presidência da República, sendo deposto pelo golpe militar de 1964. Nas eleições de 1955, sob a legenda do PTB, é eleito com 3.591.409 votos, meio milhão a mais que JK. (BANDEIRA, 1978)

Sussekind de Mendonça<sup>31</sup>, membro do PCB. Ela lembra que ao falar de Sussekind e de sua admiração por ele, sua mãe replica que essa é a tática dos comunistas. Ele a chamava de “cometa”, conversam muito, mas não houve nenhuma tentativa dele de recrutamento de Marly para o partido.

Algumas meninas com quem Marly conversava no Instituto eram da União da Juventude Comunista - UJC, ainda que na época ela não tivesse conhecimento. Elas a convidam para fazer parte da chapa do Grêmio Cultural Rui Barbosa, o grêmio estudantil do Instituto de Educação. A Marly é a tesoureira da chapa vencedora, mas logo em seguida às eleições, o diretor fecha o grêmio, talvez sabendo que a juventude comunista estava na chapa.

No Instituto funcionava uma célula de bandeirantes chamada Santa Joana d'Arc, Marly entra pensando que atuar com as bandeirantes seria uma boa saída para desenvolver ações sociais.<sup>32</sup> Participa durante um ano, no qual aprende muito. Ensinam-lhe a passar semáforo, sobrevivência em lugares difíceis, aprender a fazer nós e primeiros socorros.

Em que pese sua participação na chapa do grêmio estudantil, nas bandeirantes e sua amizade com o professor Sussekind, é decisiva sua relação com a família Konder para a mudança de sua visão a respeito dos comunistas. Conhece a família de comunistas em 1957 por meio de sua irmã que na época namorava Leandro Konder, com quem mais tarde casou-se. Marly passa a frequentar muito a casa deles. Leandro fazia aniversário junto com Luiz Carlos Prestes, no dia 3 de janeiro. Na comemoração do seu aniversário em 1958/59, é proposto um brinde à Leandro e ao outro aniversariante do dia. Ao perguntar quem era, alguém diz "o Prestes" e Marly pensa "que coisa de mau gosto"<sup>33</sup>. Nas suas conversas com Leandro, fazia diversos questionamentos, dos quais ele fez questão de lembrá-la até o final de sua vida,

---

<sup>31</sup> Edgar Sussekind de Mendonça (1896-1958) participa e é preso na Insurreição Comunista de 1935. Marly lembra que ele leva a turma à Casa da Moeda e a uma estamperia: "Eu me lembro como se fosse hoje, era uma sala imensa, aquelas moças ali sentadas trabalhando e ele disse: vocês imaginem que elas ficam aqui sentadas 12/13 horas por dia nessa mesma posição, com essa luz horrorosa". (Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21).

<sup>32</sup> Marly desde criança tem uma vontade, ainda que não fosse consciente, de "fazer alguma coisa". Quando criança vivia dando esmola a todo mundo. Na feira em São João del Rei, cidade onde mora quando criança, um velhinho vendia ovos em que pelo menos a metade vinha podre, mas ela insistia para sua mãe comprar os ovos mesmo assim. Em Belém do Pará, aos seis anos, moram ao lado de sua casa em uma garagem duas senhoras, e não conseguia entender por que elas tinham que morar numa garagem e fazia sua mãe toda hora mandar alguma coisa para elas. (Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21).

<sup>33</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.

indagava por que Prestes não trabalhava e vivia às custas do partido e sobre qual o sentido da filosofia<sup>34</sup>. Marly teve que ouvir inúmeras vezes: "já descobriu para que interessa a filosofia?".

A visão que Marly tinha na época acerca da filosofia se justifica diante de uma concepção filosófica desvinculada do real, conforme advoga o próprio Konder:

Os filósofos têm abusado da linguagem complicada. Marx, em *A Ideologia Alemã*, acusou-os de não se disporem a falar a linguagem comum porque não se dispunham a descer do mundo dos pensamentos para o mundo real. A filosofia não paira na estratosfera: ela está presente na vida das pessoas, nas escolhas que elas vão fazendo ao longo da vida. (KONDER, 2009, p. 16)

A convivência com Leandro e sua família vai mudando a ideia de Marly a respeito dos comunistas. "Os comunistas passam a ser pessoas maravilhosas porque realmente a família do Leandro é uma família excepcional. Dr. Valério<sup>35</sup> é de uma simpatia, Dona Yonne<sup>36</sup> uma doçura. A Luísa<sup>37</sup>, garota que naquela época tinha entre 13 e 15 anos, depois me ajudou muito."

## 2.2 OS ANOS 1960 E A PARTICIPAÇÃO NAS ELEIÇÕES

O início dos anos 1960 no Brasil é marcado por grande efervescência social, política e cultural. No campo das manifestações artísticas emerge o Cinema Novo, a Bossa Nova, o teatro político, com as experiências do Teatro de Arena, o Teatro Oficina e o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, o Movimento Popular de Cultura em Pernambuco (MPC), a poesia concreta, entre outros. (RIDENTI, 2014) A insatisfação com o presente e a rebeldia contra a ordem social estavam presentes nas artes, eram tempos em que os critérios estéticos eram medidos pela luta social e os artistas não se abstinham, como diz Vianinha:

O artista colabora na criação de condições para intervenção humana sobre a realidade. A dialética que nos compõem como seres integrantes mas, ao mesmo tempo, como seres que precisam intervir sobre a realidade para substituir, para satisfazer nossas

---

<sup>34</sup> Quando vai para o primeiro ano normal no Instituto de Educação, falta professor, portanto convocam professores aposentados. Cabe à turma de Marly o professor de Leopoldo para a disciplina de filosofia, que estava, segundo ela, caquético. "As estudantes pintavam, bordavam e faziam até desfile de moda na aula dele, que ameaçava: eu vô reprová ocês tudo!". Por conta disso, Marly não via sentido na filosofia.

<sup>35</sup> O Dr. Valério Konder foi um comunista, médico sanitário e membro do Conselho Mundial da Paz. Do golpe até o ano em que ele faleceu (1968) é preso 16 vezes. (Informação retirada de entrevista com Marly Vianna na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) - Movimento estudantil nos anos 1960 com Marly Vianna. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PuhYTp044Oc&t=1440s> Acesso em 03/04/21).

<sup>36</sup> Yonne Marques Coelho

<sup>37</sup> Luísa casou-se com um dos homens mais ricos do Brasil que foi Antônio Carlos de Almeida Braga. "Na época de maior dificuldade foi ela quem me ajudou. Ela quem foi limpar minha casa uma das vezes que eu tive que sair do país, ela e Dona Yonne. Depois, ela contribuía para nós e praticamente me vestia. Eu encontrava meus filhos, na época pior da ditadura, na casa dela." (Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21).

necessidades, exige o conhecimento que permite e se enriquece com a arte. (VIANNA FILHO, 2016, p.93)

No campo educacional, observa-se a emergência de um movimento de educação popular que se apresenta por meio dos círculos culturais, das experiências de cultura popular e alfabetização de adultos, de campanhas educativas em bairros, favelas e comunidades rurais, como a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”. Em 1963, Paulo Freire desenvolve a experiência de alfabetização de adultos em Angicos/RN com camponeses, tendo como base a realidade dos trabalhadores, a articulação entre pensamento, ação e o diálogo. A partir daí cria as bases do Programa Nacional de Alfabetização do Governo João Goulart, o qual é extinto com o Golpe de 1964. De acordo com Paulo Freire, na obra *Pedagogia do Oprimido* (2005), a educação como prática de liberdade implica a negação do homem abstrato, isolado, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.

A experiência dos Centros Populares de Cultura da UNE tem início com a montagem do espetáculo *A mais-valia vai acabar, seu Edgar*, em 1960, escrita por Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974) e dirigida por Chico de Assis (1933-2015) (Ver Anexo 9). A peça teve seus ensaios abertos ao público e apresentações no pátio do campus da Praia Vermelha da Universidade do Brasil, atual UFRJ, no Rio de Janeiro. O então presidente da UNE, Aldo Arantes do Nascimento, assiste ao espetáculo, fato que desencadeia a ocupação da sede da UNE com o grande projeto do CPC. Os estudantes percorrem todo o Brasil por meio da UNE Volante (Ver Anexo 10), desde o teatro São Pedro, em Porto Alegre, ao teatro Amazonas, em Manaus.<sup>38</sup>

Abaixo segue uma citação longa do livro *Peças da CPC*, o qual reproduz parte de um relatório de atividades escritos pelo CPC, provavelmente em 1963. (Ver Anexo 11)

Foram representações em sindicatos, colégios, faculdades, associações de bairros, praças públicas, escadarias, portas de cinema, favelas, portas de fábricas, em toda a Guanabara foram apresentados espetáculos. Os "Autos" do CPC. Peças escritas em um, dois dias, com material coligido por uma equipe ensaiada às vezes horas antes da apresentação. Os temas políticos e sociais marcantes sempre mereciam um "Auto" que era apresentado em assembleias, comícios, em show volante. O CPC era quase um jornal. A peça era dividida em cenas. Cada cena tinha um ou dois redatores. A peça, no final, era revisada por um elemento. Um espetáculo feito na escadaria do Palácio Tiradentes, sobre o bloqueio de Cuba, era ensaiado à medida que ia sendo escrito. Dois atores, na porta da Central, iniciavam uma discussão. Quando o povo, curioso, juntava em volta, os dois atores se vestiam de Tio Sam e operário e começavam uma famosa cena da peça de Augusto Boal, *Revolução na América do Sul* extraída de *Um dia na vida de Brasilino*. Com isso, o CPC crescia. Em cada sindicato, faculdade, colégio, associação de bairro, ganhávamos participantes e

---

<sup>38</sup> Joel Barcellos, ator do CPC conta que “veio o golpe de 1964 e queimaram o nosso teatro com 600 poltronas, ar-condicionado, os figurinos e cenários viraram cinzas e brasas.” (BARCELLOS, 2016, p.120)

aliados, grupos interessados em ajudar financeiramente. Na praça pública, atores do CPC, em plena representação, recebiam dinheiro. (VIANNA FILHO, 2016, p. 155)

Marly não participa do CPC, mas assiste aos espetáculos e intervenções, conta na entrevista: "Você não imagina o notável que era a encenação da "Canção do subdesenvolvido". Quem participava muito do CPC (e que morreu há pouco tempo) foi Alba Zaluar, ela cantava uma música que era assim: "senhor deputado tem gente com fome" e ele dizia: "tô pouco ligando" e ela ia falando e o outro repetindo (...)"<sup>39</sup>

No âmbito político, intensificam-se as lutas no campo e na cidade. As Ligas Camponesas<sup>40</sup> são um grande exemplo. Surgem no Nordeste brasileiro em 1945 sob a liderança de José Aires dos Prazeres, líder camponês e membro fundador do Partido Comunista Brasileiro. Entre os partidos políticos, o PCB era a principal força em defesa dos trabalhadores do campo, era ele quem levantava a bandeira da reforma agrária e estimulava as ocupações de terra, elaborando um programa radical para o campo.

No início da década de 1960, período analisado neste trabalho, ocorre o I Congresso de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, realizado em Belo Horizonte em novembro de 1961, o congresso demonstra a força e organização dos trabalhadores do campo, com a presença de seis mil delegados. Compreende-se que a solução para a questão agrária do país e para a resolução dos "graves problemas em que se debatem as massas camponesas" é a reforma agrária radical, que tem como objetivo fundamental, segundo a declaração do Congresso, "a completa liquidação do monopólio da terra exercido pelo latifúndio, sustentáculo das relações antieconômicas e antissociais que predominam no campo e que são o principal entrave ao livre e próspero desenvolvimento agrário do país."<sup>41</sup>

O avanço das lutas dos trabalhadores rurais e urbanos leva à criação do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), como resultado de várias greves ocorridas no início dos anos 1960. Sob a liderança do PCB, tem significativa influência no movimento operário e sindical, alcançando inclusive militares de base, soldados e cabos que também ameaçam sublevar-se. O CGT atua em movimentos grevistas importantes, mobilizando grandes massas de trabalhadores.

---

<sup>39</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 29/09/21.

<sup>40</sup> Sobre as Ligas Camponesas, consultar: AUED, Bernardete W. *A vitória dos vencidos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1986.

<sup>41</sup> Declaração do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas Sobre o Caráter da Reforma Agrária. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1961/11/17.html>. Acesso em: 24/08/21.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, as greves atingem quase todos os setores da produção e categorias profissionais. Ao longo de 1963, ocorrem 50 greves no Rio. Só em 15 dias do mês de janeiro de 1964 há 17. As greves não se restringem às cidades, mas alcançam o campo. Em novembro de 1963, 200.000 trabalhadores paralisam os engenhos de açúcar em Jaboatão - PE, em fevereiro a greve se alastra por todo o Estado, com 300.000 trabalhadores agrícolas, armados com paus, foices e peixeiras. As ocupações de terra ocorrem em várias regiões do país, mas em especial na Paraíba, Pernambuco, Minas Gerais e Goiás. Frente a isso, Jango elabora um Decreto desapropriando as terras situadas às margens das rodovias federais e dos açudes para reparti-la entre os lavradores. (BANDEIRA,1978)

No âmbito internacional, importantes e decisivas mudanças estão acontecendo. A Revolução Cubana em 1959; os movimentos de libertação e descolonização em África; a vitória do Vietnã na grande Batalha de Dien Bien Phu em 1954 e a criação da Frente de Libertação Nacional (1960); e as campanhas pelos direitos civis nos Estados Unidos. Esses acontecimentos marcam as organizações e a geração de jovens militantes da época. Acreditar na revolução não era algo utópico, era um período em que exigir o impossível era possível e realista, parafraseando a frase nos muros de Paris em 1968: "Sejamos realistas, exijamos o impossível".

Nesses anos de muita discussão e atividade política, Marly se engaja, em outubro de 1960, na campanha do Marechal Henrique Teixeira Lott<sup>42</sup> para presidência da República, na chapa que tem João Goulart de vice. Seu pai tinha a maior admiração por Lott, assim como Leandro Konder. Marly lembra que em setembro desse mesmo ano tira a carteira de motorista em uma Kombi que está coberta de propaganda do Lott e suspeita que isso pode ter facilitado a aprovação na prova de direção, visto que não sabia colocar o carro na vaga e o policial era apoiador de Lott. A agitação era grande em torno das eleições, com participação da população, posicionando-se publicamente com os símbolos da vassourinha de Jânio Quadros ou da espadinha de Lott e Jango.

A figura de Lott (candidato do PSD, apoiado por JK, pelo PTB e pelas esquerdas) é difícil de ser defendida pelos comunistas, como se diz na época, ele é um "piano alemão", difícil de carregar. Nacionalista e legalista, mas anticomunista, diz querer ver os comunistas

---

<sup>42</sup> Marechal Henrique Teixeira Lott (1894-1981), militar do Exército, nacionalista e legalista. Líder do movimento militar que impediu o golpe udenista e garantiu a posse de Juscelino Kubitschek (JK) à Presidência da República, em 11 de novembro de 1955. Foi ministro da Guerra durante o governo JK. Candidatou-se à presidência em 1960 pelo PSD (Partido Social Democrático), com João Goulart (PTB) como vice, sendo derrotado por Jânio Quadros. (CARLONI, 2010)

desaparecidos da face da terra, faz oposição às relações diplomáticas entre Brasil e União Soviética e críticas à Revolução Cubana. No entanto, Lott defende políticas que o aproximam das esquerdas: o direito ao voto dos analfabetos, a reforma agrária, o monopólio estatal da Petrobrás, entre outros (CARLONI, 2010). Além disso, Lott tem grande respeito da esquerda por sua atitude de impedir o golpe de 1955. Enquanto Jânio Quadros, sustentado pela oligarquia financeira e pelas mesmas forças que derrubaram Vargas, nos comícios diz que vai reatar as relações comerciais e diplomáticas com a URSS. Este último, em outubro de 1960, obtém uma esmagadora vitória (48% dos votos contra 28% do candidato do PSD). Ao ser eleito, Jânio Quadros promove uma política de combate à inflação com compressão dos salários, contenção do crédito e outras medidas prejudiciais aos trabalhadores, às classes médias e aos setores mais débeis da burguesia. (BANDEIRA, 1978)

Durante praticamente toda sua existência o PCB adota a linha nacional libertadora. A Declaração de março de 1958 ratifica essa posição. A linha política da Declaração, reafirmada no V Congresso do PCB em 1960, realizado em setembro de 1960 no Rio de Janeiro, reconhece que as contradições fundamentais da sociedade brasileira são entre a nação e o imperialismo (principalmente o norte-americano) e entre o desenvolvimento nacional e o latifúndio. A revolução brasileira ainda não estava em sua fase socialista, seria, portanto, anti-imperialista, antifeudal, nacional e democrática. O Partido passa a propor a construção da Frente Única Nacionalista e Democrática, unindo o campesinato, pequena-burguesia e setores nacionalistas da burguesia, mas com o proletariado à frente desse processo. A Frente deveria propor a reforma agrária, a política externa independente e a ampliação das liberdades democráticas, entre outras, resultando em um governo nacionalista e democrático. Reconhece a “possibilidade e a viabilidade do caminho pacífico para a revolução brasileira”, ocorrendo dentro da legalidade democrática e constitucional.<sup>43</sup>

A aliança com os trabalhistas nos meios sindicais resultou na tomada da diretoria de vários sindicatos, federações e confederações, bem como na fundação de inúmeras intersindicais, culminando na criação do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). O partido cresceu, alcançando expressão na política brasileira. (FERREIRA, 2013, p.115) No ano de 1963 o partido chega a ter cerca de 30.000 militantes (VINHAS, 1982)

---

<sup>43</sup> Resolução política do V Congresso do Partido Comunista Brasileiro, setembro de 1960. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1960/09/congresso.htm> Acesso em: 24/08/21.

### 2.3 A ENTRADA NA UNIVERSIDADE E NO PCB

*O rumo que escolhemos parece tanto com a gente,  
quanto com aquele que descartamos.*

*Mauro Iasi, Escolhas*

Em 1961, após as eleições e no contexto acima referido, Marly decide fazer faculdade (aos 24 anos de idade), nessa época já casada e com três filhos pequenos<sup>44</sup>. Inicialmente pretende cursar Ciências Sociais, mas Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, membro do PCB, convence-a a cursar História, na então Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Naquela ocasião, cada universidade fazia seu próprio vestibular específico para cada área. O que conta muito para que a Marly entre na faculdade é o cursinho pré-vestibular gratuito ministrado pelos melhores alunos do curso de História, que eram, em sua maioria, membros do PCB. Além de preparar para o vestibular, os "estudantes-professores" do cursinho influenciam politicamente seus estudantes.

Marly relata que quando ingressa na faculdade pensa em entrar para a Juventude do PTB, inclusive participa de uns dois ou três encontros da organização, mas em conversa com o Wilson Nascimento Barbosa<sup>45</sup>, que hoje é professor aposentado da USP, este a aconselha que se é para entrar em um partido político tem que ser para o comunista. Marly leva um susto momentâneo, mas logo percebe que ele tem toda a razão "que é por aí". "E aí pronto, as melhores pessoas que eu conhecia estavam lá, era o Wilson, Antônio Carlos Pinto Peixoto (que já faleceu) e o Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, a Valentina Rocha Lima, enfim..." Um dia, Valentina a convida para participar de uma reunião da base do PCB. Logo após a reunião, decide se filiar ao Partido: "Eu fui e pedi ingresso na hora, achei que era isso mesmo, era maravilha. Não tinha ideia de quem fosse Marx, de quem fosse Lenin, da Revolução Russa, absolutamente. Era aquela ideia, é um grupo que vai fazer alguma coisa para mudar a situação do Brasil."<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> Marly se casa poucos dias antes de completar 20 anos de idade, em 19 de janeiro e sua primeira filha nasce em setembro.

<sup>45</sup> Wilson Nascimento Barbosa - PCB

<sup>46</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade nos dias 04/06/21 e 29/10/21.

O Partido Comunista do Brasil (PCB), ao qual a Marly ingressa, atual Partido Comunista Brasileiro<sup>47</sup>, é fundado em 25 de março de 1922 em Niterói/RJ. Com a presença de nove delegados<sup>48</sup> (representando comunistas organizados em Porto Alegre, Recife, São Paulo, Cruzeiro, Niterói e Rio de Janeiro; Santos e Juiz de Fora não puderam enviar delegados) em seu Congresso de fundação, o Partido aprova a adesão à Internacional Comunista (IC), tornando-se uma seção brasileira da IC<sup>49</sup>. Astrojildo Pereira<sup>50</sup> costumava dizer que, quando de sua criação, o partido não chegava a arregimentar, em todo o país, 500 membros, que só eram conhecidos deles mesmos e da polícia." (VIANNA, s/d, p.1)

O PCB, diferente dos partidos comunistas europeus que nascem de partidos social-democratas<sup>51</sup>, organiza-se a partir do anarquismo sindicalista revolucionário, o que tinha de mais combativo no movimento operário no Brasil à época. Os sindicalistas revolucionários foram responsáveis por organizar congressos operários na virada do século XX, greves (vale citar as grandes greves de 1917 e 1920), criar a Confederação Operária Brasileira (COB) e a imprensa operária. (VINHAS, 1982)

A Revolução Russa, em outubro de 1917, tem grande impacto sobre o movimento operário mundial. A conquista do poder pela classe operária russa, guiada pelo partido bolchevique, empolga o movimento operário revolucionário no Brasil e é decisiva para a criação do PCB.<sup>52</sup> Os medos de Tocqueville na França revolucionária de 1948 se efetivam, o comunismo não é mais apenas um ideal.<sup>53</sup>

---

<sup>47</sup> A mudança de nome se dá na conferência nacional realizada em agosto de 1961, com a finalidade de facilitar o registro eleitoral do Partido e a sua legalização.

<sup>48</sup> São eles: Abílio de Nequete (barbeiro de nacionalidade síria), Astrojildo Pereira (jornalista), Cristiano Cordeiro (contador), Hermogêneo Silva (eletricista), João da Costa Pimenta (gráfico), Joaquim Barbosa (alfaiate), José Elias da Silva (sapateiro), Luís Peres (vassoureiro), todos esses vindos da militância anarco-sindicalista, com exceção de Manoel Cendón, alfaiate socialista. (PEREIRA, 2012)

<sup>49</sup> A III Internacional Comunista foi fundada em março de 1919 por Lênin. Inicialmente, o PCB não foi aceito como membro efetivo da IC, sendo considerado apenas simpatizante. O que impediu que o partido fosse aceito como membro efetivo foram as posições de Canellas sobre a maçonaria no congresso da IC. O delegado brasileiro afirmou que havia bons militantes comunistas que eram maçons. A direção do PCB não negava isso, mas determinou que, de agora em diante, tais militantes teriam de escolher: ou a maçonaria ou o partido comunista. (VIANNA, s/d)

<sup>50</sup> Astrojildo Pereira Duarte Silva (1890-1965), intelectual e jornalista, participou do movimento anarquista no início do século XX. Fundador do PCB e seu secretário geral de 1922 até 1930.

<sup>51</sup> Outros países latino-americanos têm essa mesma raiz no anarco-sindicalismo, onde havia trabalhadores/militantes anarquistas espanhóis e italianos. (MORAES, 2012).

<sup>52</sup> Os sindicatos e movimentos de trabalhadores organizam manifestações de solidariedade à Revolução Russa. No 1 de Maio de 1918 e de 1919 no Rio de Janeiro, o operariado carioca manifesta uma moção de apoio e simpatia pelo povo russo em sua luta contra o capitalismo e a intervenção militar burguesa, em uma grande demonstração de massas. (PEREIRA, 2012)

<sup>53</sup> TOCQUEVILLE, Alexis. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias de Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1971.

Observa-se a necessidade de uma direção política de um partido nacional, capaz de organizar os trabalhadores para além de reivindicações pontuais por melhores salários, condições de trabalho, entre outros. Segundo Astrojildo, a existência do Partido Comunista do Brasil corresponde a uma necessidade histórica. (PEREIRA, 2012)

Cerca de três meses após sua criação, o Partido é posto na ilegalidade, após a repressão ao movimento tenentista de 5 de julho de 1922 que levou ao estado de sítio e ao fechamento do PCB. (VIANNA, s/d). O primeiro fechamento de muitos na sua história. Segundo informação de Ramón Penã Castro<sup>54</sup>, que consta no livro *Renée France Carvalho: uma vida de lutas* (CARVALHO, 2012, p.113), o Brasil foi o primeiro e parece que o único país da América do Sul a colocar o partido comunista fora da lei. Só Cuba, no Caribe, o fez e mesmo com Fulgêncio Batista no poder houve senadores comunistas em Cuba e a circulação da imprensa do partido.

Várias das debilidades teóricas e práticas que o partido enfrenta provém das condições do Brasil na época. Um país com grande número de analfabetos, com pouca produção intelectual e com difícil acesso aos textos de Marx e Engels (KONDER, 2009). Em termos de organização, havia pouca tradição e organização política da classe operária, somando-se a brutal repressão aos trabalhadores e suas organizações sindicais, levando "ao medo da perda do trabalho, de expulsão do país (no caso de estrangeiros), de prisão e até de assassinato." (VIANNA,s/d, p.1)

De acordo com Ridenti (1993), o PCB, no início dos anos 1960, embora ilegal, vive seu apogeu. Conta com muitas adesões e suas ideias influenciam a luta política e sindical. Com a posse de Jango, os comunistas veem um passo importante na direção do projeto de revolução nacional libertadora.

Logo que entra no PCB, Marly assume a secretaria de finanças da base do partido no comitê universitário: "Eu entrei em abril, em junho ou julho houve uma reunião para eleição do comitê universitário, eu fui para o secretariado do comitê universitário, secretária de finanças, mais tarde que eu passei pra organização."<sup>55</sup>

Com a renúncia do presidente Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, o PCB rapidamente se coloca em defesa e em luta pela legalidade e posse do vice João Goulart, lançando a palavra de ordem "Posse do Jango, luta pela legalidade". Os comunistas engajam-

---

<sup>54</sup> Ramón Penã Castro, pesquisador visitante da Fiocruz e professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Companheiro de Marly Vianna.

<sup>55</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.

se em comícios, manifestações, passeatas e greves, a exemplo da greve nacional dos portuários que paralisou 300 mil trabalhadores por cinco dias.

A renúncia de Jânio se dá num contexto de elevação do custo de vida e desgaste na popularidade do governo. Este avalia que renunciando ao governo, as Forças Armadas, sob comando de ministros reacionários, admitiriam sua volta com plenos poderes, temendo a posse de seu vice, João Goulart. O congresso deveria dar a ele as faculdades legislativas, coagido pelos acontecimentos, sem prejudicar aparentemente a democracia e com apoio da população contra sua renúncia. Mas isso não ocorre e o congresso acata a renúncia (BANDEIRA, 1978).

A direita novamente tenta deflagrar um golpe para impedir a posse de João Goulart, atribuindo-lhe vinculações com o comunismo. Assume provisoriamente Ranieri Mazzili, que possui um cargo meramente formal, quem governa é uma Junta Provisória formada por ministros militares de Jânio, comprometida com a direita e com os golpistas.

Surge a Campanha da Legalidade, iniciativa do governador Leonel Brizola que, mobilizando a Brigada Militar, subleva o povo do Rio Grande do Sul e o III Exército é paralisado pela pressão das massas, alinhando-se na defesa da legalidade. Estabelece a rádio legalidade e a campanha pela posse de Jango se estende por todo o país.

O movimento estudantil no Rio de Janeiro é fundamental, Marly narra que os estudantes da Faculdade Nacional de Filosofia vão para a Cinelândia<sup>56</sup> durante dias seguidos se manifestar, sempre dispersados pela chegada da polícia, e dizem que ficaram viciados em gás lacrimogêneo. É a primeira vez que Marly é detida.

Fui detida três vezes. Uma em outubro de 1961 e duas em 1964. Em 1961, foi na crise do Jânio. Nós estávamos distribuindo panfletos que diziam mais ou menos: “Prestes exige a legalidade, posse ao vice-presidente!” E todos os dias em que durou o impasse, nós da Filosofia íamos para a Cinelândia exigir a posse de Jango. A detenção, entre esses dias, não me lembro mais qual, foi porque eu tinha em casa folhetos a serem distribuídos e o rapaz que ia pegar foi preso antes com meu endereço. A polícia bateu em casa, revistou tudo, levou os folhetos – não podia contestá-los, afinal eram pela legalidade! – minha coleção de *Novos Rumos*, o jornal do partido e dois livros: *O Estado e a Revolução*, de Lenin e *Os oradores da Revolução Francesa*... Me levaram para o DOPS, fiquei algum tempo e me mandaram embora logo.<sup>57</sup>

A direção nacional da UNE vai ao Rio Grande do Sul para participar da Campanha da Legalidade, grupos de estudantes chegam a se unir a outros setores populares para a

---

<sup>56</sup> Praça central do Rio de Janeiro, local de tradicionais atos políticos.

<sup>57</sup> Trechos da entrevista realizada por Angela Roberti e Erica Sarmiento à Marly na Universidade Salgado de Oliveira em Niterói, em maio de 2017, intitulada: “Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras”.

coordenação de grupos armados. Tal atuação da UNE marca o ingresso da entidade na Frente Nacionalista e Popular. (MARTINS FILHO, 1987)

Com a pressão da Campanha da Legalidade, a maioria do Congresso não acolhe o pedido dos ministros militares para que votasse o impedimento de Goulart, mas dá uma espécie de golpe ao adotar o parlamentarismo, transferindo os poderes do Presidente da República para o Primeiro-Ministro Tancredo Neves (PSD), apoiado pela maioria conservadora do Congresso.

Brizola se opôs à aceitação do parlamentarismo, que significava perder na mesa de negociações o que se conquistou nas ruas e quartéis. Julgava que o III Exército deveria marchar sobre Brasília e entregar o poder a Goulart, fechar o Congresso porque violara a legalidade e convocar uma Constituinte para dentro de 60 dias. Goulart tinha efetivamente todas as condições para assumir o governo como chefe de uma revolução (como diz o próprio Goulart em entrevista ao autor do livro), mas não o fez (BANDEIRA, 1978)

O PCB apoia as reformas de base, que chama de ‘reformas estruturais da sociedade’, programa defendido pelas forças de esquerda e por João Goulart. A reforma agrária é a exigência central, mas também faz parte do plano de reformas a reforma urbana, administrativa, bancária e universitária, bem como a extensão do voto aos analfabetos e subalternos das Forças Armadas e a legalização do Partido Comunista. Para Giocondo Dias, integrante da Comissão Executiva do Comitê Central do PCB na época, as reformas de base têm grande importância para a construção do socialismo, por:

Acabar com o domínio de nossa economia pelos imperialistas norte-americanos, extinguir o monopólio da terra e, com ele o poder dos latifundiários como classe, elevar substancialmente os padrões de vida das grandes massas trabalhadoras e, assim, sobre a base de uma ampliação verdadeira dos direitos democráticos do povo, que lhe permita influir decisivamente na condução da vida política do país (DIAS, apud FERREIRA, 2013, p.117)

Durante o período parlamentarista, entre setembro de 1961 e janeiro de 1963, Goulart não governa o país, trata-se de regime de gabinete. O PCB adota uma postura de momentos de silêncio e de hostilidade ao governo. Exige que Goulart nomeie um primeiro-ministro de esquerda, adote um governo nacionalista e implemente as reformas de base. O jornal do PCB publica em junho de 1961 a seguinte manchete em sua primeira página: “Greve geral! Milhões de trabalhadores exigem de João Goulart: Gabinete nacionalista!”. Na mesma página, sob o título “Nenhuma conciliação com os inimigos do povo”, Luís Carlos Prestes faz duras críticas a Goulart: “Os fatos estão mostrando, após nove meses de Gabinete Tancredo Neves, não apenas o fracasso desse governo, mas também a falência da política de conciliação com as

forças que representam os interesses do latifúndio e do imperialismo.” (FERREIRA, 2013, p.120)

Quando Goulart passa a governar em regime presidencialista, escolhe a estratégia de reforçar a aliança do PTB com o PSD para obter maioria parlamentar e aprovar as reformas de base no Congresso Nacional. O PCB e a Frente de Mobilização Popular (FMP), fundada naquele mês por Leonel Brizola para disputar diretamente com o PCB a liderança entre as esquerdas, formam as duas grandes organizações de esquerda. Ambas contrárias à aliança com o PSD, chamando-a de ‘política de conciliação’. Defendem o rompimento com o PSD e a formação de um governo exclusivo das esquerdas, reunidas em uma Frente Única. A edição de setembro de 1963 de *Novos Rumos* aponta:

O Sr. João Goulart tem conciliado exatamente com os inimigos que cumpre combater, com os representantes e defensores do latifúndio e do imperialismo ... Unidade é uma coisa. Conciliação é outra. E as exigências das lutas nacionalistas e democráticas indicam que é necessário fortalecer a unidade de todos os que se encontram nessa trincheira exatamente para desenvolver com maior vigor o combate à política de conciliação e derrotá-la, a fim de isolar e golpear os principais inimigos de nosso povo. (*Novos Rumos*, 1963 apud FERREIRA, 2013, p.122)

Nas eleições de 1962, que coincidiram com os 40 anos do partido, os militantes saem às ruas com os cartazes "Prestes indica". O partido estava na ilegalidade, portanto indicava candidatos do PTB e outros partidos. Mesmo nessa condição, o PCB funcionava como partido legal, possuindo até sede própria no Rio de Janeiro. Na Guanabara, "os operários votavam no Hércules Correia (tecelão), um grupo votava no João Massena (metalúrgico) e estudantes e intelectuais votavam no Marco Antônio Coelho, todos os três do partido e foram eleitos (...) E aí tenho um caso muito engraçado porque estávamos eu e a Anita [Prestes] no Largo do Machado, entregando os panfletos, a gente dizia 'propaganda dos candidatos comunistas' e aí chovia, as pessoas recebiam, jogavam fora..., até que um velho pegou e disse 'vocês duas mocinhas tão simpáticas... simpáticas nada, suas putas....' Aí eu peguei o guarda-chuva pra dar no velho e a Anita [Prestes] me puxava pelo braço pra eu não dar guarda-chuvada no velho."<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> Entrevista com Marly Vianna na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Movimento estudantil nos anos 1960 com Marly Vianna. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PuhYTp044Oc&t=1440s> Acesso em 03/04/21.

## 2.4 A PARTICIPAÇÃO NO MOVIMENTO ESTUDANTIL - UMA COMUNISTA ESTUDANTE OU UMA ESTUDANTE COMUNISTA<sup>59</sup>?

Martins Filho (1987), no livro *Movimento estudantil e ditadura militar*, levanta as seguintes questões: que fatores contribuíram para o surgimento de um efetivo movimento universitário de amplitude nacional, que tem como expressão a greve nacional estudantil pela participação de  $\frac{1}{3}$  dos estudantes nos órgãos colegiados. Marly estava engajada nas manifestações políticas do período e, segundo ela, o início dos anos 60 é marcado por muitas agitações, "qualquer coisa que ocorresse saíamos às ruas para protestar". Por exemplo, as ações de solidariedade à Cuba de que participavam, eram contestadas com o seguinte comentário: "Por que você não vai pra Cuba minha filha?"<sup>60</sup>.

Quando se analisa a experiência do movimento estudantil, muitas vezes se incorre no erro de pensar que os estudantes sempre estiveram ao lado do povo brasileiro e de suas lutas, que predominou o caráter de esquerda no movimento. No entanto, isso não corresponde com a realidade. Antes de 1937 (data da fundação da UNE), segundo Martins Filho (1987), não se pode falar em movimento estudantil no país. Os estudantes universitários no Brasil se organizam tardiamente, se comparados ao Peru e à Argentina.

Há fortes indícios de que grande parte dos estudantes das faculdades da Primeira República tinham orientações políticas antipopulares e elitistas. A exemplo, durante a greve operária de 1917, os estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo colocam-se contrários à greve e inclusive se oferecem para substituir os motoristas de bonde que aderem à greve.

Esse caráter antipopular do meio estudantil expressa a composição de classe dos estudantes universitários antes de 1930, majoritariamente ligados à classe dominante, sobretudo à burguesia comercial. Vai haver um processo de integração da classe média no sistema educacional pós 1945, principalmente no segundo período Vargas, com a abolição progressiva da estrutura dual do ensino secundário (criada pelo próprio Vargas) que impede que estudantes que frequentam a escola técnica ou a formação profissional entrem na universidade. A partir da década de 50, o barateamento das taxas no ensino superior público até chegar à gratuidade

---

<sup>59</sup>Este era um debate que se fazia no movimento estudantil na época, sobre qual era condição primordial, ser comunista ou ser estudante. (Entrevista com Marly Vianna na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Movimento estudantil nos anos 1960 com Marly Vianna. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PuhYTp044Oc&t=1440s> Acesso em 03/04/21.)

<sup>60</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.

praticamente total, amplia o acesso. No ano de 1950 é promulgada uma lei que permite a federalização de estabelecimentos de ensino superior mantidos pelos estados, municípios ou por particulares, resultando em crescimento das universidades públicas. Esses aspectos contribuíram para um aumento no número de estudantes, que passou de 27.253 em 1945 para 142.383 em 1964. (MARTINS FILHO, 1987).

A UNE, durante esse período, ainda representa os interesses liberais e antipopulares, o que fundamenta as posições da entidade entre 1950-1956, ainda que houvesse contraponto no meio estudantil.

Desde 1955, uma frente única de setores nacionalistas, comunistas, socialistas, cristãos e trabalhistas retoma a União Metropolitana dos Estudantes do Rio de Janeiro (UME), uma das entidades regionais mais importantes do movimento estudantil brasileiro. No ano seguinte, essas mesmas forças alcançam a direção da UNE, derrotando os liberais. Segundo Martins Filho (1987), observam-se os primeiros sinais de uma radicalização do movimento estudantil.

As correntes de esquerda passam a dar respostas para as dificuldades concretas dos estudantes, que udenistas e liberais desconsideravam. As dificuldades presentes nesse período são: má qualidade do ensino, altas taxas nas escolas particulares, ampliação de vagas e autoritarismo por parte dos professores. Com a ascensão de um bloco nacionalista apoiado pelo PCB, pelos estudantes católicos independentes e outras tendências, a UNE dirige suas lutas para temas nacionalistas e populares, sob forte influência do ISEB<sup>61</sup>. (MARTINS FILHO, 1987)

No início dos anos 1960 o movimento universitário passa a posicionar-se a favor de uma aliança com a classe trabalhadora. Aproxima-se da luta pelas reformas de base no seio da qual reivindica a Reforma Universitária. Presenciam-se nesse período os primeiros movimentos estudantis de massa voltados para os problemas específicos da universidade. Na Faculdade de Filosofia, entre suas reivindicações, os estudantes lutam pela Reforma Universitária: reforma do currículo, bons professores, exigência de concurso e oposição à cátedra. Segundo depoimento de Marly, a criação da cátedra foi uma luta dos estudantes para proteger os professores na época de Getúlio, para que eles não pudessem ser demitidos por questões políticas. Mas nos anos 1960 a cátedra já era um anacronismo, eram feudos, e ela lembra que o Hélio Vianna era o catedrático de História do Brasil, o Eremildo de Idade Média e só entravam os assistentes que eles chamassem.

---

<sup>61</sup> Instituto Superior de Estudos Brasileiros, criado em 1955 no Rio de Janeiro, órgão vinculado ao Ministério de Educação e Cultura.

Não havia na época, na Universidade do Brasil, reivindicações relacionadas ao mercado de trabalho, visto que no período os estudantes em geral tinham emprego garantido ao se formar. Também não havia reivindicações por moradia estudantil, nem bolsa/assistência estudantil, ainda que, diferente das outras faculdades da Universidade do Brasil, a de filosofia fosse a mais popular, por não ser de tempo integral. Várias faculdades tinham restaurante, como o bandeirão da filosofia.

Em março de 1962, com o II Seminário Nacional de Reforma Universitária, realizado na Bahia, as posições da UNE são sintetizadas nas reivindicações pela abertura, democratização e modernização da universidade. No seminário é formulada a reivindicação de  $\frac{1}{3}$  de representação estudantil nas instâncias administrativas da universidade (Congregação, Conselho Universitário e Conselhos Técnicos).<sup>62</sup>

Na linguagem da época: tratava-se de abolir a universidade “alienada”, “poderoso instrumento do capitalismo e fator de sobrevivência da classe dominante”, a fim de construir a universidade “autêntica”, “a serviço da Nação e, de modo específico, das massas populares”. De acordo com a Declaração da Bahia, a escola superior deveria “formar profissionais para as necessidades do meio e os núcleos esclarecedores, promovedores e dirigentes da Nação. (MARTINS FILHO, 1987, p.54)

A Declaração da Bahia<sup>63</sup> situa a universidade no debate da “Revolução Brasileira”, os estudantes afirmam que a função específica da Reforma Universitária é a “criação da intelectualidade revolucionária que esteja impregnada de ideologia a serviço das massas trabalhadoras.” Portanto, a universidade deve voltar-se para a “pesquisa das (...) soluções inéditas que a realidade brasileira implica” e colocar-se “a serviço do povo”. Defende-se também a elaboração de uma cultura nacional e popular para conscientização das massas. (MARTINS FILHO, 1987, p.55)

A campanha pela reforma universitária tem seu apogeu na greve nacional de  $\frac{1}{3}$  em junho-agosto de 1962. A UNE-Volante, com o lema “A UNE veio para unir”, leva a reivindicação da representação de  $\frac{1}{3}$  para diversas universidades do país, superando as limitações dos conselhos e congressos anuais, passa por quase todos os estados, realizando cerca de 200 assembleias universitárias e levando 50 mil estudantes às apresentações do teatro

---

<sup>62</sup> Na verdade, a Lei de Diretrizes e Bases, aprovada em 1961, já previa a participação estudantil naqueles órgãos, entretanto a regulamentação caberia aos Conselhos Universitários, os quais precisavam ser democratizados. (FREITAS, 2008)

<sup>63</sup> Declaração da Bahia no 1º Seminário Nacional de Reforma Universitária, UNE, 1961.

popular do CPC. O resultado é a grande adesão dos estudantes à greve decretada pela UNE e a criação de CPCs em diversos estados. “A greve foi praticamente total, atingindo a maior parte das universidades brasileiras que, na época, contavam com mais de 100 mil estudantes. Foi a maior greve ocorrida até então<sup>64</sup>.” (MARTINS FILHO, 1987, p.56).

O Jornal do Rio de Janeiro *Correio da Manhã* noticia no dia 1 de junho de 1962 a greve estudantil: “A partir de hoje cem mil universitários de todo país estarão em greve lutando pela participação de um terço de alunos nas Congregações, Conselhos Departamentais e Universitários das faculdades, escolas e universidades” (ver Anexo 12). No dia 2 de junho anuncia: “A greve nacional de estudantes universitários, em seu primeiro dia, continua recebendo adesões de vários estados. Caravanas da UNE percorrem o Brasil procurando apoio total. Na Guanabara, várias faculdades já aderiram à greve”, expressão disso é a adesão à greve pelos estudantes da Faculdade Nacional de Medicina, que em vários momentos se opuseram às correntes dominantes da UNE e UME. Ao longo da duração da greve, o mesmo jornal informa quase diariamente os acontecimentos, no dia 8 de junho menciona o apoio do presidente da república João Goulart à greve estudantil. Aldo Arantes, presidente da UNE, diz mostrar-se “satisfeito com a colaboração que vem recebendo em todo território brasileiro. Frisou que o apoio do presidente João Goulart é um grande alento.” (*Correio da Manhã*, 2 de junho de 1962)

Dentre as diversas manifestações públicas ocorridas durante a greve, como assembleias e seminários locais sobre a Reforma Universitária, peças de teatro como noticiado no *Correio da Manhã* “A peça de crítica à Universidade do Brasil, ‘Auto dos 99%’, será encenada para os trabalhadores, pelo Centro Popular de Cultura da UNE”. Ocorrem também comícios, a exemplo do que reuniu estudantes e sindicatos nas escadarias do Palácio Tiradentes no Rio de Janeiro para exigir a formação de um gabinete nacionalista que leve a cabo a Reforma Universitária. O acadêmico José de Souza, presidente da UME informa à reportagem: “Os universitários estão em greve desde o dia 1 de junho porque, saturados do ensino arcaico e para privilegiados, desejam a democratização da universidade com sua abertura para o povo (...) A Universidade deve servir ao país (...) Ela só atingirá tal dimensão na medida que todos – estudantes, operários, intelectuais e o povo em geral - entendam e apoiem nossa luta por uma reforma universitária, que é aspecto da luta por reformas de base.” (*Correio da Manhã*, 22 de junho de 1962)

---

<sup>64</sup> A greve paralisou a maioria das IES existentes no país naquele período, cerca de 23 federais, 14 particulares e três estaduais. (FREITAS, 2008)

Destaca-se durante a greve a ocupação do Ministério da Educação pelos estudantes do Rio de Janeiro como forma de pressionar o governo, “em barracas de lona alunos da Faculdade Nacional de Geologia davam aulas, os da Faculdade de Medicina consultavam o público e os da Faculdade Nacional de Química realizavam experiências. Manifestos e boletins eram fartamente distribuídos.” (*Correio da Manhã*, 18 de junho de 1962). Após três dias de ocupação, os estudantes são retirados do local pelas tropas do I Exército armados de fuzis e metralhadoras. Do acampamento os estudantes dirigem-se à sede da UNE e, após assembleia, deliberam pela realização da ‘Operação n 2’, que consiste em comícios-relâmpagos em vários pontos da cidade. Nesse mesmo dia, 80 líderes estudantis vão à Brasília para pressionar o governo a se definir sobre a reivindicação da greve.

Marly relata a respeito da posição dos professores na greve de  $\frac{1}{3}$  na Faculdade de Filosofia. “Tivemos dois meses de greve. Nós levamos falta de todos os professores, depois foi uma briga para conseguir abonar as faltas. Se tinham simpatia, nenhum dos professores aderiu. Podiam ser simpáticos às nossas ideias, mas esse negócio de fazer greve, jamais. Jamais houve nesse período uma greve de professores.”<sup>65</sup>

Em relação ao posicionamento dos professores sobre a greve estudantil, reportagem do jornal *O Globo* relata que professores da Universidade do Brasil se reúnem com o reitor Pedro Calmon manifestando-se contrários à participação dos estudantes nos colegiados universitários. (*O Globo*, 25 de julho de 1962). No dia 26 desse mesmo mês, *O Globo* noticia que reitores de universidades federais fazem apelo ao Ministro da Educação Roberto Lira para que desista de pedir poderes legislativos para decidir sobre a participação dos estudantes nos órgãos colegiados das universidades e chamam o movimento dos estudantes de subversivo. Apenas três reitores (das universidades de Goiás, Rio Grande do Norte e Paraíba), que já haviam concedido a participação de um terço em suas universidades, não endossam o apelo. Se não bastasse o posicionamento contrário à reivindicação estudantil por parte da grande maioria de reitores, o Jornal *O Globo*, nesta mesma edição, desqualifica completamente o movimento estudantil e a UNE. Em relação à UNE diz “tratar-se de um soviet. Nada mais do que isso, e conduzido de fora por políticos espertos, que tiram partido da confusão e da desordem. A não ser uma pequena turma do mesmo pelo vermelho, o resto é simplesmente vítima de atrevidos

---

<sup>65</sup> Entrevista com Marly Vianna na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Movimento estudantil nos anos 1960 com Marly Vianna. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PuhYTp044Oc&t=1440s> Acesso em 03/04/21.

‘meneurs’ [líderes]”. Com indignação, a reportagem critica o pedido de abono das faltas e a prorrogação dos exames dos estudantes grevistas ao Ministro Roberto Lira (ver Anexo 13).

A greve termina em agosto sem conquistar sua principal reivindicação, exceto em poucas universidades. O Conselho Federal de Educação (CFE) não atende a reivindicação estudantil e aprova o parecer nº 155/62 afirmando que “(...) a inexperiência dos jovens e o seu desconhecimento, muito naturais, de assuntos, quer didáticos, quer administrativos, desaconselham a sua intervenção.”<sup>66</sup>

Apesar disso, a greve divulga as lutas travadas pelos estudantes para o conjunto da sociedade, além do apoio da opinião pública, que ao ter acesso às discussões levantadas pelo CPC passam a compreender as mobilizações do movimento estudantil. (FREITAS, 2008)

A reivindicação da UNE em torno da participação de 1/3 dos estudantes nos órgãos colegiados expressa uma luta maior pelo próprio projeto de universidade, conforme deliberação do 3º Seminário Nacional da Reforma Universitária realizado em 1963.

Parece evidente que, de certa forma, não seria possível um projeto de Reforma Universitária, no sentido em que não é a forma jurídica mas o próprio conteúdo da Universidade que importa transformar. Mas, por outro lado, as medidas concretas de reforma e democratização do ensino superior esbarram constantemente em obstáculos, tais como a cátedra vitalícia, os exames vestibulares, a estrutura de decisão dos problemas universitários, e tantos outros, característicos de uma legislação anacrônica. A luta, essencialmente, é pela democratização da Universidade, o que de imediato significa a democratização do acesso ao ensino superior e a democratização interna da Universidade Brasileira; mas é indispensável remover os obstáculos mencionados, como condição de novos progressos da Reforma da Universidade.<sup>67</sup>

Uma reivindicação fundamental do movimento estudantil é assinalada por Marly:

Nós éramos a favor de não ter vestibular, ter outro tipo de entrada. Tínhamos até uma música, chamava-se *O auto dos 99%*, dizia assim: “Colega, estudar é privilégio dos que foram pro colégio, às custas de papai e mamãe. Colega nenhum de nós operário, nenhum de nós camponês. Mas colega nós vivemos do salário do filho do operário, do filho do camponês ... Cabide de emprego, lugar de sosse- e go...(pros professores).<sup>68</sup>

Os militantes do comitê universitário do partido (do qual Marly faz parte), de acordo com ela, tinham muito prestígio e respeito dos demais estudantes. Organizam um *Boletim de História*, revista de alto nível, em que inclusive os professores escrevem; criam centros de estudos por cursos (um espaço para discutir os conteúdos das disciplinas); lutam pela abertura

<sup>66</sup> Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, n.87, julho/ setembro de 1962, p.207 apud FREITAS (2008).

<sup>67</sup>Luta Atual pela Reforma Universitária. Rio de Janeiro, UNE, 1963. In: Cadernos de Coordenação Universitária – nº4, p.26-27 apud FREITAS (2008).

<sup>68</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.

do CPC da UNE, entre outros. A atenção às reivindicações estudantis resulta em um grande crescimento do partido na época, conforme relata Marly: eram mais de 100 estudantes na Faculdade de Filosofia<sup>69</sup>, precisando dividir a militância por curso. Em 1961, elegem o Diretório Acadêmico, sem chapa concorrente, e ganham o voto de quase a totalidade dos estudantes. Em 1962 ganham também as eleições para a União Metropolitana dos Estudantes do Rio de Janeiro (UME). De acordo com Marly, nesse período

deixou de ser perigoso ser comunista, ao contrário, pegava muito bem você ser comunista, você ser de esquerda. Eu me lembro que a gente ia para universidade com um escudo com a foice e o martelo numa gola e o escudinho do Lenin na outra. O que pegava mal era você não ser de esquerda<sup>70</sup>.

Segundo Marly, na Faculdade de Filosofia todo mundo sabia quem era do partido, o que facilita os processos de perseguição na faculdade após o golpe.

Marly revela que pouco estudava na universidade. Segundo ela, a primeira vez que estuda a sério na vida é quando está em Moscou em 1965; na faculdade estuda para passar, porque “o que tinha que fazer era agitação”. Além disso, ela trabalhava e quando saía do trabalho ou da faculdade ia encontrar os filhos que estavam com sua mãe. Portanto, conta com pouco tempo para dedicar-se aos estudos. Em 1962 não pode seguir com o curso porque o horário da universidade choca-se com o do trabalho. Inclusive, ela chega a conversar com Antônio Carlos, alto funcionário da Secretaria de Educação, que tinha sido seu professor no Instituto e era seu amigo, para tentar a mudança no seu horário de trabalho na escola, mas recebe a seguinte resposta: “De jeito nenhum, vocês vão fazer faculdade e abandonam o ensino primário, não quero saber”. Sendo assim, Marly tranca a faculdade, retornando ao segundo ano do curso em 1963, na turma de Ciro Flamarion Cardoso.

## 2.5 O ANTICOMUNISMO

O contexto apresentado acima revela forças em luta. Assim como o comunismo se apresenta de forma organizada e alcança muitos setores da população, o anticomunismo também ocupa a cena política sob diversas facetas.

---

<sup>69</sup> Segundo Ridenti (1993), a base do PCB na Faculdade Nacional de Filosofia e na Faculdade de Direito contava com cerca de 150 integrantes.

<sup>70</sup> Entrevista com Marly Vianna na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Movimento estudantil nos anos 1960 com Marly Vianna. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PuhYTp044Oc&t=1440s> Acesso em 03/04/21.

Segundo Motta (2000), o crescimento do PCB nos anos 1930, a criação da Ação Nacional Libertadora e a Revolta de 1935 resultam na consolidação do anticomunismo no Brasil, por meio da ação do Estado, de organismos sociais e industriais. Ou seja, o crescimento e disseminação do anticomunismo dá-se em momentos críticos da conjuntura nacional, em que a classe dominante se vê ameaçada e um grupo heterogêneo se une em defesa da ordem. “Em determinados períodos a presença do anticomunismo foi fraca (...) mas houve radicalização do fenômeno em algumas conjunturas históricas, sempre ligadas a fases de crescimento e influência do PCB, em particular, e da esquerda em geral.” (MOTTA, 2000, p.22).

A emergência do anticomunismo é também de ordem externa. Na década de 1960, foco deste trabalho, a América Latina é colocada no centro da Guerra Fria sob o impacto da Revolução Cubana. Em 1961 é criada a Aliança para o Progresso, programa de assistência ao desenvolvimento socioeconômico da América Latina que, segundo Motta (2000), tinha como principal motivação o anticomunismo. Kennedy, no pronunciamento da criação do programa, diz oferecer uma “revolução pacífica” para se contrapor ao que qualifica como agressão imperialista da União Soviética e de Cuba à região. Apesar do discurso de auxílio humanitário, o objetivo principal era frear o avanço soviético, impedir revoluções e proporcionar uma abertura ao investimento das empresas de capital estadunidense nos países latino-americanos.

Em agosto de 1961, ocorre em Punta del Este, Uruguai, a conferência que aprova os princípios fundamentais do programa na “Declaração aos Povos da América”. Che Guevara participa da Conferência e diz que o programa da Aliança é “para construir latrinas”, ao invés de escolas, fábricas, entre outros. Parte da delegação brasileira aplaude o discurso do Che<sup>71</sup>. Ao se referir ao programa de Kennedy, criado logo após o ataque à Baía dos Porcos, Fidel Castro diz que este “não se limitou a alimentar a guerra suja, o embargo econômico, os ataques piratas, mas reagiu de uma forma mais inteligente, elaborando um programa para a América Latina, um programa de reforma social e ajuda econômica. Foi uma estratégia inteligente para tentar bloquear a Revolução”<sup>72</sup>

Em âmbito interno, de acordo com Dreifuss (1981), empresários de direita se organizam e patrocinam a criação do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e do

---

<sup>71</sup> Informação presente em trecho do filme "Brizola: tempos de luta", de Tabajara Ruas. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8h6xnOL1YEA&list=PLBT9aZtV\\_m77kbkEo0Kz\\_zy1N604Pg-JD&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=8h6xnOL1YEA&list=PLBT9aZtV_m77kbkEo0Kz_zy1N604Pg-JD&t=1s) Acesso em: 05/06/21.

<sup>72</sup> Trecho da entrevista à Fidel no filme "Memórias Cubanas: um dia com Fidel", de Gianni Minà. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=98M2OsLQQGw&list=PLBT9aZtV\\_m77kbkEo0Kz\\_zy1N604Pg-JD&index=98](https://www.youtube.com/watch?v=98M2OsLQQGw&list=PLBT9aZtV_m77kbkEo0Kz_zy1N604Pg-JD&index=98) Acesso em: 05/06/21.

Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), em estreito contato com a CIA (que oferece orientação, experiência e recurso financeiro). O IPES surge em 1962, proclamando-se “contra a radicalização da política brasileira entre esquerda e direita”<sup>73</sup>. Mas, diferente de seu discurso, contrata militares reformados para montar um serviço de inteligência que monitora a esquerda e colhe dados sobre a “infiltração comunista” no governo, distribuindo-os clandestinamente entre oficiais do comando. Além disso, estoca armas e investe com grande peso em propaganda para manipulação da opinião pública por meio de publicações, palestras, filmes, peças teatrais, desenhos animados, propaganda na rádio e televisão, livros, panfletos, jornais, etc.

Para tanto, o IPES emprega um grande número de escritores profissionais, jornalistas, artistas de cinema e teatro, entre outros. E mantém relações com importantes jornais, rádios e televisões (*Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, TV Record, Correio do Povo, O Globo*, etc). Empresas privadas contribuem financeiramente para o IPES, como é o caso da Light & Power, Konrad Adenauer Stiftung, Banco Itaú, etc. O instituto é ligado à Escola Superior de Guerra, unindo-se aos Generais Golbery do Couto e Silva, Heitor de Almeida Herrera e muitos outros. De 1962 a 1964 o IPES gasta US\$200.000 a US\$300.000 por ano para minar as Forças Armadas. (BANDEIRA, 1978 e DREIFUSS, 1981).

O Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) é fundado em 1959 sob financiamento e direção da CIA. Suas atividades se intensificam após a posse de Goulart. Em 1962 intervêm abertamente na campanha eleitoral para governador do Estado, com muito dinheiro estadunidense investido, grande parte vindo do próprio Governo dos EUA, não apenas de suas empresas (como Lincoln Gordon confessaria mais tarde), sob a fachada da Aliança para o Progresso. Mas os recursos do IBAD não são apenas do exterior, também recebe contribuições de companhias estrangeiras instaladas no Brasil - Texaco, Shell, Ciba, Cross, Schering, Enila, Bayer, General Electric, IBM, Coca-Cola, entre outras. (BANDEIRA, 1978).

Como afirma Bandeira (1978), foi um trabalho de corrupção inédito na história do país. A CIA alicia empresários, deputados, senadores, governadores, jornalistas, donas-de-casa, estudantes, dirigentes sindicais, padres, camponeses e inúmeros oficiais dos mais diversos escalões, além de cônsules americanos que trabalham como espões. Ambas as organizações apoiam, ideológica e financeiramente, a criação de organizações anticomunistas.

---

<sup>73</sup> Declaração do banqueiro João Batista Leopoldo Figueiredo, Presidente do IPES. In: Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 8/02/1962 apud BANDEIRA, 1978, p.65.

Com o fracasso do Plano Trienal<sup>74</sup> e a negativa de Goulart de implementar uma política de austeridade para sair da crise econômica, as relações do Brasil com os Estados Unidos tornam-se estremecidas. Kennedy, em conversa com Goulart, insinua que este poderia ter maiores problemas econômicos com os EUA se não reprimisse o movimento operário. Os Estados Unidos utilizam os empréstimos ao Brasil como forma de chantagem econômica e política, ao passo que negociam com os governos estaduais contrários ao governo federal, como é o caso de Carlos Lacerda, da Guanabara e Aluísio Alves, do Rio Grande do Norte, que recebem verbas da Aliança para o Progresso para seus programas de desenvolvimento e infraestrutura. (BANDEIRA,1978)

Há motivos reais para as conspirações da burguesia nacional e estadunidense contra o regime democrático e o governo. O governo Goulart, segundo Bandeira (1978), restabelece relações comerciais com a China e volta-se para os países da África e América Latina; cria os Planos Nacionais de Saúde e Educação; incentiva a formação de sindicatos rurais; regulamenta o Estatuto do Trabalhador Rural; nacionaliza os serviços de telefonia, telegrafia, radiodifusão; cria o Conselho Nacional de Telecomunicações, a Embratel e a Eletrobrás; concede à Petrobrás o monopólio para o fornecimento aos órgãos do governo, autarquias e estatais (até então a cargo dos trustes internacionais); e limita as remessas de lucros para o exterior, entre outros. No entanto, a postura de Goulart até sua radicalização, em fins de 1963, é vacilante, ao buscar fazer concessões ao PSD e através da conciliação manter-se no poder. Por fim, o que a burguesia teme mesmo é a crescente organização da classe trabalhadora e sua reivindicação pelas Reformas de Base.

No Congresso de 1962 da UNE, em comemoração aos seus 25 anos, realizado no Hotel Quitandinha, segundo depoimento de Marly, já se observa um movimento anticomunista, o qual literalmente metralha o local onde estava ocorrendo o congresso (ainda que para assustar, não para matar). Em 1963, quando já estava clara a organização da direita dentro da universidade, militantes do partido são presos, é o caso de Salles, membro do PCB que dentro do DOPS

---

<sup>74</sup> Diante da situação político-econômica, João Goulart formula e busca executar uma política econômica planejada. Para tanto, o presidente deveria executar o Plano Trienal entre 1963 e 1965. De acordo com Ianni (1986, p. 209), “pela primeira vez formulava-se, no âmbito do próprio poder público, um diagnóstico amplo, detalhado e integrado das condições e fatores responsáveis pelos desequilíbrios, estrangulamentos e perspectivas da economia do País”. No entanto, o autor afirma que um plano desse viés “não podia fundamentar a política econômica de um governo apoiado na ‘democracia representativa’, com forte influência do populismo nacionalista e de esquerda” (Idem, p.218). Entretanto, João Goulart, ao longo de 1963, não consegue manter as medidas preconizadas no Plano Trienal, como o investimento numa “política monetária, cambial e salarial de cunho anti-inflacionário” (Idem, p.213), ação estruturada por meio de negociações com representantes do governo norte-americano e do Fundo Monetário Internacional (FMI).(FREITAS, 2008, p.37)

reconhece um informante que era aluno da faculdade. Durante esse período é criado o Comando de Caça aos Comunistas (CCC), entidade paramilitar de direita, que realiza inúmeros atentados e tinha bases em São Paulo na Universidade Mackenzie e na Faculdade de Direito da USP<sup>75</sup>. (RIDENTI, 1993). Mas, segundo Marly,

nós não vimos isso, nós achávamos que estávamos no poder e desprezamos a situação nacional. Houve a eleição para o Diretório Acadêmico, eles organizaram uma chapa e nós quase perdemos as eleições e isso não nos alertou (a chapa era contra os comunistas da universidade, que eu me recorde não era ligada a nenhum partido)<sup>76</sup>

Essa análise de conjuntura mencionada pela Marly não estava restrita ao movimento estudantil, como pode-se observar na fala de Prestes dizendo que os comunistas “estavam no governo, mas não eram o governo” (VINHAS, 1982, p.193) e na surpresa com o golpe de 1964. Em 25 de março de 1964, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), na comemoração do aniversário do Partido e do jornal *Novos Rumos*, Prestes afirma: “Se a reação levantar a cabeça, nós a esmagaremos!” (CARVALHO, 2012, p.149). Acreditava-se no famoso dispositivo político-militar do governo de Goulart, que se tratava de uma crença mantida pelo PCB e por um grupo de políticos civis e militares, de que havia eficiente defesa do governo do presidente João Goulart e, com isso, qualquer tentativa golpista seria impedida. Por conta disso, a orientação do partido era de que não era preciso fazer quase nada, e sim concentrar-se no papel da crítica ao governo. (CARVALHO, 2012)

## 2.6 “SÓ COM VESTIBULAR QUE O LACERDA PODE ENTRAR! E SE PASSAR!”

No dia 30 de dezembro de 1963, cerca de 200 estudantes da Faculdade Nacional de Filosofia impedem a entrada de Eremildo Viana, Sobral Pinto e Carlos Lacerda na faculdade para a cerimônia de colação de grau da turma de Jornalismo.<sup>77</sup>(ver Anexo 14) Os estudantes

---

<sup>75</sup> Além do CCC, havia outras entidades paramilitares de direita no meio estudantil, como o MAC (Movimento Anticomunista) que em 1960 chegou a metralhar a sede da UNE e explodir bombas em frente à Embaixada Comercial da URSS no Rio de Janeiro (Fonte: Comissão Nacional da Verdade da União Nacional dos Estudantes. Disponível em: [https://www.une.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Comissao-da-verdade\\_WEB.pdf](https://www.une.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Comissao-da-verdade_WEB.pdf) Acesso em: 12/08/21) e a FAC (Frente Anticomunista). Todos esses grupos eram minoritários nas universidades. (RIDENTI, 1993)

<sup>76</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.

<sup>77</sup> Os formandos da Faculdade de Filosofia em votação elegeram Anísio Teixeira como patrono e Celso Cunha como paraninfo da turma. Entretanto, estudantes do jornalismo não aceitaram, formando-se em separado e convidando o então diretor da faculdade Eremildo Viana como patrono, Sobral Pinto (advogado do IBAD) como paraninfo e Carlos Lacerda como homenageado. (Referência: nota escrita pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia e publicada no Jornal *O Globo* e a publicação sobre o ocorrido nos *Novos Rumos*)

trancam a entrada e colocam um cartaz na porta dizendo: “Cavalo que pisa em estudante não entra na FNFI”, referindo-se a quando o governador Lacerda enviou a cavalaria da polícia para pisar nos estudantes que se manifestavam na Cinelândia durante a greve estudantil de 1961. (Novos Rumos, 31 de dezembro de 1963)<sup>78</sup> Sobre o episódio, Marly conta:

A colação de grau na faculdade era sempre conjunta, o paraninfo era um só. Mas, naquele ano, como as coisas estavam muito exacerbadas, a turma de jornalismo resolveu colar grau em separado. Nosso paraninfo era o Anísio Teixeira e eles chamaram o Carlos Lacerda. Então, resolvemos que o Lacerda ali não iria entrar. Um grupo de estudantes entrou na faculdade, num cochilo do DOPS que rondava por lá, e trancou-a. Chegou o Lacerda, chegaram as famílias do pessoal de jornalismo. As senhoras, todas chiques, gritavam os maiores palavrões para os alunos que estavam na varanda da faculdade – era onde é hoje a Casa d’Itália, no início da Av. Presidente Antônio Carlos, no centro do Rio. Então, os alunos que estavam dentro do prédio, muitos deles do CPC da UNE, fizeram uma música maravilhosa. Um deles gritava “Ao Lacerda tudo ou nada?” E o coro: “HU!!!!!!” Uma tremenda vaia. E aí a música começava: “Só com vestibular! Só com vestibular, só com vestibular que o Lacerda pode entrar! (breque) E se passar! Só com vestibular, só com vestibular que o Lacerda pode entrar!” Lacerda trouxe o Clube da Lanterna, trouxe todas as mal-amadas, trouxe toda a reação. Comeu 30 cachos de banana, fez discurso para bacana, mas o povo disse NÃO! Queixou-se à embaixada americana, isso é coisa de Havana, de Pequim ou de Moscou, e o povo que apoiava os estudantes só gritava a todo instante: “Não entrava e não entrou! Só com vestibular.... E se passar!” Lacerda não entrou, mas a Polícia do Exército, que foi chamada, levou embora o Lacerda, dispersou o DOPS, os convidados e os estudantes – tranquilamente – mas fechou a faculdade. Foi no dia 30 de dezembro de 1963. A faculdade foi fechada e abriu por pouco tempo, até o golpe. E os golpistas pegaram lá dentro uma quantidade de documentos do partido, que serviram de base para o processo contra nós.<sup>79</sup>

O episódio é noticiado no jornal *O Globo* com a manchete “Ato de violência impediu a solenidade de formatura na Faculdade de Filosofia” (ver Anexo 15). A reportagem não conta que Lacerda ao chegar na Faculdade sai do carro nos braços de um Major da Polícia Militar e leva cascudos da população, após quatro horas tentando entrar, Lacerda vai embora para um prédio próximo conduzido por policiais e apedrejado por populares.<sup>80</sup> Lacerda conta do acontecido em programa de televisão de Flávio Cavalcanti “Noite de Gala”, a entrevista é publicada no jornal *O Globo*. Em tom vexatório se refere aos estudantes como “fanáticos, histéricos e comunistas”, diz que “os incidentes de hoje atestam o fanatismo de alguns e a omissão de muitos. Fanatismo que pretende incendiar o País e estabelecer aqui a desordem e a escravidão. (...) Ou nos unimos agora, para defendermos o direito de ter esperança ou 1964 será

<sup>78</sup> Outro acontecimento envolvendo o governador Lacerda e os estudantes da Faculdade Nacional de Filosofia foi quando os estudantes decretaram um movimento contra o Eremildo Viana, Lacerda enviou o choque da polícia de vigilância para reprimir os estudantes.

<sup>79</sup> ROBERTI, Angela; SARMIENTO, Érica. Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras. *Navegar*, v. 3, n. 4, jan./jun. 2017, p. 189. Disponível em: [http://www.labimi.uerj.br/navegar/edicoes/04/ENTREVISTA\\_Marly\\_Vianna.pdf](http://www.labimi.uerj.br/navegar/edicoes/04/ENTREVISTA_Marly_Vianna.pdf) Acesso em: 03/05/2021.

<sup>80</sup> Esta informação consta no jornal Novos Rumos na edição do dia 31 de dezembro de 1963.

o começo da escravidão” (O Globo, 31 de dezembro de 1963, p.7). Curioso que a “escravidão” mencionada por Lacerda guarda relação com o que sucedeu após o golpe de 1964, mas obviamente não no sentido proferido por este.

Após o ocorrido é aberto um inquérito na Faculdade de Filosofia. Marly conta que Wilson, secretário de organização do partido na faculdade, pediu que cada militante fizesse pequenas autobiografias, com o fechamento da universidade, esses documentos do partido foram a base do inquérito da filosofia, no qual a Marly estava. O único preso nessa ocasião é o Wilson, todos os outros foram julgados à revelia e o inquérito prescreveu, “nós fomos julgados em 1968 e a pena máxima era de dois anos. O juiz fez questão de dizer, ‘aqui não teve ninguém absolvido, a pena prescreveu’. Todo mundo foi julgado à revelia porque ninguém era besta de se apresentar.”<sup>81</sup> Em decorrência do processo relativo à Faculdade de Filosofia, Marly tenta trancar a matrícula ou conseguir transferência, mas não obtém, o que a leva a abandonar a faculdade. Segue trabalhando numa escola em Ramos, a Escola Artur Magioli, na cidade do Rio de Janeiro e só retorna à faculdade para concluir o curso em 1979, após a anistia.

---

<sup>81</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.

### 3 O FORMAR-SE DE UMA MILITANTE COMUNISTA

*Mas, assim como eu havia sido um individualista sem saber, era agora um socialista sem saber (...) Eu já era isso, seja lá o que isso fosse, e com a ajuda dos livros descobri que isso era ser socialista. Desde aquele dia abri muitos livros, mas nenhum argumento econômico, nenhuma demonstração lúcida da lógica e da inevitabilidade do socialismo me afeta tão profundamente e tão convincentemente como o dia em que vi pela primeira vez os muros do abismo social.*

*Jack London, Como me tornei socialista*

Não se nasce comunista, torna-se. Por mais óbvia que pareça essa afirmação, ela capta o movimento e a relação do sujeito com o meio natural e social. Uma relação que se estabelece em determinadas condições históricas, as quais engendram formas de agir e pensar. É a partir desta concepção, orientada pelo materialismo histórico-dialético, que esse trabalho problematiza a respeito dos elementos que influíram na constituição de Marly como uma militante comunista.

Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels (2007, p.43) afirmam que “as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias”; e nas *Teses sobre Feuerbach* (2007, p.28), “a doutrina materialista da transformação das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são transformadas pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado”. Portanto, compreende-se que uma trajetória singular resulta de determinadas condições históricas que favorecem ou desfavorecem as “escolhas” em um percurso ou caminhos trilhados. Ao mesmo tempo, o sujeito atua sobre essa realidade, seja para conservá-la ou para alterá-la.<sup>82</sup>

Utiliza-se o termo escolha entre aspas considerando que o indivíduo é um ser social que vive em relações de produção específicas, nas quais se reproduz biológica e socialmente. Marx compreende tal processo quando afirma, nO *18 Brumário de Luís Bonaparte* (2003, p.15): “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a

---

<sup>82</sup> A importante síntese de Marx: "Não é consciência que determina o ser, mas (...) o ser social que determina a consciência" remonta a um filósofo materialista do período do Iluminismo na França chamado Helvétius, que afirma: "nossas ideias são as consequências necessárias das sociedades em que vivemos" (RUDÉ, 1982, p.13). Marx incorpora a dialética ao compreender que essa sujeição das ideias às sociedades não é absoluta e nem unilateral.

fazem sob circunstâncias de sua escolha, mas sob aquelas circunstâncias com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. Há, portanto, limites históricos para a ação humana, não se escolhem os desafios que se enfrentará, eles são próprios do contexto em que se vive, “(...) a humanidade não se propõe nunca senão os problemas que ela pode resolver, pois, aprofundando a análise, ver-se-á sempre que o próprio problema só se apresenta quando as condições materiais para resolvê-lo existem ou estão em vias de existir” (MARX, 2008, p.48)

Apreender a trajetória de Marly em sua singularidade significa situá-la nas condições sociais e culturais que a engendram. Entretanto, essa singularidade também se constitui como totalidade, de um sujeito que expressa em si as condições que o constituem e que se apresentam no seu percurso de vida. Para Moraes (2000, p.29), só podemos, de fato, entender e compreender a realidade se oscilarmos permanentemente “entre as partes e o todo, entre o abstrato e o concreto, entre o singular e o universal.”

Quais elementos contribuem para o engajamento político de Marly? Uma série de determinações objetivas e subjetivas<sup>83</sup>. A começar pela necessidade de contrapor-se a uma realidade desigual e marcada pela propriedade privada e divisão de classes. Segundo Ianni (1968), a inconformidade do jovem não é uma crise específica de uma idade, visto que esta explicação perde de vista que o que gera a crise das consciências individuais é a própria natureza do sistema capitalista. No entanto, não há, necessariamente, uma consciência por parte do indivíduo de que a inconformidade advém das contradições do modo de produção, ainda que a seja. Desde o período em que Marly participa das Bandeirantes até sua entrada no Partido estão presentes a “vontade de fazer alguma coisa”, inicialmente num sentido muito mais emocional, o que vai sendo politizado ao longo do processo.

Considerando a trajetória singular de Marly, observa-se que, ao optar pela ampliação da escolarização, inicialmente no Instituto de Educação e em seguida na universidade, ela se vê diante não apenas da ampliação da escolaridade em si, mas de um universo político e cultural que se abre. Para uma mulher nos anos 1950 não havia muitas possibilidades, ela e sua irmã tem a permissão do pai para entrar no Instituto por ser uma escola só para mulheres com formação para o magistério, profissão historicamente associada ao sexo feminino. Mas, ao

---

<sup>83</sup> As determinações são compreendidas como traços pertinentes aos elementos constitutivos da realidade.

mesmo tempo, o curso no Instituto permite obter uma profissão e uma independência financeira, além de abrir o caminho para o ingresso na universidade.

A entrada na universidade é também a entrada num espaço de conflitos, disputas, debates, novas perspectivas e militância. Marly não fica alheia ao que se passa, rapidamente se engaja no movimento estudantil e partidário.

A politização decorre das condições de um tempo e espaço determinados, dado o contexto histórico (início dos anos 1960 no Brasil) e o espaço estimulante para a crítica e a ação política (a Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil). O ingresso e a participação na vida universitária, como escreve Foracchi,

representam uma situação nova (...). Abrem-se horizontes de participação que são novos pelas oportunidades que o jovem encontra de conviver com outros que compartilham dos seus problemas, envolvendo-se, na busca comum das alternativas desejadas, criando compromissos semelhantes com a condição que, no momento, define as suas vidas e que é a condição de jovem (FORACCHI, 1972, p.74).

O ingresso de Marly na universidade foi, nas próprias palavras dela, “o que deslanchou, que mostrou o caminho” para a sua “vontade de fazer alguma coisa de cunho social”<sup>84</sup>. É preciso considerar que a entrada na universidade se deu num contexto particular, marcado por forças em luta. No início dos anos 1960 no Brasil emergem lutas, greves e movimentos no meio rural e urbano, o movimento estudantil não fica alheio a isso, ele incorpora e colabora com toda a riqueza cultural e política destes anos.

Agrega-se ao contexto nacional, o internacional, marcado pela luta de classes, a partir de revoluções e transformações radicais que ameaçam concretamente o capitalismo. Desde a derrota do nazifascismo até as revoluções Chinesa, Coreana e Cubana, a guerra anti-imperialista no Vietnã e os processos de libertação nacional que derrubam impérios coloniais seculares pelo mundo. Trata-se de um período histórico com grande potencialidade de transformação, com experiências concretas de povos subdesenvolvidos que se rebelam contra as grandes potências mundiais, um tempo em que acreditar na Revolução<sup>85</sup> não era algo utópico, era algo crível, passível de conquista.

Para além dos aspectos de âmbito conjuntural e estrutural que, em grande medida, influenciam o percurso de Marly, há também um fator de “ruptura moral”. Florestan Fernandes, ao escrever sobre Caio Prado Jr, notou que a ruptura política com a sua classe social de origem, a aristocracia paulista, não poderia se explicar apenas pela efervescência do modernismo que

---

<sup>84</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 29/09/21.

<sup>85</sup>A palavra “revolução” é parte do vocabulário político dessa geração.

influencia os intelectuais progressistas, ou pelos turbulentos anos (1924-1928) que passou na faculdade de direito e no movimento estudantil. Segundo Florestan (1995), ambos os aspectos tiveram enorme influência, mas tal influência não foi decisiva. Estes apenas reforçaram a “predisposição arraigadamente orientada para o inconformismo moral”, que era um traço marcante da personalidade humana e política de Caio Prado Júnior.

Nós, no interior do marxismo, sentimos alguma dificuldade em aceitar uma explicação fundada exclusiva ou predominantemente em uma ruptura moral. Parece que resvalamos para uma centralidade idealista, que coloca no mesmo nível diversas rupturas convergentes (ideológicas, sociais, políticas, etc). Todavia, há um momento de crise da personalidade no qual o desabamento de estruturas mentais se conjuga à busca de outros conteúdos, com uma reorganização completa de suas bases perspectivas e cognitivas. (FLORESTAN, 1991, s/p)

Pode-se perceber na trajetória de Marly que sua predisposição – a vontade de “fazer alguma coisa” – a leva a trilhar caminhos e estabelecer relações com determinadas pessoas. Conforme Aguiar (2000, p.40), “as condições de produção emolduram e condicionam, em larga medida, a vida social e política; mas há, também, mediações e inter-relações sociais que, sob certas circunstâncias históricas, adquirem autonomia e força, passando então a prevalecer e, até mesmo, a influenciar todos os demais condicionamentos, inclusive os econômicos.”

A análise de uma trajetória resulta, portanto, mobilizar diversos aspectos que ajudam a compreender suas determinações. A experiência, como é tratada pelo historiador Edward Thompson (1981), ainda que trate da experiência de classe e não de um grupo, categoria ou indivíduo especificamente, apresenta-se como fundamental para a análise do contexto que possibilita o desenrolar de uma trajetória ou que influencia os possíveis percursos a trilhar. O autor, ao analisar a formação da classe operária inglesa, nas décadas de 1790 a 1830, observa que os sujeitos não são apenas produto das circunstâncias sociais. É preciso considerar um conjunto de tradições e experiências, aspirações, temores, tensões, linguagens, argumentos que emergem num determinado contexto, ou que se apresentam de forma qualitativamente diferente.

Isso significa dizer que o contexto vivido por Marly no início de sua vida universitária – um período de grande efervescência social e política – por si só não é determinante do seu engajamento político e partidário. Entretanto, ele possibilitou que aspirações, valores e interesses já existentes adquirissem um novo sentido naquele contexto; que ambivalências e contradições presentes em sua experiência de alguma forma se “resolvessem”, ou melhor, caminhassem para a tomada de uma consciência e posicionamento político.

Thompson refere-se à experiência humana gerada na vida material e estruturada em termos de classe. Trata-se de uma relação que articula as vivências, os acontecimentos, as ações dos sujeitos, mas também o sentido a elas atribuído; “(...) compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento.” (THOMPSON, 1981, p. 15). Segue o autor (p. 16) afirmando que a experiência surge espontaneamente no ser social, mas sempre acompanhada do pensamento: “Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais e refletem sobre o que acontece a eles e ao mundo.”

Pode-se falar, nos termos de Thompson, em experiência modificada, uma formulação que sintetiza a experiência dos sujeitos em determinadas situações e relações produtivas e que faz emergir necessidades e interesses, novos argumentos e mesmo antagonismos. O que o autor quer dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem à experiência modificada; e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressão sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados. (THOMPSON, 1981, p.16)

Estudar a experiência, portanto, significa estudar o processo que a engendra, com suas tradições passadas, levando-se em conta o contexto, a vida material, bem como suas perspectivas futuras, o vir a ser.

Esse raciocínio contribui para pensar que a consciência política é um movimento que está mediado pela prática, ou seja, é fruto das experiências humanas. Mauro Iasi (2012) observa que a formação da consciência dos indivíduos é síntese de múltiplas determinações tanto objetivas quanto subjetivas, que se revela nos diferentes momentos de constituição da consciência:

Como senso comum dos indivíduos serializados; como revolta diante das injustiças e contradições que cada um enfrenta no curso de sua vida; como identidade grupal que se forma quando, em determinadas situações, conseguimos ver no outro nossas próprias dores e esperanças; como consciência de classe em si na luta pela afirmação de seus direitos e necessidades; até a possibilidade de expressão como consciência de classe para si, que afirma um projeto histórico com autonomia e independência. (IASI, 2012, p.16)

### 3.1 “A VIDA É A ARTE DO ENCONTRO, EMBORA HAJA TANTO DESENCONTRO PELA VIDA”

A poesia de Vinicius de Moraes é uma boa forma de expressar os encontros e desencontros da vida que marcam as trajetórias. Marly relata na entrevista que era muito "metida/ exibida", no sentido de que conversava, ia atrás, questionava. Esse aspecto de sua personalidade possibilita criar laços com as "pessoas certas". Durante o período em que estuda no Instituto de Educação, sua amizade com o professor Sussekind é importante, pois foi uma referência de alguém comunista, quebrando sua visão preconceituosa herdada do meio em que foi criada, particularmente a visão do avô. A amizade também a influencia a participar da chapa para o grêmio estudantil do Instituto.

A entrada nas bandeirantes não contribui necessariamente para o engajamento político de Marly, mas expressa a sua ânsia de se organizar em um grupo para "fazer algo", o que revela uma sensibilidade diante dos problemas sociais e da injustiça, algo que constitui um "espírito inconformado", nos termos de Che Guevara (1962). Além do mais, com a participação nas bandeirantes, adquire conhecimentos de trabalho em grupo e sobrevivência. Em um acantonamento lembra que salvou uma menina que estava se afogando, ganhando uma medalha de mérito. Em um concurso que faz nas bandeirantes, para passar à guia, cai um ponto sobre a Revolução Francesa e Marly conta que nunca a havia estudado e que deve ter "defendido a monarquia e esculhambado com a guilhotina"<sup>86</sup> Foi reprovada, claro.

Antes de entrar na universidade, por meio do cursinho pré-vestibular, conhece estudantes ligados ao Partido Comunista (PCB) que são professores no cursinho e, segundo ela, estavam entre os melhores estudantes do curso. Logo que entra na universidade participa de uma reunião do partido e pede filiação, visto que "as melhores pessoas que eu conhecia estavam lá". Evidencia-se a importância da presença de jovens comunistas que são referência e exemplo no curso, o que lembra as palavras de Che Guevara ao discursar para a juventude comunista em Cuba:

Ser um exemplo vivo, ser o espelho onde se olhem seus companheiros que não pertençam às juventudes comunistas (...) que seja essencialmente humano, ser tão humano que se aproxime daquilo que há de melhor no ser humano, que purifique o melhor do homem por meio do trabalho, do estudo, do exercício da solidariedade permanente com o povo e com todos os povos do mundo, desenvolver ao máximo a sensibilidade até se sentir angustiado quando se assassina um homem em qualquer

---

<sup>86</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.

lugar do mundo e se sentir entusiasmado quando em algum lugar do mundo se levanta uma nova bandeira de liberdade.<sup>87</sup>

Em relação ao âmbito familiar, o fato de Marly ter morado em diferentes lugares ao longo de sua infância e a mudança da família para o Rio de Janeiro, então capital do país (centro cultural e político), colabora para uma formação mais ampla e diversa. O apoio de seu pai à Getúlio e mais tarde sua ligação com Lott e a participação no 11 de novembro podem ser fatores que contribuem para seu interesse por política. Entretanto, nas eleições de 1955, seu pai apoia Juscelino Kubitschek, enquanto Marly vota no candidato adversário, Juarez Távora da UDN, por causa do apoio dos comunistas à Juscelino.

Nos anos 1960 a posição eleitoral de Marly modifica-se, engaja-se na campanha da chapa de marechal Henrique Teixeira Lott e João Goulart nas eleições presidenciais. Além da admiração de seu pai por Lott, o que pode ter influenciado sua posição, a relação com a família Konder cumpre um importante papel neste processo.

A trajetória de Marly, como qualquer outra, é permeada pelas contradições sociais. Segundo Moraes (2000), a história é o movimento de produção e superação das contradições, as quais se manifestam nas trajetórias singulares, junto de incertezas, incoerências, mudanças de opinião, entre outros.

Uma importante influência na vida de Marly que possibilita uma mudança de visão em relação aos comunistas, como já assinalei, é sua aproximação com a família Konder, por quem nutre grande simpatia, e sua amizade com o filósofo comunista Leandro Konder. Marly conta que:

o Leandro e toda a sua família, foi decisivo para eu perder o medo do comunismo, porque até aí para mim comunista comia criancinha, não literalmente, mas era, vamos dizer assim, a besta fera. Então quando eu conheci o Leandro foi outro mundo, um pessoal maravilhoso porque realmente era uma família maravilhosa.<sup>88</sup>

Ao homenagear Leandro Konder em razão de seu falecimento, Virgínia Fontes afirma:

Ele foi o pensador marxista mais gentil que já conheci. Leandro sempre teve a clareza de que o marxismo é civilizador, por ser crítico e ao mesmo tempo possibilitar a reunião e o encontro, por estimular a verdadeira expressão das divergências, aquelas que se evidenciam entre iguais. O marxismo, como Leandro, se nutre quando aumenta

---

<sup>87</sup> Fragmento do discurso de Ernesto Che Guevara no ato da comemoração do II Aniversário da integração das organizações juvenis, em 20 de outubro de 1962, no Teatro Chaplin. Disponível em: <https://ujc.org.br/o-que-deve-ser-um-jovem-comunista-por-che-guevara/> Acesso em: 25/08/2021.

<sup>88</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 29/09/21.

o tamanho do mundo e de nossas possibilidades nele (...) nós, materialistas, sabemos pertinentemente que somos feitos de matéria, de consciência e de afetos.<sup>89</sup>

Marly, assim como Leandro, carrega essa forma de ver o marxismo não como um dogma, mas uma posição diante da vida. Ambos dedicam-se "aos tempos em que vivemos, às formas como nos inserimos nesse tempo, como nos modificamos – singular, social e historicamente –, como precisamos aprender a pensar autonomamente para percebermos o quanto somos, de fato, constituídos coletivamente."<sup>90</sup>

Do seu período na faculdade fez grandes amizades com camaradas que militavam com ela no comitê universitário (alguns deles: Dora Henrique da Costa, Anita Prestes, Flora Abreu, Maria Lúcia Teixeira, Aluísio Teixeira, Fernando Sclo, Teixeirinha que era da medicina, filho do Anísio Teixeira, Givaldo, a pessoa de quem Marly era mais amiga e que a influencia muito).

Foram ligações muito fortes, algumas amizades continuaram até hoje. Enfim, foi a época mais marcante de nossas vidas porque depois continuou a militância e deste grupo, uma coisa interessante é que ninguém “desbudou” não. Algumas pessoas se afastaram um pouquinho por esse ou por aquele motivo (...), mas ninguém virou a casaca.<sup>91</sup>

### 3.2 UMA ESCOLHA ENTRE POSSIBILIDADES

Muitos jovens viveram no mesmo período que Marly, com condições sociais similares, passaram pela universidade, quiçá pela Faculdade Nacional de Filosofia, mas seguiram outros rumos, até mesmo opostos. Ou seja, ter vivido num determinado contexto histórico não garante o desenvolvimento de uma consciência radical e a organização política.

Martins Filho (1987), ao tratar dos jovens que não apresentam tendência nenhuma a desenvolver uma atuação política radical, aponta que esse é o comportamento esperado no sistema em que vivemos, significa que os mecanismos de controle da "sociedade adulta", nesses casos, alcançaram sua plena eficácia, fazendo com que a juventude não apreenda as contradições fundamentais do sistema social em que vive. Rudé (1982, p. 240) ajuda a compreender os motivos do jovem não se rebelar nesse sistema, ao afirmar que:

---

<sup>89</sup> Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2013/05/L-Konder-V-Fontes.pdf> Acesso em: 24/08/21.

<sup>90</sup> Virgínia Fontes. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2013/05/L-Konder-V-Fontes.pdf> Acesso em: 24/08/21.

<sup>91</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 29/09/21.

o jovem que não se “rebela” não realizou a conscientização da condição alienada do homem na sociedade capitalista: ou porque foi amplamente envolvido e integrado pela ordem estabelecida ou por não ter condições intelectuais para formular a própria condição real.

De acordo com Ianni (1968), muitos jovens procedentes de diferentes camadas sociais desenvolvem atuações políticas incompatíveis com o restante de sua classe. Isso ocorre na sociedade burguesa porque o processo de incorporação dos “grupos imaturos” não é automático e nem espontâneo.

Ao contrário, ele se realiza por meio de mecanismos complexos, que nem sempre apanham plenamente o indivíduo. Isso faz com que haja fases da vida do jovem nas quais ele se encontre como que “desvinculado”, isto é, em processo de ajustamento, com relação às polarizações dos interesses e ideais de sua classe. É nessa ocasião que o imaturo pode ser alcançado, como tem sido, por doutrinas políticas contraditórias com os interesses de sua classe, ou com a preservação da conjuntura presente, desenvolvendo-se, então, o comportamento radical. (IANNI, 1968, p. 226)

A heterogeneidade política dos setores médios, setor predominante nas universidades na época, impede que se lhes atribua um comportamento unitário. Sua posição depende da conjuntura, da maneira pela qual se articulam e se opõem à prática política burguesa. Dependendo da conjuntura política e do nível alcançado pelas lutas sociais, o movimento estudantil poderá assumir posições político-ideológicas diversas (conservadora, reformista, revolucionária). Ou seja, não se pode conferir ao movimento estudantil um caráter imutável. (MARTINS FILHO, 1987, p.13)

Durante toda a sua graduação, a Marly trabalha e estuda. Segundo Martins Filho (1987, p. 25), com base em Foracchi, ao complementar a sua manutenção pelo trabalho, o estudante deixa de estar vinculado à família, "nega-se como parte da família para integrar-se ao sistema como agente de classe."<sup>92</sup> Ao passo que o descomprometimento do jovem estudante em relação ao trabalho produtivo integral, sua abertura aos processos de criação, sua disponibilidade psicológica e social o encaminha para o exercício da liberdade, da busca e da improvisação.

Enquanto categoria social o estudante tem como uma de suas principais características a transitoriedade, o que Martins Filho (1987) define como “vir-a-ser”, pois sua condição está voltada para a realização de sua futura profissão. Ao visualizar suas condições de trabalho futuras e os limites de classe apresenta-se a possibilidade para a “crítica do padrão profissional”

---

<sup>92</sup> Martins Filho complementa que o estudante de classe média mantém com sua família vínculos de dependência econômica e também de retribuição e compromisso com o projeto familiar, de continuidade. Portanto, a inserção no mundo da produção redefine a relação com a família, mas não transforma os vínculos de classe do estudante.

(p.27) e nesse processo há abertura para o engajamento em reivindicações que visam mudança nesse padrão.

O estudante chega, em gradações diversas, a compreender os mecanismos que o alienam, partindo da sua própria experiência de estudante, vivenciando-a nos diferentes planos sociais de sua existência. Ao longo do processo de constituição do estudante como categoria social, se engendra um estilo de práxis política que desvenda, ao mesmo tempo, a peculiaridade da sua própria condição e aspectos da situação global. (FORACCHI, 1977 apud MARTINS FILHO, 1987, p.27)

Marly opta por um caminho - o do engajamento político revolucionário - dentre as possibilidades existentes. Essa escolha marca sua trajetória.

### 3.3 A CONSCIÊNCIA IMPLICA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

*(...) É tempo de rebeldia.  
São tempos de rebelião.  
É tempo de dissidência.  
Já é tempo dos corações  
Pularem fora do peito  
Em passeata, em multidão  
porque é tempo de dissidência  
é tempo de revolução*

*Mauro Iasi*

Marly percebe que sua escolha implica a organização coletiva. O inconformismo diante da ordem estabelecida por si só não modifica a realidade. A entrada no partido é exemplo disso, como ela mesma diz, "era aquela ideia, é um grupo que vai fazer alguma coisa para mudar a situação do Brasil"<sup>93</sup>.

Sua entrada no partido resulta de múltiplas determinações, que podem ser compreendidas pela sua trajetória e o momento histórico em que viveu; passa pela caridade, pelas bandeirantes e, por fim, pela organização num partido comunista.

Era muito mais uma questão emocional, essa sociedade não é justa, tem que mudar e o caminho está aqui no PCB e as melhores pessoas que eu conheço também estão aqui, são esses colegas meus (...) Minha mãe ficava apavorada, mas não se metia muito e nessa época eu já estava casada, tinha três filhos, acabou com o meu casamento, mas enfim, entre mortos e feridos, salvaram-se todos. Não houve essa opressão familiar<sup>94</sup>

<sup>93</sup> Entrevista com Marly Vianna concedida à Sofia Vendramini Andrade em 04/06/21.

<sup>94</sup> Entrevista com Marly Vianna na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Movimento estudantil nos anos 1960 com Marly Vianna. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PuhYTp044Oc&t=1440s> Acesso em 03/04/21.

Nessa ocasião o pai de Marly já havia falecido, muito jovem aos 48 anos.

Otávio Ianni (1968) analisa esse processo de inserção na vida política, no texto *Jovem radical*, ao tratar do radicalismo político da juventude.

Não se trata apenas de uma fase transitória - culturalmente produzida - da vida social das pessoas, consideradas individualmente, em face dos contextos familiar e social global. O inconformismo juvenil é, ao contrário, um produto possível do modo pelo qual a pessoa globaliza a situação social. No momento em que inicia o ingresso na sociedade ampla, o jovem descortina condições e possibilidades de existência que o tornam consciente tanto das condições reais como das emergentes. Daí a organização do seu comportamento em termos às vezes radicais, onde se instaura a relação de negatividade com o presente (p.228).

Hobsbawm (1987, p. 46) destaca que a consciência implica a organização (no sindicato, partido ou movimento), torna-se assim uma "extensão da personalidade do trabalhador individual, que ela contempla e completa."

A classe operária, como o campesinato, é constituída quase que por definição de pessoas que não podem fazer coisas acontecerem exceto coletivamente, embora, ao contrário dos camponeses, sua experiência de trabalho demonstre todos os dias que eles devem agir coletivamente ou não agir de forma alguma. Mas mesmo sua ação coletiva requer estrutura e lideranças para que sejam eficazes. (HOBSBAWM, 1987, p. 77)

Segundo o historiador inglês, cada classe possui dois níveis de aspirações, as específicas, imediatas e as exigências mais gerais por um projeto de sociedade. A consciência de classe, em ambos os níveis, implica a organização. Observa-se que Hobsbawm (1987, p.34) aborda a classe e a consciência de classe como elementos inseparáveis. "Uma classe em sua acepção plena, só vem a existir no momento histórico em que as classes começam a adquirir consciência de si próprias como tal."

Thompson, assim como Hobsbawm, aborda a questão da classe e consciência de classe como elementos inseparáveis. Na obra *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1987), Thompson descreve o período entre 1790 e 1830 quando se constitui a classe operária inglesa e é possível observar a identidade de interesses entre diversos grupos de trabalhadores em oposição aos interesses de outra classe. Associam-se aos interesses em comum as formas correspondentes de organização política.

Lenin não acredita que a militância dos trabalhadores focalizada em aspirações econômicas imediatas despertasse neles, espontaneamente, uma consciência política de classe. Daí a necessidade do partido político que tem como um de seus objetivos centrais "o trabalho de educação política da classe operária, de desenvolvimento da sua consciência política" (LENIN, 2015, p. 110).

É na práxis que a Marly vai se tornando uma militante comunista, em sua atuação no movimento estudantil e no partido.

A consciência política não é algo dado que se constitui e se garante. Há indivíduos que abandonam as posições políticas de sua juventude, sem falar daqueles que jamais desenvolvem uma atuação política radical, agindo, ao contrário, de acordo com as possibilidades preservadas pelas gerações anteriores, ajustando-se à ordem. Há na história muitos exemplos de revolucionários e militantes que acabaram a vida em movimentos direitistas, defendendo posições as quais passaram a juventude lutando contra. Mas há aqueles que, parafraseando Brecht, lutam por toda vida e não abdicam dos ideais de mudança, a Marly está entre eles.

Sua trajetória de militância política não se encerra no período abordado neste trabalho, tampouco se encerra sua constituição enquanto militante. Marly enfrenta os riscos da clandestinidade durante a ditadura empresarial militar de 1964, o seu papel importante de historiadora militante ao salvar os arquivos de Astrojildo Pereira do DOPS, o exílio, a tarefa na direção do partido e, em todos esses episódios, a firmeza de seguir sendo comunista.

Durante sua carreira acadêmica, sempre difundiu e segue difundindo seus conhecimentos, pesquisas e experiências por meio de aulas, palestras, formações e inclusive em entrevistas sobre sua história de vida. Sua vida é plena de sentido, pois dedica-se a compartilhar aquilo que produz visando a superação dessa sociedade.

Finalizo este capítulo com uma frase que Marly utiliza ao fim de uma *live* que participa, uma de muitas realizadas durante a pandemia da Covid-19. Conta que quando Prometeu acorrentado é perguntado por que se submeteu à tortura para dar o fogo aos homens, ele diz: “Quis dar a eles uma infinita esperança no futuro”.

## 4 CONCLUSÃO

Apreender aspectos de uma trajetória permite compreender a profunda historicidade que nos constitui. Carregamos em nossas mãos, no agir e no pensar, a experiência histórica dos que vieram antes, a qual é incorporada e ao mesmo tempo negada. Nesse movimento de superação encontram-se possibilidades para mudar o mundo e nossa forma de ser.

Por meio dessa pesquisa foi possível conhecer e registrar o percurso vivido por Marly Vianna, uma estudante de História que se fez militante para além dos muros da universidade, engajando-se nas lutas sociais de sua época. Aprendi muito com sua trajetória, sobretudo a não arrefecer diante dos enormes obstáculos que a conjuntura impôs à sua formação e atuação política.

Delimitei como objetivo deste trabalho de conclusão de curso a análise sobre as múltiplas determinações na formação de uma estudante que se fez mulher militante comunista no início dos anos 1960, no Brasil, mais especificamente, na cidade do Rio de Janeiro. Diversos autores se debruçam sobre a condição de estudante, sua transitoriedade e a radicalidade da juventude. Em síntese, a categoria social estudante é heterogênea politicamente, portanto não se pode atribuir-lhe um comportamento unitário, assim como o setor médio de onde vêm a maior parte dos estudantes nas universidades no período. Sua posição diante dos acontecimentos depende de aspectos conjunturais, da maneira pela qual se articulam e se opõem à prática política burguesa. Ianni (1968) observa que muitos jovens procedentes de diferentes camadas sociais desenvolvem atuações políticas incompatíveis com o restante de sua classe. Isso ocorre na sociedade burguesa porque o processo de incorporação dos jovens não é automático e nem espontâneo. Marly, assim como os jovens estudantes universitários da época, constitui uma categoria social que pertence a uma determinada classe social, contexto, modo de produzir a vida e pensar sobre ela. Todos esses fatores condicionam em larga medida o seu percurso. A tomada de consciência acerca das contradições da vida social não se dá naturalmente, é um movimento que ocorre mediado pela prática social.

Viver a condição juvenil de estudante no início dos anos 1960 no Brasil, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, foi um tempo peculiar e um espaço que propiciou o aprendizado de organização estudantil e partidária, portanto, uma formação que transcende a sala de aula. Além disso, Marly estreitou laços de amizade e aproximação com a família Konder, em especial com Leandro Konder, que muito contribuiu para despertar

inquietações teóricas e políticas. Todos estes aspectos se inter-relacionam com a personalidade de Marly, conformando seu engajamento social e político.

Além dos aspectos assinalados relativos ao engajamento político-partidário de Marly, é preciso considerar as ambiguidades presentes na sua vida familiar e as contradições em sua trajetória, as quais abriram brechas para um direcionamento revolucionário. Onde há presença de contradições, há possibilidade de ação política, portanto, de superação. Por exemplo, seus familiares por parte de mãe eram todos integralistas, um viés do integralismo nacionalista e anti-estadunidense, como Marly relata. Ainda que seu avô não fosse anticomunista, convive com comentários negativos em relação aos comunistas por parte de sua mãe e avó. Entretanto, sua participação nas eleições de 1960 na campanha da chapa Lott-Jango, apoiada pelos comunistas e seu ingresso na universidade a leva a entrar em contato com pessoas do PCB e do movimento estudantil, abrindo outras perspectivas de compreensão e atuação sobre a realidade.

O percurso feito nesta pesquisa focalizou apenas num período da trajetória político-partidária de Marly, não somente contando os fatos de sua vida, mas a sua conexão com o contexto político, econômico e social do país no início dos anos 1960, a influência da conjuntura internacional, particularmente na América Latina, explicitando as forças em contradição que se interpuseram em sua trajetória

Ao escrever essa conclusão identifico algumas limitações do meu trabalho. Em relação às fontes utilizadas, elas poderiam ter ampliado o uso de jornais, bem como acervos digitalizados do DOPS. Poderia ainda ter analisado a trajetória de Marly à luz de outras biografias de militantes comunistas do mesmo período e entrevistado pessoas próximas que convivem e/ou conviveram com ela. Porém, apenas na finalização do trabalho, conseguimos olhar para o percurso feito e identificar as lacunas, quando já não há mais tempo para tal. Além disso, a pandemia agravada por um contexto de crise sanitária, econômica, social e política, dificultou o desenvolvimento deste trabalho: impediu o acesso aos livros da Biblioteca Universitária, a pesquisa em acervo, entrevistas presenciais com Marly, o espaço da universidade para o estudo e diálogo. A pesquisa e a escrita do TCC foram muito solitárias, envolveram momentos de paralisia, de ansiedade e de desânimo.

Todavia, escrever este trabalho permitiu estabelecer relações com textos lidos durante a graduação que passaram a fazer sentido, desenvolver a escrita, relacionar autores, encadear aspectos, ler nas entrelinhas, enfim, aprender a fazer pesquisa. O trabalho possibilitou-me

pensar e contestar, como dois pares dialéticos. Entrego esse trabalho, portanto, para ser lido e também contestado, pois a incontestabilidade dissolve a história.

Aprendi com a escrita desse trabalho e com a trajetória de Marly a importância da profissão de historiadora, que conecta o estudo e pesquisa acerca da ciência histórica, sua necessária difusão e a atuação prática como uma historiadora militante.

Penso que a trajetória de Marly merece ser conhecida, precisamos de bons exemplos (não o de supostos mitos) que nos inspirem a pensar criticamente sobre a realidade para modificá-la. É fundamental conhecer, registrar e escrever sobre o legado de pessoas exemplares que abriram mão de muito para contribuir com as lutas da nossa classe. A trajetória de Marly é inspiradora para mim e espero que tenha sido para os leitores também. Finalizo com os versos que ela mais se identifica.

*Nossa geração teve pouco tempo,  
começou pelo fim.  
Mas foi bela nossa procura.  
Ah, moça, como foi bela nossa procura!  
Mesmo com tanta ilusão perdida,  
quebrada,  
Mesmo com tanto caco de sonho  
onde, até hoje,  
A gente se corta.*

*Alex Polari, Idílica Estudantil*

## REFERÊNCIAS

### Referências bibliográficas:

- AGUIAR, Ronaldo Conde. Introdução e prólogo. In: *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, p.13-50.
- AUED, Bernardete W. *A vitória dos vencidos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1986.
- BANDEIRA, Moniz. *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos (memórias)*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Epistemologia pós-moderna, texto e conhecimento: a visão de um historiador. *Diálogos*, DHI/UEM, v. 3, n. 3, 1999, p. 1-28.
- CARLONI, Karla Guilherme. *Marechal Henrique Teixeira Lott: a opção das esquerdas*. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982.
- CARVALHO, Renée France. *Uma vida de lutas*. Organização: Marly Vianna, René Louis de Carvalho e Ramón Peña Castro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.
- CIAVATTA, Maria. *Luta e memória*. A preservação da memória histórica do Brasil e o resgate de pessoas e de documentos das garras da ditadura. Rio de Janeiro: Revan, 2015.
- DREIFUSS, René. A ação de classe da elite orgânica: a campanha ideológica da burguesia. In: *1964: a conquista do Estado*. Ação Política, Poder e Golpe de Classe. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FLORESTAN, Fernandes. Obra de Caio Prado nasce da rebeldia moral. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/florestan11.htm> Acesso em: 17/10/21.
- FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Jorge. O Partido Comunista Brasileiro e o governo João Goulart. *Revista Brasileira de História* (Online). São Paulo, v. 33, n. 66, 2013, p. 113-34. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v33n66/a07v33n66.pdf>. Acesso em: 5/07/21.

FERREIRA, Jorge. Novos Rumos: jornal do Partido Comunista Brasileiro. *Locus*. Revista de História do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFJF. Juiz de Fora, n. 37, vol. 19, n. 2, 2014.

Disponível em: <http://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2827/2141>. Acesso em: 5/07/21.

FREITAS, Adriana da Silva. *Repressão aos estudantes da UFRJ no cenário ditatorial*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FORACCHI, Marialice. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira (Ed. da Universidade de São Paulo), 1972.

FORACCHI, Marialice. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 46.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Angela de Castro; FLAKSMAN, Dora; STOTZ, Eduardo. *Velhos Militantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

GORENDER, Jacob. O ciclo do PCB: 1922-1980. In: FORTES, Alexandre (Org.). *História e perspectivas da esquerda*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Chapecó: Argos, 2005.

HOBBSAWM, Eric. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

IANNI, Otávio. O jovem radical. In: BRITO, Sulamita. *Sociologia da juventude, da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p.225-242.

KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

KOHAN, Néstor. *Desafios actuales de la teoria crítica frente al pós-modernismo*. 2007. Disponível em:

[https://www.lahaine.org/mundo.php/desafios\\_actuales\\_de\\_la\\_teoria\\_critica\\_f](https://www.lahaine.org/mundo.php/desafios_actuales_de_la_teoria_critica_f) Acesso em: 20/05/21.

KONDER, Leandro. *O marxismo na batalha das ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LENCINA, Daiana C. *Camarada Aldo Pedro Dittrich: trajetória profissional, política e repressão (1950-1964)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 167-182.

- MARTINS FILHO, João Roberto. *O movimento estudantil e ditadura militar: 1964-1968*. Campinas: Papirus, 1987.
- MARTINS FILHO, João Roberto. O movimento estudantil dos anos 1960. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MARX, Karl. *O dezoito de brumário de Louis Bonaparte*. 3.ed. São Paulo: Centauro, 2003.
- MARX, Karl. Prefácio. In: *Contribuição à crítica da economia política*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p.45-50.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MORAES, Maria Célia Marcondes. *Reformas de Ensino, Modernização Administrada. A experiência de Francisco Campos: anos vinte e trinta*. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 2000.
- MORAIS, Clodomir Santos. História das Ligas Camponesas do Brasil: 1969. In: STEDILE, João Pedro (Org). *A questão agrária no Brasil - Volume 4: história e natureza das Ligas Camponesas – 1954-1964*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O segundo grande surto anticomunista: 1961-1964. In: *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- NEAGELI, Lucia Baère; MARTINS, Luciana. *PCB: oitenta anos de luta*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2002.
- NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método em Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2012.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. Introdução. In: *Caminhos da revolução brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Proj. História*, São Paulo, fev. 1997, p.25-39.

- QUARTIM DE MORAES, João. No laboratório da história. In: PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2012.
- REIS, Daniel Aarão. Ditadura, anistia e reconciliação. *Est. Hist.*, vol. 23, n.45, Jan.-Jun. 2010, p.171-186.
- REIS, Daniel Aarão (Org.). *Revolução e democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- RIDENTI, Marcelo. Brasil, anos 1960: povo, nação, revolução. In: *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- ROBERTI, Angela; SARMIENTO, Érica. Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras. *Navegar*, v. 3, n. 4, jan./jun., 2017, p. 186-213. Disponível em: [http://www.labimi.uerj.br/navegar/edicoes/04/ENTREVISTA\\_Marly\\_Vianna.pdf](http://www.labimi.uerj.br/navegar/edicoes/04/ENTREVISTA_Marly_Vianna.pdf). Acesso em: 3/05/2021.
- ROCHA FILHO, Luiz Camões Pedroso. *O "dia da raça" e seus desdobramentos*. TCC (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- ROEDEL, Hiran; AQUINO, Rubin S. L.; VIEIRA, Fernando A. C.; SILVA, Fernando; SANTANA, Marco. O equilibrista e a política: o "Partido da Classe Operária" (PCB) na democratização (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- RUDÉ, George. Introdução: In: *Ideologia e protesto popular*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.
- SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. O esteio da ordem: comunistas, greves e sindicatos no Brasil (1945-1948). In: SENNA JÚNIOR, Carlos Zacarias (Org). *Capítulos de história dos comunistas no Brasil*. Salvador: Ed. UFBA, 2016.
- THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- THOMPSON, Edward P. Introdução. In: *A formação da classe operária inglesa*, v.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VIANNA, Marly. Nas origens do comunismo brasileiro. In: PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB (1922-1928)*. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Mauricio Grabois, 2012, p.17-22.

VIANNA, Marly. *Seminário PCB 90 anos de lutas*, parte 1, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5THytbzpd-Q> Acesso em: 20/05/21.

VIANNA, Marly. *Os primeiros anos do PCB e a Internacional Comunista*. Texto impresso, s/d.

VIANNA, Marly. *Revolucionário de 35: Sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Peças do CPC: a mais valia vai acabar, seu Edgar e mundo enterrado*. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

VINHAS, Moisés. *O Partidão - a luta por um Partido de Massas 1922-1974*. São Paulo: Hucitec, 1982.

### **Jornais:**

**NOVOS RUMOS**. 31 de dezembro de 1963. Disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

**O GLOBO**. 30 de junho de 1965. Disponível no acervo O Globo <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/>.

**O GLOBO**. 26 de julho de 1962, p.3. Disponível no acervo O Globo <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/>.

**O GLOBO**. 31 de dezembro de 1963, p.4. Disponível no acervo O Globo <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/>.

**CORREIO DA MANHÃ**. Rio de Janeiro, 1 de junho de 1962, p.1. Disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

**CORREIO DA MANHÃ**. Rio de Janeiro, 18 de junho de 1962. Disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

### **Documentos:**

Resolução política do V Congresso do Partido Comunista Brasileiro, setembro de 1960. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1960/09/congresso.htm> Acesso em: 24/08/21.

Declaração do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas Sobre o Caráter da Reforma Agrária 1961. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1961/11/17.html> Acesso em: 24/08/21.

### **Entrevistas:**

VIANNA, Marly. 04/06/21. Entrevista concedida à Sofia Vendramini Andrade.

VIANNA, Marly. 29/09/21. Entrevista concedida à Sofia Vendramini Andrade.

VIANNA, Marly. Movimento estudantil nos anos 1960 com Marly Vianna. Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), s/d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PuhYTp044Oc&t=1440s> Acesso em 03/04/21.

VIANNA, Marly. Marly Vianna: uma experiência de luta e Clandestinidade além das fronteiras. Entrevista concedida à Angela Roberti e Erica Sarmiento. Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). *Navegar*, v. 3, n. 4, jan./jun., 2017, p. 186-213. Disponível em: [http://www.labimi.uerj.br/navegar/edicoes/04/ENTREVISTA\\_Marly\\_Vianna.pdf](http://www.labimi.uerj.br/navegar/edicoes/04/ENTREVISTA_Marly_Vianna.pdf). Acesso em: 3/05/2021.

## APÊNDICES

**APÊNDICE 1: Entrevista com Marly de Almeida Gomes Vianna, realizada no dia 04 de Junho de 2021.**

**Marly:** As minhas raízes são bem nas Minas Gerais, eu nasci em São João del Rei em Minas. Só que meu pai era oficial do Exército e viajamos a vida inteira e até 10 anos de idade corremos o Brasil. Cada ano eu fazia aniversário num estado diferente e depois aos 10 anos a gente veio para cá [Rio] e eu fiz o Instituto de Educação. Depois fui ser professora primária, casei, tive filhos e aí é que a minha vida mudou.

Então meu pai era militar da tradicional família mineira, não era fácil. Minha mãe era uma pessoa mais aberta, mas aquela história sabe, é bom não entrar em conflito com a autoridade paterna. A nossa vida foi sempre uma vida muito restrita dentro de casa. Além do mais naquela época os militares ganhavam muito pouco. Não tinha nada a ver com hoje em dia. Hoje em dia não ganham grandes fortunas não, mas não tem comparação. Para você ter uma ideia, quando meu pai morreu em 1956 minha mãe passou a receber de pensão praticamente o mesmo que ele recebia em vida porque o Juscelino quando entrou fez o código de vencimentos e vantagens para os militares e acrescentou muita coisa. Então a nossa vida era muito modesta. Cada uma tinha um sapato, uniforme uma roupa pra sair e acabou. E por causa disso não tinha televisão. Para nós foi felizmente, nos deu muito hábito de leitura porque as perspectivas eram poucas.

Então, eu tenho uma irmã que é um ano mais moça que eu e um irmão que é 11 anos mais moço que eu, que vive em Paris. Ele foi preso em 1970 para dizer onde que eu estava e aí ele se meteu na embaixada do Chile. Viveu lá até a queda do Allende, foi preso, passou 40 dias no Estado Nacional e depois pela Cruz Vermelha ele foi para França e depois se naturalizou, vive lá desde aquela época. Ele tinha 22 anos, já estava formado em economia porque ele começou a estudar muito cedo e formou-se muito cedo, ele dava aula na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). E teve que sair, tinha sido preso. E eu me comunicava com ele uma vez por semana. Deixaram-no sair, ele se meteu na embaixada do Chile e depois foi pra França e tá lá até hoje, ele diz que graças ao Pinochet ele virou francês. No Chile ele fez uma peça de teatro chamada 25 anos depois, a qual teve muito prestígio. Uma das melhores atrizes chilenas trabalhou na peça, o Allende assistiu. E ele passou a se dedicar só ao teatro. Na França, ele, diferente dos outros exilados, não entrou na rodinha de brasileiros, ficou como porteiro do

*Foyer de Jeunes Travailleurs*, em Paris onde tinham sido acolhidos e depois ficou trabalhando com a questão dos exilados, foi redator chefe de uma revista muito boa, *Migrations Sociétés*.

**Sofia:** Então durante a tua infância você não teve nenhum contato com política por parte da sua família?

**Marly:** Não, muito pelo contrário. Quando meu pai queria conversar com a minha mãe sobre alguma coisa era de noite, política não era coisa para criança e muito menos para mulher. Nós ouvimos falar mais em política porque meu pai era muito amigo de alguns oficiais que estavam ligados ao Getúlio. Um deles amigo do Amaral Peixoto, em 1951/1952 convidou meu pai para comandar a Polícia Militar no Estado do Rio, porque naquela época era um oficial do Exército que comandava a Polícia Militar, foi meu pai que inclusive criou a Escola de Formação de Oficiais de lá. Mas ele teve algum problema lá, um coronel queria que ele fizesse vista grossa pro jogo do bicho, ele não fez e demitiu-se e foi trabalhar no Ministério da Guerra, na seção de recrutamento, que era mais ou menos um lugar de castigo. Nelson Werneck Sodré também trabalhou lá. E lá ele ficou ligado ao Lott. Ele participou do 11 de novembro, ao lado do Lott. E ele também ficou à disposição de Juscelino, votou no Juscelino. Naquela época, e eu vou tirar isso da minha biografia, em 1955 eu fiz 18 anos e foi a primeira vez que eu votei e votei em Juarez e Milton Campos. Por quê? Porque diziam que o Juscelino era apoiado pelos comunistas e a eu tinha pavor de comunista. Minha avó contava cada história horrorosa, contava que na Rússia os comunistas pegavam as freiras, cortavam os seios e deixavam morrer sangrando e isso era o de menos. Eu tinha pavor do comunismo.

Vimos para o Rio, em 1948... Entrei para o Instituto de Educação em 1950 e lá conheci o Edgar Sussekind de Mendonça, que era membro do partido [PCB], que eu fiquei sabendo muito depois, teve inclusive preso em 1935. E o Sussekind ficou meu amigo. Havia umas meninas que conversavam comigo e hoje eu tenho certeza que eram da UJC e tudo capa preta. Uma chamava-se Miriam, a outra Sara, outra Taiza. Diziam que essa menina tinha livros de Marx na cabeceira e eu escutava mas não tinha a menor ideia de quem era Marx e nem qual era o problema em relação à isso.

Sussekind foi meu professor no Curso Normal, de metodologia da ciência. Eu me lembro que ele nos levou a dois lugares, nos levou à Casa da Moeda e nos levou a uma estamperia. Lembro como se fosse hoje, era uma sala imensa, aquelas moças ali sentadas

trabalhando e ele disse: “Vocês imaginem que elas ficam aqui sentadas 12/13 horas por dia nessa mesma posição, com essa luz horrorosa.”

Como eu era muito metida, eles convidaram-me para fazer parte da chapa do Grêmio Cultural Rui Barbosa, o grêmio do Instituto. Aí eu fui tesoureira da chapa, a chapa ganhou e o diretor fechou o grêmio, acabou-se essa história. Lembro que minha mãe dizia que o Sussekind era comunista e eu dizia “eu gosto muito dele”, e ela dizia “pois essa é a tática dos comunistas para agradar”. Ele me chamava de cometa, eu tinha muita amizade por ele, a gente conversava muito, mas fora isso não houve nenhuma tentativa de recrutamento. Uma dessas meninas de quem falei era mesmo da UJC, mas era um “capapretismo” tão grande que ninguém sabia (foi na época do Manifesto de Agosto) então era tudo super secreto.

O que eu fiz foi entrar, querendo fazer alguma coisa, para os bandeirantes. As bandeirantes criaram uma célula no Instituto, chamava-se Santa Joana d'Arc, eu fiz parte durante um ano trabalhei muito, aprendi semáforo, passava semáforo que era uma beleza, agora não sei mais nada. Depois fiz concurso para guia e não passei. Lembro que caiu sobre a Revolução Francesa, de que eu pouco tinha ouvido falar, eu devo ter defendido a monarquia e esculhambado com a guilhotina, não sei. Mas eu fiquei muito frustrada quando eu deixei as bandeirantes. Fizemos dois acantonamentos que foram muito interessantes e num deles eu salvei uma menina que estava morrendo afogada na piscina. Ganhei uma rara medalha de mérito que nunca tive a oportunidade de usar, era uma grande frustração. Mas eu deixei porque eu comecei a perceber, não sei até que ponto era uma percepção global, que quem tinha muito dinheiro era muito paparicado, porque os acantonamentos eram na casa de pessoas ricas e eram muito endeusadas, essas pessoas não faziam nada a não ser emprestar a casa. Aí eu acabei abandonando. Mas era uma coisa muito boa a gente aprendia muito. Nunca percebi que tentassem nos catequizar para alguma ideologia, se tentaram passou despercebido. O que era interessante era toda a aprendizagem por exemplo de código Morse, passar semáforo, ou sobrevivência em lugares difíceis, aprender a fazer nós. Acampamento a gente nunca fez, meu pai não deixava, o acantonamento que era em casa era muito bom. Éramos eu, Regina Quintela, Rosimary Haad, amigas do ginásio e até hoje (Regina já faleceu).

Enfim, sempre uma certa tentativa de fazer alguma coisa. Eu tinha uma vontade de fazer alguma coisa. Não era uma coisa consciente não, por exemplo quando eu era criança eu vivia dando esmola a todo mundo, minha mãe ficava danada da vida porque tinha um velhinho na feira em São João del Rei que vendia ovos e pelo menos a metade deles era podre, mas eu ficava querendo que a mamãe comprasse. Em Belém do Pará eu tinha seis anos, nós morávamos

numa casa e do lado tinha uma casa grande com uma garagem e nessa garagem moravam duas senhoras. Eu criança não tinha ideia, mas uma devia ter uns 50 e a outra 80. E eu não conseguia entender por que elas tinham que morar numa garagem de favor e eu fazia a minha mãe toda hora mandar alguma coisa para elas até carne eu levava. E eu me lembro que Dona Alice, a mais moça, jogava no bicho e um dia ela ganhou e me deu um presente, uma caixa de bombons com um camafeu em cima. Guardei-a muitos anos. Eu não entendia muito por que que ela estava tão agradecida. Mas enfim, eu achei que as bandeirantes seria uma boa saída para fazer alguma coisa social, evidentemente não foi. E por fim, veio o partido e bom, é por aí.

**Sofia:** Falar sobre a sua participação na campanha para o Lott em 1960.

**Marly:** Tem uma coisa muito pessoal, entraram questões quase que familiares porque como eu te disse eu tinha pavor do comunismo. A minha irmã foi casada com o Leandro Konder e o Leandro era uma pessoa absolutamente adorável e nós frequentávamos a casa deles, moravam ali na Praça General Osório. Eram o Doutor Valério, médico, antigo comunista e membro do Conselho Mundial da Paz, a mulher dele Dona Ione, e os filhos, Leandro, Rodolfo e Luísa. E para você ter uma ideia, o Leandro fazia aniversário junto com o Prestes, dia 3 de janeiro. E um dia nós fomos no aniversário do Leandro, deve ter sido em 1958/59. E aí o Doutor Valério propôs um brinde ao Leandro e ao outro aniversariante do dia. Eu perguntei quem era, me disseram ser o Prestes e eu pensei: que coisa de mau gosto. Depois, eu perguntava algumas coisas ao Leandro que ele me cobrou até morrer. Primeiro eu dizia a ele que era uma vergonha o Prestes nunca ter trabalhado e viver às custas do partido. Eu achava isso uma coisa horrível. E a segunda eu dizia a ele que a filosofia não tinha o menor sentido, para que existia filosofia? Mais tarde, volta e meia o Leandro perguntava, “já descobriu pra que que interessa?” Mas por quê? No Instituto de Educação o primeiro ano normal correspondia ao primeiro ano científico. Depois, no segundo e terceiro normal é que estudávamos as disciplinas mais pedagógicas. No primeiro normal, em 1954, faltou professor de Filosofia, nosso grupo que entrou em 1950 era muito grande

Fazendo um parêntese antes de voltar para a Filosofia. Eu era uma simpatizante do Getúlio desde pequena. Lá em Belém do Pará eu participei, eu tinha cinco anos, da “Parada da Raça”, em 1942. E nós recebíamos uns livrinhos pequenos, sobre a vida de Getúlio como se ele fosse um grande herói. O Magalhães Barata era o interventor no Pará e minha mãe conta que

tínhamos que acenar com bandeirinhas para o palanque das autoridades e minha mãe disse que foi um vexame, porque eu me sobressaía, era a mais alta, e balançava a bandeira pra banda de música... Eu tinha um tio getulista de quem eu gostava muito. Por conta disso, quando o Lacerda começou a campanha dele contra o Getúlio, eu não suportava o Lacerda. Tanto que na nossa formatura do ginásio em 1953, eram dois candidatos a paraninfo o Lacerda e o Ângelo Mendes de Moraes e eu fiz campanha pro Ângelo contra o Lacerda e nós ganhamos. Quando Getúlio se suicidou eu tinha 17 anos. Eu me lembro que quando eu vi a notícia eu saí e me mandei para a Praça da Bandeira porque eu estava doida para participar nas manifestações a favor do Getúlio. Só que na praça da Bandeira não tinha nada, estava deserto porque a manifestação toda era na cidade. Aí eu voltei para casa muito frustrada. Mas o que não impediu de em 1958 eu votar no Juarez Távora. Tinha um professor Antônio Antunes que uma vez, no Instituto, nos ouviu conversando dizendo que o Juscelino era comunista e ele disse assim: “Meninas o perigo vermelho não vem de Moscou, o perigo vem da mulher, se você chegar em casa todo sujo de batom”.

Voltando à Filosofia, quando nós fomos para o primeiro ano normal faltou professor e eles convocaram professores que já estavam aposentados. E coube à minha turma o pobre professor Leopoldo que já estava caquético. Ele falava babando, cuspiendo. A gente pintava e bordava na aula dele, fazia até desfile de moda. E ele falava assim: “Ocês são tudo um bando de búfalas e vou reprovar ocês tudo”. Só tinha mulher no Instituto naquela época, por isso meu pai deixou-nos estudar lá, eu e minha irmã, para sermos professoras primárias. Para mim Filosofia era o Leopoldo. Por isso que eu perguntava ao Leandro, embora ignorância total né?

Quando eu conheci o Leandro e a família dele eu comecei a mudar a minha ideia a respeito dos comunistas. Os comunistas para mim passaram a ser pessoas maravilhosas porque realmente a família do Leandro era uma família excepcional. Dr. Valério era de uma simpatia, Dona Ione de uma doçura. A Luísa era garota que naquela época tinha entre 13 e 15 anos, depois me ajudou muito. Ela casou-se com um dos homens mais ricos do Brasil que foi Antônio Carlos de Almeida Braga. Na época de maior dificuldade foi Luiza quem me ajudou. Ela quem foi limpar minha casa uma das vezes que eu tive que sair, ela e Dona Ione. Depois ela contribuía para nós, praticamente me vestia. Eu encontrava meus filhos na época pior da ditadura na casa dela.

E aí eu comecei a campanha pro Lott, em outubro de 1960. Evidentemente que eu ia votar no Lott, meu pai tinha a maior admiração por ele e Leandro e tal. Eu cheguei a assistir uma reunião da juventude do PTB. Depois quando eu entrei para a faculdade eu me lembro

conversando com Wilson Nascimento Barbosa - que hoje é professor aposentado da USP, é uma pessoa muito inteligente -, eu disse a ele: Eu acho que eu vou entrar para a juventude do PTB”. E ele disse que se eu tiver que entrar para algum partido político tinha que ser pro comunista. E aí pronto, as melhores pessoas que eu conhecia estavam lá, eram o Wilson, o Antônio Carlos Pinto Peixoto que faleceu e o Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, a Valentina Rocha Lima, enfim...

Eu me lembro que quando tirei carteira de motorista em setembro de 1960 eu tirei carteira numa Kombi que estava coberta de propaganda do Lott acho que foi por isso que eu passei porque não sabia colocar o carro em vaga, o policial também era Lott Então foi por aí que eu comecei não só a mudar de ideia em relação aos comunistas (teve muito a ver com a família do Leandro).

Meu avô, pai da minha mãe era integralista, mas era um desses integralistas plebeus. Ele acreditava piamente que - ele conversava muito com o Leandro - e dizia pro Leandro: “Entre o integralismo e o comunismo a única diferença é a religião, que vocês não aceitam e nós aceitamos”. Era aquele aspecto nacionalista antiamericano. Isso foi engraçado, que isso daí vem da família da minha mãe, toda a família da minha mãe era profundamente antiamericanista por esse viés do integralismo. Uma vez meu avô nos levou eu e minha irmã numa reunião integralista festiva, a gente devia ter uns 13/14 anos. Você imagina, a reunião era festiva, aquelas mulheres cantando aquelas músicas assim "óóó" eu e minha irmã ríamos e meu avô ficou furioso e nos levou embora e disse que nunca mais nos levava lá, felizmente. Eram aqueles integralistas que acreditavam no nacionalismo. Em 1938 meu avô estava em Minas, foi preso, apanhou muito coitado, não tinha nada a ver com o levante integralista. Mas sempre usou na lapela aquele *bottom* com o sigma. Mas também nunca falou mal dos comunistas como eu te disse ele dizia que a ideia era a mesma, era querer um Brasil independente, enfim era muita ignorância nesse sentido.

Falando sobre os integralistas... Don Elder Câmara foi da AIB, Rolan Corbusieu, Santiago Dantas e muitos outros foram da AIB. Jeová Mota depois entrou pro PCB. Essa turma toda entrou pro integralismo com uma visão diferente, não era uma visão nazifascista. Até porque naquela época, no início dos anos 30, não se tinha a ideia do nazismo como se tem hoje. O nazismo não foi o que influenciou o Plínio Salgado, era o fascismo italiano que o entusiasmava.

**Sofia:** O que te motivou a entrar na universidade?

**Marly:** Uma coisa que contou muito foi o cursinho pré-vestibular pra faculdade que era dado pelos melhores alunos e de graça. Fiquei muito ligada à eles, o Pedro Celso, como o Antônio Carlos e o Wilson pra dar 3 exemplos, pessoas de inteligência privilegiada.

Uma vez, a Valentina, que era namorada do Antônio Carlos, convidou-me para ir a uma reunião da base. Já tinha me convidado uma vez, mas na hora que eu ia saindo houve qualquer coisa com as crianças e eu não pude sair. Mas na segunda vez eu fui e pedi ingresso na hora, achei que era isso mesmo, era maravilha. Não tinha ideia de quem fosse Marx, de quem fosse Lenin, de revolução Russa, absolutamente. Era aquela ideia, é um grupo que vai fazer alguma coisa para mudar a situação do Brasil. Foi aí que eu entrei e fui logo para o comitê universitário. Eu era a secretaria de finanças da base, fazia finanças adoidada. Inclusive de uma maneira meio burra, eu fazia muita finanças também para o próprio pessoal que era profissional do partido, com Armênio Guedes, a Zuleika Alambert, mas fazia muitas finanças. Eu entrei em abril, em junho ou julho houve uma reunião para eleição do comitê universitário, eu fui pro secretariado do Comitê universitário, secretária de Finanças, mais tarde que eu passei pra secretaria de organização.

Estudar mesmo, era muito pouco. A primeira vez que eu estudei mesmo a sério na vida foi quando eu fui para Moscou em 1965, porque na faculdade a gente estudava para passar, porque o que tinha que fazer era agitação. Bom, primeiro que eu trabalhava, já não estava morando com os meus filhos que estavam com a minha mãe. Então eu trabalhava e quando eu saía do trabalho ou da faculdade eu ia ficar com eles. O tempo era muito pequeno.

**Sofia:** Que tipo de agitações vocês faziam na época?

**Marly:** Em 1961/62, nós estávamos na rua o dia inteiro, qualquer coisa que ocorresse a gente ia manifestar. Na solidariedade à Cuba cansamos de ouvir "Por que que você não vai pra Cuba minha filha?". Nas eleições de 62 que coincidiram com os 40 anos do Partido, havia aqueles cartazes "Prestes indica", porque o partido tava ilegal e não podia ter candidato comunista, mas eram candidatos pelo PTB e outros partidos que eu não me lembro. E eles dividiram a Guanabara assim: os operários votavam no Hercules Correia (tecelão), um grupo votava no João Massena (metalúrgico), e estudantes e intelectuais votavam no Marco Antônio Coelho, todos os três do partido e que foram eleitos. E aí tenho um caso muito engraçado porque

estávamos eu e a Anita [Prestes] no Largo do Machado entregando os panfletos, a gente dizia “propaganda dos candidatos comunistas”. Chovia, as pessoas recebiam a propaganda, a maioria jogavam os panfletos fora, até que um velho pegou e disse “Vocês duas mocinhas tão simpáticas... Simpáticas nada, suas putas.....” Aí eu peguei o guarda-chuva pra dar no velho e a Anita me puxava pelo braço pra eu não dar uma guardachuvada nele.

Então era isso, comício, passeata, atividade dentro da faculdade, recrutando, nós chegamos a ter mais de cem na base da filosofia. Chegamos a ter que dividir por curso porque não dava mais para reunir por faculdade. Eu passei do primeiro para o segundo ano com dependência em História Antiga porque eu não estudava mesmo. Em 1961 eu fiquei em segunda época e em 1962 eu não pude cursar porque o horário da universidade bateu com meu horário de trabalho. E eu fui até conversar na Secretaria de Educação com Antônio Carlos, que tinha sido meu professor no Instituto, era meu amigo, para ver se ele mudava o meu horário na escola, ele disse “De jeito nenhum, vocês vão fazer faculdade e abandonam o ensino primário, não quero saber”. E aí eu tive que trancar a faculdade, só tive que fazer o exame para a dependência em História Antiga. E fui fazer o segundo ano em 1963. Por isso que eu fui colega do Ciro Flamarion Cardoso que estava um ano atrás de mim.

Sempre que dizia meu nome eu dizia com dois “n” pra não confundir com o Eremildo Luiz Viana. Foi assim que o Hélio Vianna descobriu que nós éramos parentes. Ele foi meu professor e um dia eu fui pedir pra ele qualquer coisa. Meu filho estava com sarampo, eu faltara a uma prova e ele nem levantava a cabeça, perguntou o nome, eu disse Vianna com dois “n”. Ele logo se interessou e perguntou: “Parente de quem?” Lembrei que meu tio avô, Vianna do Castelo, foi ministro do Washington Luis e ele disse: "Somos primos" e eu acho até que eu passei com cinco em História do Brasil por causa disso. Era um homem muito culto, mas era integralista de carteirinha. A irmã dele, minha prima dona Argentina, foi casada com o Castelo Branco, mas não conheci. Então quando veio o golpe eu recebi um recado dele, porque eu não consegui voltar para a faculdade, que ele podia me ajudar. Aí eu mandei agradecer muito, que aceitaria se ele pudesse ajudar a mim e a todos os meus colegas que estavam na mesma situação. Pronto, nunca mais nos falamos. Eu tenho um papel escrito por ele sobre a árvore genealógica da família pedindo ajuda, se eu pudesse complementar alguma coisa.

Nos anos 60 tinha havido a denúncia do culto à personalidade de Stalin. E aí houve um pouco uma situação contrária, era legal falar mal da direção do partido, criticar todo mundo. Por exemplo, o Salomão Malina, que foi muito meu amigo, a gente divergiu politicamente mas

eu gostava muito dele. O Malina pediu ao Pedro Celso, ele que dava assistência pra nós, para arranjar para ele uma carteirinha pra ele poder almoçar no restaurante da faculdade. Porque o pessoal profissional do partido vivia na maior miséria. O Pedro Celso, no alto da sua (nossa) arrogância disse: “Para comer aqui só fazendo vestibular”. O Malina fez e passou em primeiro lugar pra Ciências Sociais. Pegava bem falar mal do Prestes e elogiar o Giocondo Dias, não tinha nada a ver, o Prestes estava 100 vezes acima do Giocondo.

Por outro lado, nessa abertura, todo mundo andava na gola, de um lado o escudinho com Lenin do outro lado a foice e o martelo. Todo mundo sabia de tudo, a gente não se escondia não. Éramos identificados a dedo, por isso que os processos na filosofia foram tão fáceis. Sabia quem era da AP que era a Flora Abreu, sabia quem era PCdoB, a Vitória Grabois, quem era da POLOP, sabia-se tudo.

**Sofia:** Quem militava na universidade era a juventude e o Partido?

**Marly:** A juventude do partido não tinha nada a ver com a gente não, eu não conheço ninguém que fosse da universidade. Porque tinha a seção juvenil que era dirigida pela Zuleika Alambert e pelo Marcos Ivanovich, que cuidavam da juventude ligada ao Comitê Central. Era um grupo, que fazia viagens, ia pros festivais, disputava a UNE e a UME. Agora, nós éramos do comitê universitário que era ligado ao Comitê Regional da Guanabara, não tinha nada a ver com a seção juvenil. Eles não tinham jurisdição sobre nós e nós não tínhamos nada a ver com a seção juvenil.

**Sofia:** Não atuavam em conjunto?

**Marly:** Podia ser que em alguma situação festivais da juventude.. Tanto que em 64 no dia do golpe, quando eu soube que o Lacerda estava preparando uma invasão à universidade eu fui pra UNE para mandar que todo mundo fosse para o CACO que era perto do Ministério da Guerra. E o Marcos ficou uma fera dizendo: “Meta-se na sua esfera, você não tem nada a ver conosco”. Depois saíram correndo pelos fundos, quando atacaram a UNE e botaram fogo.

Dois mulheres que tinham muita militância eram a Anieta Campos da Paz e a mulher do Apolônio, a Renné, elas militavam, mas pelo Comitê de bairro da Zona Sul que elas participavam. Eu não sei, eu sempre tive, sem dizer que eu esteja certa, uma certa má vontade com a seção feminina e a seção juvenil. Porque a seção juvenil não era nada, o Comitê

universitário e o grupo metropolitano estavam ligados ao Comitê Estadual do Rio. Então que seção juvenil era essa? Para unir jovens operários? Os que tinham estavam ligados à base do Partido na empresa. Então nunca ficou claro para mim o que fazia essa seção juvenil a não ser viajar e cuidar dos congressos da UNE. Aí sim eles tinham uma grande atividade no Congresso da UNE e da UME, mas fora isso eu nunca vi nenhum trabalho muito especial não.

**Sofia:** Quais eram as principais ações e reivindicações dentro da universidade?

**Marly:** Era a reforma universitária, naquela época a gente brigava muito por fazer uma reforma do currículo e nós brigávamos contra a cátedra. Você veja que coisa, a criação da cátedra foi uma luta dos estudantes para proteger os professores na época de Getúlio, porque eles não podiam ser postos para fora. Mas na nossa época a cátedra já era um anacronismo, eram feudos, o Hélio Viana era o catedrático de História do Brasil, o Eremildo de Idade Média e acabou-se. Só entrava ali os assistentes que eles chamassem. Outra luta, que hoje em dia eu não acho que estivesse correta, era pra ter um terço de representação nos conselhos universitários. Tivemos dois meses de greve, a greve de 1/3, hoje eu não acho que fosse correta. Eu acho que você tem que ter uma representação maior dos alunos, mas porque eu acho que não seja correto? Porque os funcionários e os professores estão permanentemente na Universidade e os alunos estão durante três/quatro anos. Então acho que eles têm que ter uma representação significativa, que eles não tenham só um ou dois representantes, mas não um terço. É muito volátil passa muito rápido, pra eles terem uma visão mais de conjunto. A grande reivindicação dos estudantes de São Carlos, por exemplo, era ter mais espaço para estacionamento, porque a maioria era das engenharias, tinham dinheiro.

**Sofia:** Qual era a posição dos professores na época?

**Marly:** Na minha época de universidade eu não me lembro de nenhum professor do partido, Marx não entrava na universidade. Você tinha professores de esquerda, progressistas que foram perseguidos pela ditadura por serem progressistas. Francisco Falcon que foi meu colega agora na UNIVERSO, um professor absolutamente notável, sempre foi um homem democrata, progressista e não era comunista. O próprio Manoel Maurício que foi um dos meus maiores amigos, era um homem notável que ajudava o partido, mas não era membro. Esteve preso por

acaso, apanhou muito, teve uma embolia pulmonar. Na greve de um terço, nós levamos falta de todos os professores, depois foi uma briga para conseguir abonar as faltas. Se tinham simpatia nenhum dos professores aderiu. Podiam ser assim simpáticos às nossas ideias, mas esse negócio de fazer greve jamais. Jamais houve nesse período uma greve de professores. Primeira vez que eu me lembre foi em 80 e foi uma greve, a meu ver, muito oportunista. Botou para dentro todo mundo que estava lá sem concurso, chamado por amigos. Nesse grupo houve muita gente com grandes méritos, mas houve também uma quantidade por amizade, todos efetivados com a greve de 80. Os concursos começaram depois de 80.

Nós éramos a favor de não ter vestibular, ter outro tipo de entrada. Tínhamos até uma música, chamava-se O auto dos 99%, dizia assim “colega estudar é privilégio de quem veio do colégio, filhos de papai e mamãe. Colega nenhum de nós operário, nenhum de nós camponês, mas colega nós vivemos do salário do filho do operário, filho do camponês... Cabide de emprego, lugar de sossego é go (pros professores).” Criou-se o Centro Popular de Cultura, o CPC da UNE pra levar a cultura popular. Isso nos fez crescer muito em 61 e 62.

Em 63 caímos no erro de toda direção do partido achando que nós éramos o máximo e podíamos radicalizar. Se o partido pede um governo nacionalista e democrático nós temos que ter um diretor nacionalista e democrático na faculdade. E começamos uma campanha burra contra o Eremildo, porque ele era um cara, que depois foi pra extrema direita, e acho que nós demos um empurrão pra ele ir. Uma vez a polícia quis entrar na universidade e eu entrei no gabinete dele avisando e ele botou a polícia pra fora. O sonho dele era ser reitor, ele não nos perturbava. E nós inventamos que ele tinha que sair e elegemos um reitor que não era diferente do Eremildo e foi uma coisa muito idiota.

Em 1961, nós na faculdade conseguimos eleger o Diretório Acadêmico, em 1962 nós fizemos chapa única, graças a uma política de fazer política dentro da faculdade, dos interesses estudantis. Fazíamos um Boletim de História, era uma revista notável, os professores todos escreviam, tínhamos os centros de estudos. Isso nos fez crescer muito porque dava-se atenção às reivindicações dos estudantes. Em 1962 nós não tivemos concorrência pra UME.

Nós achávamos que não estávamos no governo, mas no poder e desprezamos a situação nacional. No Congresso de 1962 da UNE já existia o movimento anticomunista que passou metralhando no congresso, que comemorava no Quitandinha, os 25 anos da UNE. Atiraram pra assustar. Em 1963 já estava claro que a direita estava se organizando. Dentro da universidade atuaram duas figuras, o Paulo Cezar Milani e Vaciti. do CACO. O Salles foi preso e viu o Paulo Milani no DOPS. Foi quando surgiu o CCC (Comando de Caça aos Comunistas),

mas nós não vimos isso, nós achávamos que estávamos no poder. Houve a eleição para o Diretório Acadêmico, eles organizaram uma chapa e nós quase perdemos e isso não nos alertou (chapa era contra os comunistas da universidade, que eu me recorde não era ligada a nenhum partido). Eu não lembro de se falar em partido político, a gente apoiava o PTB porque era o que tinha de mais progressista e aceitava lançar nossos candidatos.

O Wilson era secretário de organização de toda a base da filosofia. O Wilson pediu que cada um de nós fizéssemos uma pequena biografia e fizemos e os documentos ficaram em nossos escaninhos na Faculdade. Quando fecharam a universidade em dezembro de 1963 por causa da manifestação contra o Lacerda esses documentos foram a base do inquérito da filosofia, no qual eu estava. Mas o único que foi preso foi o Wilson, todos os outros foram julgados à revelia e o inquérito prescreveu, nós fomos julgados em 68 e a pena máxima era de dois anos. Quando se passa mais do dobro da pena máxima o inquérito prescreve. O juiz fez questão de dizer, aqui não teve ninguém absolvido. Todo mundo foi julgado à revelia, porque ninguém era besta de se apresentar.

**APÊNDICE 2: Entrevista com Marly de Almeida Gomes Vianna, realizada no dia 29 de setembro de 2021.**

**Marly:** Eu tinha vontade de fazer alguma coisa, não era assim a ideia de uma militância em um partido político, mas de fazer alguma coisa que tivesse um cunho social importante. Eu tentei nas Bandeirantes. A ida para a universidade foi o que deslanchou, que mostrou-me o caminho vamos dizer assim.

**Sofia:** E o que vocês liam na época depois que você entrou no partido? O que tinha de formação política?

**Marly:** Vai ser uma decepção para você. Nada, nada. Não é que a gente não lesse nada, entendeu Sofia?. A gente lia mas não entendia. Pelo menos na parte que me toca porque eu não sei se isso já aconteceu com você. A primeira vez que eu li *O Capital*, o primeiro volume, que foi o que eu li duas vezes, os outros muito mal... Eu não tinha o que dizer porque era escrito com tanta lógica e como você está ainda sem inquietações, sem uma participação na vida política... então aquilo não suscita discussão, aquilo parece lógico e vou discutir o quê em cima disso? Você percebe? Então você precisa avançar um pouco na participação política, no conhecimento de história para poder entender e fazer uma discussão. Eu não tinha nenhuma formação política, absolutamente nenhuma. Eu sempre lia exageradamente, mas romance, é outro departamento. Eu acho que eu lia mais de um livro por semana, porque também não tinha televisão e então a gente lia, foi uma das coisas que mais me ajudou na vida.

Em 61 quando o Jânio caiu o partido fez um folheto sobre a posição do PC em relação à renúncia do Jânio. E fez-se uma discussão para debater este documento do partido e eu me lembro que eu ficava pensando: “mas o que o que se pode discutir em cima disso”. Porque eu achava que tudo o que estava escrito ali estava lógico, vai-se discutir o quê? Isso é muito ligado à minha absoluta falta de cultura política. Quer dizer, custou para entender o que se poderia discutir. Um dia deu um estalo mas foi preciso alguma militância, ouvir algumas discussões para entender. Teve muita gente que entrou para o partido depois de um conhecimento político, de leituras. Por exemplo Antônio Carlos tinha feito dois anos de Itamarati e tinha uma outra vivência política eu não tinha nenhuma. Então para mim no início a gente lia, por exemplo, *O Capital* não lia nessa época não foi mais tarde, mas a gente lia o *A Origem da Família da*

*Propriedade Privada e do Estado*. Mas não assimilava. Você podia até repetir o que estava no livro mas aquele conhecimento... Na escola primária tem um termo que chamamos de “redescoberta”. Por exemplo você ensina a criança que dois mais dois são quatro. Pronto dois mais dois são quatro aquilo ela não discute de jeito nenhum e nenhuma criança fica no momento elaborando... 2+2 são 4 acabou-se. Tem um dia, que dá um *insight*, que ela percebe que dois mais dois são quatro porque por acaso ela juntou dois palitos aqui dois ali. Então você aprendeu.

E depois do ponto de vista da História, aí já bem mais tarde, o que me ajudou muito foi quando eu voltei ao Brasil e fui fazer mestrado com o Ciro Flamarion e comecei a estudar Metodologia da História. Até porque antes a gente não estudava coisa nenhuma, fazia era agitação na universidade. Então que me lembre foi: *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática, Esquerdismo, doença Infantil do comunismo, A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* do Engels, o *Manifesto do Partido Comunista* e não me lembro se a gente leu *A Sagrada Família*, mas eram leituras assim que você leu e acabou. Amanhã ou depois se você me pedisse para explicar o livro para discutir, não dava. O que me serviu de lição como professora. Muitas vezes considera-se um aluno muito fraco e então é bom você lembrar como é que você era, é bom perguntar-se “Será que eu naquela ocasião seria capaz?”. Isso ajuda a ajudar o aluno a se desenvolver. Quem uma vez comentou bem isso foi a Lenina Pomeranz, ela disse assim “Às vezes as pessoas esquecem da ignorância que tinham em determinadas ocasiões.”

O que eu quero dizer é que nesses primeiros anos do partido eu lia mas eu não incorporava. Além disso, o partido não facilitava muita discussão não, mas mesmo quando eu fui para Moscou em 1965 que a gente tinha aulas de teoria e tática, da história do partido... Eu não tinha bagagem cultural para discutir muito essas questões, mas a gente foi avançando aos pouquinhos.

**Sofia:** Quais foram as amizades mais marcantes nesse período?

**Marly:** Tinha um grupo de amizades muito marcantes que foi da época do Instituto de Educação que são minhas amigas até hoje. Para você ter uma ideia, em setembro, agora dia 26 de setembro fez sessenta e cinco anos que nós fomos nomeadas. Então bota mais três de curso normal...são quase 70 anos que a gente se conhece. Mas esse é um grupo do Instituto: Regina Quintela (a única que faleceu), Rosemaruy, Laura, Nilma, Marly Lima, juntas até hoje. Da época da

universidade, Dorinha que é muito minha amiga até hoje, Flora Abreu, Maria Lúcia Teixeira, Aluísio Teixeira todo aquele grupo do comitê universitário da época, o Fernando e Moisés Sclo, Ney, muita gente da medicina - que eu dava assistência à Medicina. E Anita, que depois de 30 anos de amizade rompeu comigo por causa de meu livro sobre 35.

Com algumas pessoas perdi o contato. Todos aqueles colegas que estavam ligados ao partido desde o início continuaram amigos. O ano retrasado a Flora Abreu, que era casada com um amigo meu também, (a Flora foi uma das dirigentes do Tortura Nunca Mais) fez 80 anos e a gente se reuniu ela fez uma festa convidou alguns amigos e aí eu revi muita gente daquela turma com muitos nós não mantivemos o contato mas é aquele prazer quando a gente se encontra.

Mas principalmente a Dorinha, Ailton, Alcir, Flora, Cecília Coimbra, o Novais que era o marido dela, o Pedro Celso, a Valentina (filha do grande gramático Rocha Lima) que faleceu, o Antônio Carlos e o Aluísio Teixeira também. A minha geração está indo embora se bem que eles fossem bem mais moços porque geralmente as mulheres eram seis anos mais moças que eu e os homens geralmente eram três quatro anos de diferença.

Mas o que eu quero dizer é que foram ligações muito fortes, algumas amizades que continuam. Enfim foi a época mais marcante da nossa vida porque depois continuou a militância e deste grupo, Sofia, uma coisa interessante é que ninguém desbundou não. Algumas pessoas se afastaram um pouquinho por esse ou por aquele motivo, mas ninguém virou a casaca.

**Sofia:** Muitos militantes mudam de posições ou acabam defendendo coisas que vão contra as posições que tinham na juventude. Eu queria saber se alguma vez, não de endireitar, mas se pensou em deixar a militância e o que te fez seguir?

**Marly:** Nunca pensei em mudar de posição. Realmente nunca me ocorreu, achei até engraçada a pergunta. Nunca nem me passou pela cabeça entendeu.

**Sofia:** Você tem algum arquivo guardado dessa época?

**Marly:** Desse período eu não tenho nada porque a gente não guardava nada. O que eu tinha era a coleção da discussão para o sexto congresso que eu incorporei no arquivo do Astrojildo quando eu viajei.

**Sofia:** Se você puder falar sobre a organização dos livros da História Nova pelo Werneck Sodré

**Marly:** O Sodré em 1963 trabalhava no ISEB ele era chefe do Departamento de História lá e ele resolveu – foi uma ótima iniciativa, eu tenho aqui acho que a coleção toda - a História Nova. Participou essa turma que eu falei agora, Pedro Celso Uchôa, Maurício de Mello, Joel Rufino.... Foi quando ele me chamou para participar e eu achei que aquilo era uma bobagem! Imagina! A revolução na rua e a gente pensando em escrever sobre História do Brasil. É uma coleção muito interessante. Agora eu soube com certeza que quem coordenou mesmo aquela coleção foi o Francisco Falcão, que não quis aparecer, então Werneck Sodré foi quem organizou, mas por trás daqueles alunos todos era o Falcon que tinha sido professor de todo mundo. E ele confirmou isso. Depois a ditadura retirou os livros das livrarias e ficaram proibidos, são raros os exemplares. Eu tenho também alguns do CPC da UNE, *Quem é o povo no Brasil*, *O que é a reforma agrária*. *Quem é o povo no Brasil* foi escrito pelo Werneck Sodré.

**Sofia:** Você chegou a participar de algum evento do CPC? De alguma peça de teatro?

**Marly:** Não, eu só assistia. Era um grupo notável. Você não imagina o notável que era a encenação do subdesenvolvido. Quem participava muito e morreu faz pouco tempo foi Alba Zaluar que às vezes aparecia na TV, foi antropóloga e trabalhava com questões da violência. Volta e meia ela estava na televisão do núcleo contra a violência. Mas não participei não, mas a Albinha cantava uma música que era assim “seu deputado tem gente com fome a ele respondia: estou pouco ligando”. O subdesenvolvido foi uma das coisas mais fantásticas que o pessoal fez. E aquela história que eu contei quando a filosofia foi fechada que se fez aquela música contra a entrada do Lacerda, foi o pessoal do CPC que fez. Era realmente uma turma muito boa.

**Sofia:** Sobre o fechamento da faculdade em 1963. Quais foram os motivos? Além do episódio do Lacerda?

**Marly:** Eles fecharam a faculdade naquele episódio do Lacerda. Depois eles reabriram. Eu não me lembro porquê, mas logo depois foi fechada de novo. Eles devem ter aberto durante muito pouco tempo. Quando veio o golpe foi um terror. Vasculharam os nossos escaninhos... aquela

história que eu contei. Reabriu tenho impressão que final de abril. Quando reabriu foi com milícias e inclusive o filho do Eremildo patrulhando com metralhadora a universidade coisas assim. Mas algumas pessoas conseguiram terminar o curso. Antônio Carlos terminou em 65 Anita terminou o curso dela em 65 e ainda fez mestrado sem problema nenhum.

**Sofia:** Como que foi trabalhar, estudar e cuidar dos filhos?

**Marly:** No início não foi tão pesado assim. Porque havia não sei se ainda existe, quando você engravidava com seis meses de gravidez você podia pedir o que eles chamavam de amparo. A licença de gravidez eram quatro meses e aí você tirava um antes e três depois da criança nascer. O amparo você ficava numa escola mais próxima da sua casa você tinha esse direito. Então quando Tânia nasceu eu trabalhava em Botafogo perto da Escola Pedro Ernesto que eu não sei se é no início da Lagoa tem uma Igreja Santa Margarida Maria aí eu fiquei amparada lá. Aí Tânia eu tirei mesmo a licença em final de agosto, então eu tinha setembro outubro novembro e dezembro. Depois você tinha mais seis meses de amparo pós-natal. Aí eu emendei o amparo pós-natal da Tânia com o pré-natal do Marcos meu segundo filho. Depois eu emendei do mesmo jeito o pós-natal do Marcos com o pré-natal da Gisela.

**Sofia:** Quais foram as suas principais influências do Partido?

**Marly:** Havia no nosso grupo uma influência política que era contra o Prestes que pintava o Prestes como um esquerdista e o Giocondo Dias como a pessoa boa. Isso sim havia, e a gente sem conhecer nada direito também achava isso. Falar mal do Prestes pegava bem, a gente achava que o Giocondo que seria a grande figura que queria um partido de massas e o Prestes era um sectário, um capa preta, etc. Isso teve alguma influência aqui na Guanabara. Era o Armênio Guedes, o Givaldo, o Malina, mas decisivo assim não foi não, porque nenhuma dessas questões influenciou na nossa atividade no movimento estudantil.

**Sofia:** E o Leandro Konder?

**Marly:** O Leandro foi decisivo. Eu conheci em 57, ainda estava grávida da Tânia quando eu conheci o Leandro e aí sim, vamos dizer assim, pra eu perder o medo do comunismo para achar que os comunistas eram bons, total dele, Doutor Valério Konder, Dona Ioni, a família Konder.

Foi decisivo, porque até aí então para mim comunista comia criancinha, não literalmente, mas era vamos disser assim a besta fera. Então quando eu conheci o Leandro foi outro mundo, um pessoal maravilhoso porque realmente era uma família maravilhosa.

**Sofia:** A última pergunta que é: o que é ser comunista para você?

**Marly:** Olha, é participar da vida para mudar o mundo e a sociedade, é isso, é você querer não só ter a sua vida individual é você participar de uma comunidade... Eu acho que é a única maneira de você se sentir pessoa. Eu não estou criticando quem não seja, sabe Sofia, mas para mim a única maneira de você se sentir integrada numa sociedade, a única maneira de você se sentir ser humano é você participar politicamente e da esquerda, é claro.

**APÊNDICE 3: Termo de consentimento**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário(a), do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) de graduação Sofia Vendramini Andrade, do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, que pode ser contatado(a) pelo e-mail \_\_\_\_\_ e pelo telefone (48) 99162-1997. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar um trabalho de conclusão de curso de graduação intitulado "Marly Vianna: a trajetória política de uma militante comunista no início dos 1960 no Rio de Janeiro". Minha participação consistirá em conceder entrevistas que serão gravadas e transcritas. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica. A aluna providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento e aprovação antes de sua utilização final em seu trabalho. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

*Marly de Almeida Gomes Vianna*  
Assinatura

Rio de Janeiro, 4 de Junho de 2021.

**ANEXOS**

**Anexo 1:** Militares depredam sede da UNE após o golpe de 1964



Fonte: <https://www.une.org.br/fotos/>

**Anexo 2:** Estudante preso após vaia à Castelo Branco.



Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/card/general-presidente-recebe-primeira-vaia#card-26>

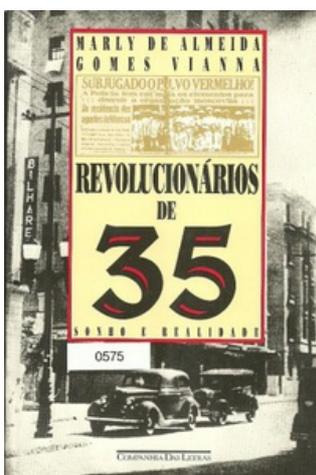


**Anexo 4:** Depoimento de Zuleide Faria de Melo (centro), para o livro *Luta e memória*, realizado em 19 de março de 2013, com a participação de Dora Henrique da Costa (à esquerda) e de Marly Vianna (à direita). Coordenação de Maria Ciavatta.



Fonte: Acervo Maria Ciavatta. Niterói, RJ. Universidade Federal Fluminense. Foto de Paulo Carrano. “LUTA E MEMÓRIA (II). O arquivo histórico do Partido Comunista Brasileiro guardado no Rio de Janeiro.

**Anexo 5:** Livro de Marly “Revolucionários de 1935: sonho e realidade”.



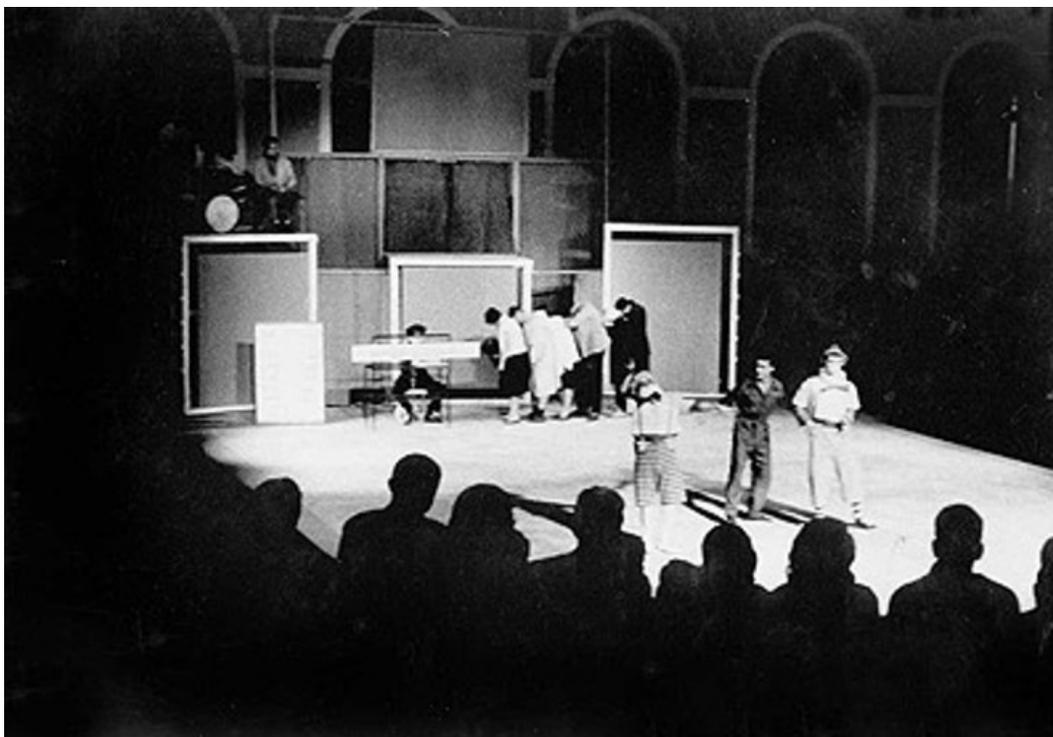


**Anexo 8:** Bancada Comunista na Constituinte de 1946.



Fonte: ROEDEL, Hiran; AQUINO, VIEIRA, Fernando; NAEGELI, Lucia; MARTINS, Luciana. PCB: 80 anos de luta. Rio de Janeiro: Fundação Dinardo Reis, 2002, p.40.

**Anexo 9:** Montagem da peça A mais-valia vai acabar, Seu Edgar, de Oduvaldo Vianna Filho, no Teatro da Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro, em 1960.



Fonte: <https://brasilpos1950.wordpress.com/anos-60-imagens/cpc-da-une/teatro-do-cpc/>

**Anexo 10: UNE Volante**

Fonte: <https://outraspalavras.net/historia-e-memoria/60-anos-do-centro-popular-de-cultura-da-une-e-seu-legado/>

**Anexo 11: “Pátria o Muerte!”, espetáculo encenado pelo CPC/PR, em Curitiba em 1960.**

Fonte: <https://brasilpos1950.wordpress.com/anos-60-imagens/cpc-da-une/teatro-do-cpc/>

Anexo 12: Jornal Correio da Manhã do dia 1 de junho de 1962.

# Correio da Manhã

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 1 DE JUNHO DE 1962

PRESIDENTE  
PAULO FILHO  
Árvore, Casa Verde, 411

VICE-PRESIDENTE  
ANTÔNIO JOSÉ DE SOUZA NETTO  
N.º 21 BR — ANO LIII  
DIRETOR-GERENTE  
ALBINO DE SALES

## Pedro Aleixo: 'Criam clima para golpe desacreditando Congresso'

## Greve geral universitária e Goulart apoia a causa

**BRASÍLIA, 31 (Suaressa)** — Declarando que falava em nome do bloco UDN-PL e de um grupo de deputados e senadores, o sr. Pedro Aleixo (UDN-MG) denunciou hoje a Câmara, na sessão extraordinária matutina, uma conjuração contra o Congresso Nacional, com o objetivo de instaurar um regime de força no país. No plenário, servido na primeira fila, encontrava-se o "premier" Tancredo Neves.

Diz ainda que os que assumiam lugares parlamentares de subterfúgio o interesse de grupos ou facções nos interesses nacionais, esquecem-se dos ministros e membros do Judiciário prevaricadores e não pedem para eles as mesmas sanções definidas na legislação penal.

Com referência à substituição dos ministros candidatos, sustentou o sr. Pedro Aleixo que o Brasil não cairia no caso de fazer a reforma do Gabinete. Ao contrário, estaria sendo um prêmio a Constituição.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

A partir de hoje, com mil universitários de todo país em greve, lutando pela participação de um livro de alunos nas Congregações, Conselhos Departamentais e Universitários das faculdades, escolas e universidades. A decisão, anteriormente tomada no Conselho da UNE, em São Paulo, foi aprovada na Assembleia do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO), hoje, estagnado no Ministério da Educação e Cultura na reforma das Universidades Federais para tomar posição face ao problema. O presidente da UNE, acadêmico Aldo Arantes, declarou que a revolução conta com o apoio do presidente João Goulart.

**ASSEMBLEIA**

Convidado pela diretoria do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, acadêmico Ronaldo de Souza, presidente da Faculdade Nacional de Filosofia, reuniu-se hoje a Assembleia, para deliberar sobre a greve deflagrada em todo o Brasil.

O presidente do CACO, acadêmico José Carlos Brandão, declarou que a greve política não é uma greve de caráter político, mas sim uma greve de caráter acadêmico. Ele afirmou que a greve política não é uma greve de caráter político, mas sim uma greve de caráter acadêmico.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

**REVOLUÇÃO**

"As Investidas que se propõem em nome da Legislação e da Constituição — um século mais tarde — não são revoluções, são golpes de Estado", afirmou Pedro Aleixo, da mesma forma, discorrendo sobre o argumento de Tancredo Neves de que a Constituição não dá ao presidente o direito de nomear e demitir ministros, mas sim ao Congresso Nacional, pelo voto de maioria absoluta.

Após a leitura do texto do relatório, o sr. Pedro Aleixo afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita. Ele afirmou que a reforma do Gabinete, se não for feita imediatamente, não será feita.

### Acórdo já trouxe trigo dos EUA para Guanabara

Novo mil toneladas de trigo em grão norte-americano foram desembarcadas ontem, pelo processo de sucção imediata, no cais de São Paulo, no porto de Guanabara, em um navio que chegou ontem de madrugada.

### Comunistas apoiam candidato do PTB (RS)

PTB ALTOREGA: Os comunistas apoiam o candidato do PTB (RS) para governador do Rio Grande do Sul, o sr. João Antônio de Moraes, em uma reunião realizada ontem em Porto Alegre.

### Supremo negou promoção ao oficial que já tinha duas

BRASÍLIA (Suaressa) — O Supremo Tribunal Federal negou, por unanimidade de votos, a promoção de um oficial do Exército, que já tinha duas promoções anteriores.

### Governo paranaense quer adaptar Paranaguá à ZLC

O governo do Paraná encaminhou ao governo federal um plano visando à modernização e reorganização de Paranaguá, visando à adaptação da cidade à Zona de Livre Comércio (ZLC).

### Diretor de fábrica acusa grupo econômico de espoliação de patrimônio

BRASÍLIA, 31 (Suaressa) — Um plano para acusar o grupo econômico que espoliou o patrimônio da Fábrica de Papel Iguaçu, durante o regime de Getúlio Vargas, foi apresentado ontem ao Conselho Administrativo de Recursos Fiscais.

### Senado aprova emendas importantes

BRASÍLIA, 31 — (Suaressa) — O Senado aprovou, em sessão extraordinária, emendas importantes à Constituição, relacionadas com a reforma do Poder Judiciário.

### Senado aprova emendas importantes

BRASÍLIA, 31 — (Suaressa) — O Senado aprovou, em sessão extraordinária, emendas importantes à Constituição, relacionadas com a reforma do Poder Judiciário.

### Senado aprova emendas importantes

BRASÍLIA, 31 — (Suaressa) — O Senado aprovou, em sessão extraordinária, emendas importantes à Constituição, relacionadas com a reforma do Poder Judiciário.

### Senado aprova emendas importantes

BRASÍLIA, 31 — (Suaressa) — O Senado aprovou, em sessão extraordinária, emendas importantes à Constituição, relacionadas com a reforma do Poder Judiciário.

### Senado aprova emendas importantes

BRASÍLIA, 31 — (Suaressa) — O Senado aprovou, em sessão extraordinária, emendas importantes à Constituição, relacionadas com a reforma do Poder Judiciário.

### Senado aprova emendas importantes

BRASÍLIA, 31 — (Suaressa) — O Senado aprovou, em sessão extraordinária, emendas importantes à Constituição, relacionadas com a reforma do Poder Judiciário.

### Senado aprova emendas importantes

BRASÍLIA, 31 — (Suaressa) — O Senado aprovou, em sessão extraordinária, emendas importantes à Constituição, relacionadas com a reforma do Poder Judiciário.



Anexo 14: Jornal do PCB *Novos Rumos* do dia 31 de dezembro de 1963.

# FACE OCULTA

O povo brasileiro Aguardo Frederico Schmidt desde a sua chegada abriu seu coração para o jornalista que chegou ao Brasil em 1963. O povo brasileiro Aguardo Frederico Schmidt desde a sua chegada abriu seu coração para o jornalista que chegou ao Brasil em 1963. O povo brasileiro Aguardo Frederico Schmidt desde a sua chegada abriu seu coração para o jornalista que chegou ao Brasil em 1963.

# PROVOCAÇÃO E FRACASSO

Os estudantes da Faculdade Nacional de Filosofia não permitiram que se consumasse na última sexta-feira, uma grossa provocação e uma decisão soberana dos estudantes. Lacerda foi, mais uma vez, um provocador derrotado.

# MILITÁRIA DA REVOLUÇÃO CUBANA

A vitória da revolução cubana contribuiu para uma série de importantes modificações na situação da América Latina. Essas modificações envolvem a maneira de apreciar os problemas da paz e da guerra. Dizem respeito a inúmeras questões da política externa. Abrangem outros assuntos de ordem econômica e política, social ou mesmo ideológica.

# Novos Rumos

Um instrumento dos Estados Unidos, o Departamento de Estado pressiona para obter o rompimento com Cuba. E por esse meio que os magnatas norte-americanos e os círculos dirigentes de Washington pretendem levar a u' mudança substancial a política externa dos países mais importantes da América Latina. O Brasil e o México encontram-se, particularmente, entre os países visados pelos Estados Unidos para essa infame manobra.



Um cordão humano da PE separava os populares das autoridades que procuravam dissuadir o governador Carlos Lacerda de seu intento de entrar na FNNI ocupada pelos estudantes. Mas finalmente, depois de ser desaconselhado por seu assessor militar em abril numa ocasião idêntica (mesmo de plano), o governador retirou-se do local e os cálculos e posturas não encontraram nem sustentação nem validade.

Com a retirada do governador a "tarde dos gorilas" chegou a sua conclusão. O diretor da Faculdade abriu ao coronel Ventura e ao presidente do Departamento de Filosofia, o Dr. Campos, que foram convidados a presenciar o período de uma hora de sessão preparatória para ser lido o parecer de uma comissão de trabalho que havia sido formada durante a qual o diretor da Faculdade, professor Faria Góes (nomeado com a aprovação dos alunos congregados com os estudantes pelo comportamento sereno que manifestaram ao longo do curso).

A Polícia do Exército que foi garantir o prédio da Faculdade Nacional de Filosofia de um ataque da polícia lacerdista, teve ainda que vigiar o governador que desistiu de sua tentativa de entrar na FNNI, pois seria novamente insultado pelo povo.

Um momento em que um tenente de Batalhão pediu ao senhor Pedro Calmon e ao diretor Faria Góes que terminassem com Lacerda, pois seria novamente insultado pelo povo.

Desde as primeiras horas da tarde uma verdadeira multidão comprimiu-se à porta da FNNI para encerrar Lacerda, um pedido de fazer sua própria declaração, os estudantes que ocuparam a Faculdade.

na, particularmente, obteve essa simpatia e infinda confiança às massas, exemplo.

A estratégia do Departamento de Estado norte-americano e dos potentados da Casa Branca já não encontra bases para a guerra local, com armas convencionais, nem mesmo pode lançar mão de armas nucleares, com os riscos de uma guerra mundial. E cada vez mais evidente que a defesa de Cuba está estreitamente ligada à defesa da paz no mundo inteiro. Ao menor passo de ataque do Pentágono à integridade de Cuba, seguir-se-á o revide da União Soviética, acompanhada de todos os países socialistas e da parte progressista e revolucionária dos demais países do mundo.

Os imperialistas norte-americanos procuram agora insistentemente o isolamento de Cuba, porque não conseguiram liquidar a revolução com um ataque armado ou com a guerra, e cujas bordas quase chegam a humanidade.

O isolamento de Cuba seria para eles o rompimento, pelo menos, dos países latino-americanos, e por consequência, a suspensão das relações diplomáticas.

Os imperialistas lanques já haviam recorrido antes aos aviões piratas. Lançaram missões infláveis sobre Cuba. Despejaram sobre a ilha milhares de armas norte-americanas e centenas de toneladas de explosivos. Organizaram as fracassadas invasões da praça Giron e da Baía de Los Cochinos.

Em nenhum desses momentos a OEA se reuniu para apurar o lado partia a agressão. Entretanto, recente denúncia, acusando fustamente Cuba de ter desarmado 3 milhões de toneladas de armas em território venezuelano, passa a ser motivo de investigação de uma comissão de Inquérito da OEA. E através dessa organização, que outra coisa não é

senão um instrumento dos Estados Unidos, o Departamento de Estado pressiona para obter o rompimento com Cuba. E por esse meio que os magnatas norte-americanos e os círculos dirigentes de Washington pretendem levar a u' mudança substancial a política externa dos países mais importantes da América Latina. O Brasil e o México encontram-se, particularmente, entre os países visados pelos Estados Unidos para essa infame manobra.

Trata-se de uma espécie de ação coletiva sob o patrocínio da OEA, baseada no caduço Tratado do Rio de Janeiro. Com isso os imperialistas norte-americanos poriam abaixo a política externa de defesa da autodeterminação e de não-intervenção que até agora tem sido um ponto positivo na atitude do governo brasileiro em face de Cuba.

Ficou estragada e reacionária que atacam sobretudo no Ilamarati e contam com o apoio do ministro gorila Araújo Castro, trabalham ao lado dos norte-americanos pelo rompimento do Brasil com Cuba.

A política externa brasileira, em tal caso, só poderia ser esse aspecto um retrocesso, e pelo mundo no que se refere ao problema cubano, teria deixado de refletir o sentimento do povo e os próprios interesses da burguesia nacional.

E contra isto que se torna necessário mobilizar as forças populares e o movimento popular de solidariedade a Cuba.

Este movimento tem amplitude, conforme evidenciou o Congresso Continental de solidariedade a Cuba, realizado em ano findo em Niterói.

Recordando ao forte e prestigiado movimento sindical ao movimento camponês que acaba de alcançar uma grande vitória política com a unificação de suas forças principais; buscando o apoio do movimento estudantil organizado; apelando para as

Anexo 15: Jornal O Globo do dia 31 de dezembro de 1963.

O GLOBO 31-12-63 \* Página 6

Ato de violência impediu a Solenidade de Formatura na Faculdade de Filosofia

ENTO a cinquenta alunos impediram a entrada de uma comissão de inspeção da Faculdade Nacional de Filosofia...

Comunistas Impedem a Cerimônia
Concretizando um antigo plano, os alunos da Faculdade Nacional de Filosofia impediram a realização da solenidade de formatura...

Faculdade é Aberta
Depois de prolongadas negociações, o diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, Prof. Paulo de Azevedo, decidiu abrir as portas da instituição...

Emocionado o Reitor
Dificultada a solenidade de formatura na Faculdade Nacional de Filosofia, o reitor Paulo de Azevedo ficou profundamente emocionado...

Exército Entrega
Continuando, o Prof. Paulo de Azevedo disse aos indisciplinados estudantes que o Exército entregara para eles o prédio da Faculdade...

Ordem do Ministro
Deixando os estudantes em atitude despretensiosa e auto-denunciante, o ministro da Educação, Carlos Lacerda, afirmou que a ordem viera do Ministério da Justiça...

Ação Judicial
Vendo que o reitor não iria cumprir aquilo ato de indisciplina, o diretor Paulo de Azevedo decidiu recorrer ao Poder Judiciário...

Protesto Dos Novos Jornalistas
Protestando contra a falta de garantia para entrar na Faculdade Nacional de Filosofia, os novos jornalistas fizeram uma manifestação...

Universitários
O Diretor Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia, Prof. Paulo de Azevedo, afirmou que a ordem viera do Ministério da Justiça...

Discusso Que Não Foi Lid
Como parâmetro da turma, o Prof. Ermilino Luis Vianna procurou um discurso em que tratava as normas de conduta de um verdadeiro jornalista...

Ari Barroso Passa Bem em Ipanema
O Dr. Ari Barroso, médico assistente do hospital, afirmou que não se preocupava com a situação de saúde de seu filho...

Removidos Para o Hospital Militar os Cíveis Implicados no Levante de Brasília
Os líderes maoístas, que há cerca de 15 dias se encontram na Casa de Detenção, foram removidos para o Hospital Militar...

Tom Jones, o Melhor Filme do Ano Para a Crítica de Nova York
A crítica cinematográfica de Nova York, Tom Jones, afirmou que o filme brasileiro 'Tom Jones' era o melhor do ano...

Chegou a Brasília o Presidente Goulart
O Presidente João Goulart chegou a Brasília ontem à noite de ontem, após uma viagem de dois dias...

Comêço da Escravidão
O incidente de hoje finalizou o Governador...



Um tumulto e violência na Assembleia do Estado...

Conclusão de 1ª página
A sessão legislativa foi interrompida por tumultos e violência na Assembleia do Estado...

Prémiação
O governador Carlos Lacerda, depois dos incidentes verificadas ontem na tarde na porta da FNNF...

Faculdade Fechada
Mas o que houve hoje na tarde? - Simplesmente, a Faculdade Nacional de Filosofia foi fechada...

Ainda Desaparecido o Menor Sequestrado
MENDOR José Pereira Santiago, de 9 anos, sequestrado em 27 de dezembro...

Brasil Exportará Vacina Para o Peru
O Instituto Oswaldo Cruz recebeu do Peru um pedido de compra de vacinas...

Plano Desesperado
O plano dos comunistas pernicioso-se logo reatriga o Exército com o plano desesperado para a sucessão em 65...

Mensagem do Sindicato Dos Jornalistas
O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro enviou mensagem de apoio ao governador...

Tom Jones, o Melhor Filme do Ano Para a Crítica de Nova York
A crítica cinematográfica de Nova York, Tom Jones, afirmou que o filme brasileiro 'Tom Jones' era o melhor do ano...

Chegou a Brasília o Presidente Goulart
O Presidente João Goulart chegou a Brasília ontem à noite de ontem, após uma viagem de dois dias...

Comêço da Escravidão
O incidente de hoje finalizou o Governador...

Faculdades Históricas
A tropa formada para a evacuação, enquanto os historiadores comunistas continuavam a fazer propaganda...

Tom Jones, o Melhor Filme do Ano Para a Crítica de Nova York
A crítica cinematográfica de Nova York, Tom Jones, afirmou que o filme brasileiro 'Tom Jones' era o melhor do ano...

Chegou a Brasília o Presidente Goulart
O Presidente João Goulart chegou a Brasília ontem à noite de ontem, após uma viagem de dois dias...

Comêço da Escravidão
O incidente de hoje finalizou o Governador...

Faculdades Históricas
A tropa formada para a evacuação, enquanto os historiadores comunistas continuavam a fazer propaganda...

Tom Jones, o Melhor Filme do Ano Para a Crítica de Nova York
A crítica cinematográfica de Nova York, Tom Jones, afirmou que o filme brasileiro 'Tom Jones' era o melhor do ano...

Chegou a Brasília o Presidente Goulart
O Presidente João Goulart chegou a Brasília ontem à noite de ontem, após uma viagem de dois dias...

Comêço da Escravidão
O incidente de hoje finalizou o Governador...

Faculdades Históricas
A tropa formada para a evacuação, enquanto os historiadores comunistas continuavam a fazer propaganda...



Um tumulto e violência na Assembleia do Estado...

Conclusão de 1ª página
A sessão legislativa foi interrompida por tumultos e violência na Assembleia do Estado...

Prémiação
O governador Carlos Lacerda, depois dos incidentes verificadas ontem na tarde na porta da FNNF...

Faculdade Fechada
Mas o que houve hoje na tarde? - Simplesmente, a Faculdade Nacional de Filosofia foi fechada...

Ainda Desaparecido o Menor Sequestrado
MENDOR José Pereira Santiago, de 9 anos, sequestrado em 27 de dezembro...

Brasil Exportará Vacina Para o Peru
O Instituto Oswaldo Cruz recebeu do Peru um pedido de compra de vacinas...

Plano Desesperado
O plano dos comunistas pernicioso-se logo reatriga o Exército com o plano desesperado para a sucessão em 65...

Mensagem do Sindicato Dos Jornalistas
O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro enviou mensagem de apoio ao governador...

Tom Jones, o Melhor Filme do Ano Para a Crítica de Nova York
A crítica cinematográfica de Nova York, Tom Jones, afirmou que o filme brasileiro 'Tom Jones' era o melhor do ano...

Chegou a Brasília o Presidente Goulart
O Presidente João Goulart chegou a Brasília ontem à noite de ontem, após uma viagem de dois dias...

Comêço da Escravidão
O incidente de hoje finalizou o Governador...

Faculdades Históricas
A tropa formada para a evacuação, enquanto os historiadores comunistas continuavam a fazer propaganda...

Tom Jones, o Melhor Filme do Ano Para a Crítica de Nova York
A crítica cinematográfica de Nova York, Tom Jones, afirmou que o filme brasileiro 'Tom Jones' era o melhor do ano...

Chegou a Brasília o Presidente Goulart
O Presidente João Goulart chegou a Brasília ontem à noite de ontem, após uma viagem de dois dias...

Comêço da Escravidão
O incidente de hoje finalizou o Governador...

Faculdades Históricas
A tropa formada para a evacuação, enquanto os historiadores comunistas continuavam a fazer propaganda...

Tom Jones, o Melhor Filme do Ano Para a Crítica de Nova York
A crítica cinematográfica de Nova York, Tom Jones, afirmou que o filme brasileiro 'Tom Jones' era o melhor do ano...

Chegou a Brasília o Presidente Goulart
O Presidente João Goulart chegou a Brasília ontem à noite de ontem, após uma viagem de dois dias...

Comêço da Escravidão
O incidente de hoje finalizou o Governador...

Faculdades Históricas
A tropa formada para a evacuação, enquanto os historiadores comunistas continuavam a fazer propaganda...

**Anexo 16:** Foto de Marly de Almeida Gomes Vianna

